

Edição
Temática Livre



SOMNIUM 121

Somnium é uma publicação oficial do CLFC - Clube dos Leitores de Ficção Científica

Destaque FCB

Nomes no Tempo
de Roberto Causo

Outros Contos

José S. Fernandes
Thiago Gesser
Pricila Elspeth

Vencedores do
Prêmio Argos 2022

Quadrinhos

Vida em Marte
de Christian David
e Flávio Soares

Resenha

Lugar Nenhum

Artigo

Os balões na ficção

Editorial

por Luiz Felipe Vasques

Saudações!

Metade do ano já passou. No momento em que escrevo este editorial, há 54 anos a Apollo XI decolou e hoje estava ainda a caminho da Lua. 2023 é o ano em que as promessas da presença do ser Humano na Lua são, finalmente, retomadas.

É o ano em que a COVID 19 perde seu status de pandemia, no Brasil, é o ano em que tomamos um doce retorno à normalidade. Na literatura fantástica, retomamos uma saudável rotina. Acabamos de ter o VI Prêmio LeBlanc, assim como tivemos os resultados do Argos 2022 mais cedo no ano. As publicações, portanto, continuam de vento em popa, mesmo as revistas de fãs, como nossas irmãs Suprassuma e Táquion, duas novas empreitadas que vêm ajudar ampliar os nossos horizontes.

Temos ainda metade do ano pela frente, e trabalho a fazer. Por enquanto, a edição 121 do Somnium chega aos nossos leitores com o tema livre, e nela podemos ter os escritos de diferentes gerações da FCB em nossas páginas – e mais seria dar spoilers da Apresentação do nosso editor Rubens Paiva. Mais adiante ainda em 2023 teremos pelo menos a #122, a princípio dedicada ao Terror, além da convocação das eleições administrativas de nosso clube, e mais tarde, o Prêmio Argos deste ano.

Em suas mãos, a Somnium 121. Boas leituras!

Luiz Felipe Vasques

19/07/23



EXPEDIENTE

SOMNIUM 121 - Julho de 2023

Editores: Eduardo Torres, Gerson Lodi-Ribeiro, Luiz Felipe Vasques, Rubens Angelo; **diagramação:** Sid Castro; **capa:** Rubens Angelo / MidJourney AI generator.

CLFC Diretoria 2021/2023

Chapa ARGONAUTAS - PRESIDENTE: Luiz Felipe Vasques Fernandes Guedes; **SECRETÁRIO EXECUTIVO:** Sidemar Vicente de Castro; **TESOUREIRA:** Caroline Libar

Edição 121: Apresentação

por Rubens Angelo

É com muita satisfação que trazemos mais um número do mais longo fanzine brasileiro de ficção científica. E mesmo com os problemas da reestruturação da revista, me permitam dizer, sem modéstia, que essa edição ficou incrível. E isso é resultado, não apenas do engajamento da equipe de voluntários que produz a publicação, mas também do inegável amor que o fandom nutre pela Somnium, sempre acompanhando e enviando novos contos... e que belos contos!

Nessa edição, trazemos na capa a história “Nomes no Tempo”, do experiente Roberto de Sousa Causo, que nos mostra um triller com mistérios e perigos que se estendem desde Marte até uma colossal estação espacial.

Mantendo o altíssimo nível literário, temos nada mais nada menos que uma história do grande mestre da ficção científica nacional, o José dos Santos Fernandes — para quem não sabe, ele não só é um dos pioneiros da revista, mas também foi quem teve a ideia do nome “Somnium”, lá nos distantes anos 80! “Aí vem o sol” é uma história arrebatadora, sobre família e os sacrifícios que fazemos para mantê-la.

Saltando dos clássicos para a nova geração, temos o conto “O Simulacro de Galimeda”, uma trama de suspense e ação que é habilmente tecida por Thiago Gesser.

Com mais um salto geracional, e sem perder o pique, temos a novíssima autora Pricila Elspeth, que nos coloca no meio da ação vertiginosa, numa disputa mortal em seu conto “Uma caçada difícil”.

Reinauguramos também — porque a Somnium já publicou de tudo! — uma sessão de quadrinhos, apresentando a tira “Vida em Marte”, de Christian David e Flavio Soares. Os quadrinhos mostram as aventuras e reflexões do menino Vini no planeta vermelho.

E como a Somnium também adora falar de livros, temos a resenha do mestre dos quadrinhos Gian Danton para o romance “Lugar Nenhum”, de Neil Gaiman.

Para apimentar a edição, um artigo parte da notícia sobre os polêmicos balões espões abatidos pelos EUA para desvelar como o balonismo foi um tema persistente da literatura.

E que venham mais edições assim, que provem a qualidade inequívoca de nossa FC, não importando a geração. Boa leitura.

Rubens Angelo (editor)!

Introdução

Algumas palavras sobre Roberto Causo

Rubens Angelo

Roberto Causo, paulista, é autor, editor e pesquisador de ficção científica, fantasia e horror. Sem dúvida, é um dos mais completos e competentes escritores brasileiros de literatura fantástica, tem uma obra extensa, que vai da fantasia urbana (*A corrida do rinoceronte*) à space opera (*Shiroma, matadora ciborgue*), passando pela fantasia heróica baseada nos romances de espada e feitiçaria (ou borduna e feitiçaria, como o autor se refere ao romance *A sombra dos homens*) e pelo horror (*Mistério de Deus*). Também merece destaque a sua obra de ficção científica militar, como os excelentes *O par: uma novela amazônica* e *Selva Brasil*.

A obra de Causo é multifacetada, com fortes doses de ação e aventura. Em uma entrevista ao Portal Cranik (feita por Ademir Pascale, em 27/09/08), Causo falou sobre suas principais influências literárias:

“A paixão da infância e adolescência foi a série pulp alemã Perry Rhodan, criada na Alemanha e que entrou no Brasil em 1975, quando eu tinha 9 anos. Com ela aprendi muito dos diversos subgêneros, temas e enfoques da ficção científica, e alguns truques narrativos que uso até hoje. Foi minha primeira influência, assim como aquele tipo de história de intervenção do estranho no cotidiano, característica da série de TV Além da Imaginação — e, por tabela, dos autores que escreviam para ela, entre eles Ray Bradbury, Richard Matheson e Charles Beaumont, além do seu criador, Rod Serling. De Perry Rhodan passei para Isaac Asimov, Ray Bradbury e Arthur C. Clarke, mas atualmente acredito que minhas principais influências na FC, na fantasia e no horror são Orson Scott Card, Robin Hobb e Stephen King, além do brasileiro Ivan Carlos Regina e Rubens Teixeira Scavone, um por suas idéias acerca da FC brasileira, o outro pela sua ética de escritor. Tenho emprestado aspectos da ficção de detetive hard-boiled para alguns projetos de dark fantasy, e incluo entre as influências nessa área Raymond Chandler e Robert B. Parker.”

Além de escritor, Causo também é um importante pesquisador da ficção científica brasileira e já colaborou com artigos e resenhas para inúmeros jornais e revistas, como o *Jornal da Tarde*, *Folha de S.Paulo* e revistas como a *Ciência Hoje*, *Isaac Asimov Magazine* e a famosa *Locus*, dos EUA. Em 1997, em parceria

com Edgard Guimarães Causo editou, de forma independente, a *Biblioteca Essencial da Ficção Científica Brasileira*, publicando estudos, catálogos e ensaios de autores da ficção científica brasileira. Causo também reeditou livro *Introdução ao Estudo da “Science Fiction”* de André Carneiro, publicado originalmente em 1967 e que foi um marco nos estudos do gênero aqui no Brasil.

De fato, o autor é um dos mais citados nos estudos acadêmicos sobre o gênero da ficção científica no Brasil, ao lado de Elizabeth Ginway (com seu livro de 2004, *Ficção científica brasileira: mitos culturais e nacionalidade no país do futuro*) e Bráulio Tavares (com *O Que é Ficção Científica*, de 1986). O livro de Causo, *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1875 a 1950*, publicado em 2003, é um estudo verdadeiramente extenso, que traça em detalhes as origens e o desenvolvimento da ficção científica brasileira.

Mais recentemente, vem se dedicando ao seu projeto mais ambicioso: o *Universo GalAxis*, com duas séries de space opera ambientada quatrocentos anos no futuro, prevendo uma época em que a humanidade teria dominado a viagem interestelar, aventurando-se pela galáxia e começando a manter contato com outras espécies inteligentes. *As Lições do Matador* é uma dessas séries, e o personagem principal desta saga, Jonas Peregrino, é o mesmo que protagoniza o conto que você leitor vai ler, e que é sequência direta de “*Areias eternas*”, publicado no *Somnium* 115. O *Universo GalAxis* comemora 15 anos de existência em 2023. Saiba mais sobre o autor e como adquirir seus livros em: <http://universogalaxis.com.br>

Boa leitura!



Destques FCB

Nomes no Tempo

de Roberto Causo

Estão todas aqui. Todas as coisas que tiveram uso. Todas as montanhas que tiveram nomes. E nunca vamos conseguir usá-las sem nos sentirmos desconfortáveis. E de algum modo as montanhas nunca soarão certas para nós; daremos a elas novos nomes, mas os velhos nomes estão lá, nalgum lugar no tempo, e as montanhas foram formadas e vistas sob esses nomes.

—Ray Bradbury, *As Crônicas Marcianas*

1.

— Procure outro assento, Cristóbal. Não quero você por perto.

— O normal é os rapazes quererem exatamente o contrário.

— Eles não sabem o que eu sei sobre você.

Genésia Cristóbal, com um metro e cinquenta e sete de altura, era uma das garotas mais curvilíneas da classe de Jonas Peregrino na Academia Militar de Olympus Mons. Mas era uma pregadora de peças, tão devota e implacável nas suas piadas práticas quanto um Saci-Pererê — que era como Peregrino a chamava mentalmente. Ele havia caído em várias, nos seus três anos na AMOM, até aprender a não confiar em nada que ela dissesse ou fizesse. Antes do embarque, tinha visto Genésia na área de espera, andando pra cima e pra baixo com um *tablet* nas mãos e uma bolsa de viagem pendurada no ombro, enquanto ele, sentado, lia um livro.

— Bem, então não espalhe o que sabe, Peregrino — ela disse, com um sorriso encantador e traiçoeiro, enquanto se afovelava no assento zero-G.

— Eu realmente prefiro que você se sente em outro lugar...

— É, mas todos os outros estão ocupados.

Ele olhou em torno, e de fato, os únicos assentos livres eram aqueles em que o ocupante ainda acomodava sua bagagem de mão nos bagageiros. Voltou-se para Cristóbal.

— Você esperou todo mundo entrar, pra saber que este estava vazio?

— Não leve a sua paranoia tão a sério — ela disse. — Se eu esperasse, o assento podia ser ocupado por outro, não?

Fazia sentido, mas, conhecendo Cristóbal, Peregrino ainda ocupou alguns minutos tentando imaginar um tru-

que que ela tivesse usado para sentar-se ao seu lado e armar a peça que, com certeza, tentaria pregar nele. Talvez tivesse falado aos outros passageiros que ele sofria de flatulência incontrolável ou algo assim...

A cadete também vestia a farda de passeio. Mas havia algo estranho... Deu-se conta justamente de que ela usava perfume. Talvez aí... alguma coisa que lhe causasse uma reação alérgica? Mas Cristóbal se arriscaria a atingir as pessoas inocentes em torno? O aroma não era ruim... Quando a comandante da cápsula declarou que a partida aconteceria em cinco minutos, só restou a resignação a Peregrino.

A cápsula de transporte subia pelo campo projetado pela âncora gravitacional, do terminal em órbita até a superfície de Marte. Quando liberada, ela basicamente entrava em queda livre e era automaticamente vetorada para cima por meio de discretos campos magnéticos, que também gerenciavam a compensação da força de Coriolis para que não saíssem da coluna de projeção. O veículo não tinha impulsores ou outro modo de direcionamento. Era arrastado até o pavimento da plataforma de ascensão sobre um veículo montado em fileiras duplas de pneumáticos. Esse veículo se ancorava em presilhas mecânicas fixas no pavimento, e apenas liberava a cápsula das presilhas correspondentes. Desse modo, a contagem regressiva não era coroada por chamas de reatores, mas pela sensação de ausência de peso sentida pelos passageiros.

Imediatamente, ao seu lado o corpo de Cristóbal subiu uns poucos centímetros no assento, antes de ser retido pelos cintos duplos, ajustados frouxamente. O seu busto avantajado, porém, subiu vários centímetros, querendo escapar do decote admitido pela farda de passeio. Peregrino admirou-o por um segundo, olhando a colega de lado, antes de conferir que o efeito fora percebido por outros passageiros. Alguém riu, e um assóvio breve foi ouvido. Cristóbal não mudou a expressão neutra do seu rosto. É claro, *essa* era a brincadeira. A cadete devia ter dispensado o sutiã, e Peregrino, enquanto corava, tentava se lembrar se o item era obrigatório ou não, no código de vestimenta da AMOM.

Mais alguém riu, provavelmente da cor nas bochechas dele, e ele ouviu Cristóbal dizer:

— Viu como você acabou gostando de me querer por perto?



A cápsula começou a subir, e Peregrino teve uma desculpa para desviar os olhos dela. Observou pela vigia da cápsula, ao seu lado. A vasta planície de Marte descia devagar abaixo deles, revelando em alguns segundos o vasto complexo da âncora gravitacional, com os armazéns, as fábricas automatizadas, as esteiras transportadoras, os muitos veículos de superfície em operação, e, mais ao longe, veículos aéreos pousados. Contra a onipresente areia marciana, havia muitos hangares e estações subterrâneas. A maior parte do trânsito de pessoas, de bens de consumo e matéria-prima negociados entre Marte e os outros mundos do Sistema Solar e além, passava pela âncora gravitacional.

Não havia piloto na cápsula, e, a rigor, ela poderia fazer todo o percurso automaticamente. Mas é claro, havia sempre um comandante de voo para garantir que os passageiros realizassem os procedimentos de segurança e se comportassem durante a ascensão. A comandante desta cápsula em especial devia ser grata pelo emprego e pela oportunidade de descer da órbita com frequência, passar um tempo na superfície; ou deixar a superfície, passar um tempo na órbita, experimentar a espetacular visão do globo marciano batido pelo sol e flutuando contra o campo estelar da Via Láctea. Tinha uma bela voz, e, ao descrever o voo, expressava uma sincera satisfação, sem o menor traço de tédio ou banalidade.

O terminal ficava em uma área livre de elevações ao sul da Isidis Planitia, uma bacia arenosa formada a 3.9 bilhões de anos, na Era Noaquiana, por uma bela pancada meteórica. A borda sul ficava perto do equador de Marte e era demarcada, ali, pelos Lybia Montes — o primeiro acidente geográfico significativo que a subida descortinou.

Agora a cápsula subia mais rápido. A condição de queda-livre privava os passageiros de qualquer sensação de movimento. A curvatura do planeta acentuou-se nas vigias, os detalhes do relevo marciano encolheram e fundiram-se em grandes massas de tons laranja-avermelhados. Como de hábito, Olympus Mons era visível

como uma saliência na curvatura ocidental, sua altura de duas dezenas de quilômetros fazendo o topo furar a atmosfera rarefeita do planeta, um conjunto de finas linhas brancas de nuvens Onda Lee marcando esse ponto.

Os passageiros fizeram silêncio. A atmosfera também significava que o céu iluminado pelo sol logo perdia a cor e dava lugar às estrelas. Uma das luas estava visível. E um pouco no canto esquerdo da vigia, obrigando Peregrino a forçar o pescoço, estava o grande ponto azul da Terra...

— Enquanto subimos, um pensamento do escritor Ray Bradbury — a comandante disse, com uma voz melódica e clara. — “Lá vão eles, rumo a Marte, só pelo passeio, pensando que vão encontrar um planeta como a bola de cristal de um vidente, para ler nela um futuro miraculoso. O que encontrarão, ao invés, é a imagem algo desgastada deles mesmos. Marte é um espelho, não bola de cristal.”

“Das *Crônicas Marcianas*”, Peregrino disse a si mesmo. A literatura imaginativa sobre Marte — Burroughs, Bradbury, Clarke, Robinson, Bova, Benford e Bear, Weyr, Macedo e Montoya, Trudel e Borges-Vilaça, Watanabe e Lew — era leitura escolar e familiar no Planeta Vermelho, juntamente com os relatos das primeiras expedições e esforços de colonização.

Tanta literatura de interesse, embora raramente tão poética quanto a de Bradbury, o fez voltar o pensamento para os primeiros cosmonautas e astronautas, e de como eles ficavam devendo nesse campo. Nesse sentido, haviam falhado com a humanidade. Foram militares e engenheiros, e emblemas vivos das suas sociedades e dos governos que as representavam. Qualquer impulso poético e filosófico que tivessem foi abafado pela necessidade de discrição pessoal e de fazer avançar clichês sobre nacionalidades, regimes e raças.

Lembrou-se do conceito antigo da “noosfera”, de Teilhard de Chardin, que uma professora do ensino médio lá no seu nativo Mato Grosso, Marina Silva Aguiar, havia mencionado em aula sobre a era da expansão humana pela galáxia. A esfera do pensamento humano, das



relações humanas moldando a própria vida na Terra, envolvendo a biosfera terrestre. A noosfera agora, com as Zonas de Expansão Humana espalhadas pela galáxia, havia excedido a Terra, a sua órbita para além da Lua, as órbitas de Marte e Vênus — o Sistema Solar como um todo. “O público foi lançado ao espaço exterior pela experiência dos astronautas”, o astronauta Edgar Mitchell havia escrito. “Por meio deles, caminhou sobre outros mundos.”

Infelizmente, a camada das relações humanas que se expandia da superfície da Terra para a órbita baixa, para a Lua, para os pontos Lagrange posteriores, para Marte e Vênus e o cinturão de asteroides e os planetas exteriores e finalmente para os sistemas e mundos extra-solares nasceu com um tom de objetividade funcional e de triunfalismo nacionalista que só foi acrescido do poético e do filosófico — até mesmo do místico — muito aos poucos. No século XXIII, tornou-se quase que obrigatório que essa lacuna fosse preenchida com mais e mais subjetividade poética, literária, humana.

— Um centavo de crédito pelos seus pensamentos — ouviu Genésia oferecer ao seu lado —, com a certeza de que eles não valem mais do que isso.

Peregrino deixou-se sorrir. Apesar de desmerecê-lo, havia curiosidade real na voz da garota. Ele refletiu se devia ou não responder. Esse era um dos problemas com uma piadista como Cristóbal: não era possível fazer amizade ou ficar íntimo do Saci-Pererê.

— Você tem razão — disse. — Não valem nem serem expressos.

— Cadete Jonas Peregrino — ele ouviu, no sistema de som da área de desembarque —, dirija-se imediatamente ao setor de bagagens, balcão três.

Imediatamente, Peregrino foi até Cristóbal, que arregalou os olhos castanhos e tentou se desviar de outros passageiros e fugir, mas ele foi mais rápido e a segurou pelo cotovelo.

— Vem cá! Você vem comigo.

— Mas *por quê?* — ela protestou. — Eu tenho o que fazer. É *você* que eles estão chamando.

— Vai apoiar o seu colega cadete, ouvindo o que os oficiais da aduana vão dizer. Se houver algum abuso, vai testemunhar a meu favor. — Ele fez uma pausa, olhando firme para ela. — E se aprontou comigo, vai assumir a responsabilidade.

Cristóbal não disse nada, nem resistiu. Peregrino não soltou o seu aperto sobre ela e logo os dois entravam na área das bagagens. Um oficial de aduana, com o fardamento correspondente, acenou para eles atrás de um monitor, em um balcão marcado com o número 3. Uma colega esperava de braços cruzados ao lado dele, junto a

um grupo de robôs-carregadores.

— Cadete Peregrino? — ela perguntou.

— Sim, senhora. Esta é a Cadete Genésia Cristóbal. Subiu na mesma cápsula que eu e vai acompanhar os procedimentos, se for possível.

— É claro. Esta é a sua bagagem?

Ele se inclinou para examinar a grande bolsa que ele havia adquirido na loja da AMOM, para acondicionar os livros e presentes. Tinha o brasão da academia estampado. Mas seria dele, de Cristóbal ou de outro cadete também em férias?

— Só posso dizer com certeza olhando o conteúdo — disse, cautelosamente.

— É claro — a oficial concordou. — Mas vou adiantar que os nossos sensores detectaram algo suspeito nesta bagagem. Temos uma ideia bastante clara do que se trata. Você quer adiantar o que isso está fazendo aí?

— Não sei o que pode haver de estranho na minha bolsa, que chamasse a atenção de vocês — ele respondeu. — Se é que é a *minha* bagagem. — Deu uma boa olhada em Cristóbal, que tinha a sua cara de jogadora de pôquer bem instalada, e então voltou a encarar a mulher. — Vamos abrir e saber.

— Você é que deve abri-la, cadete.

Peregrino imediatamente se acorrou diante da mala, e puxou o zíper.

— Estes livros são meus — anunciou, ainda agachado. — E aqui os presentes que trouxe pr’a minha família. Não sei o que é *isto*.

Apontava um pacote retangular maior do que o maior dos livros, aparentemente feito com um material anti-impacto.

— Esta é a sua bagagem, mas você não reconhece este objeto em particular, é isso? — a oficial insistiu.

— Exatamente.

— Está dizendo que alguém colocou isso aí contra a sua vontade?

— Para ser contra a minha vontade, eu precisaria *saber* o que é e não querer que estivesse aí. O objeto não estava aí quando fechei a bolsa pela última vez, e não faço ideia do que seja.

A mulher o encarou por alguns segundos, e, olhando, Peregrino viu que Cristóbal também o encarava com uma expressão curiosa. De repente, aqueles minutos na área de espera, com ela por perto enquanto ele lia distraído, assumiram um peso assustador em sua memória.

— Muito bem — a oficial disse, com um suspiro. — Vamos ter que abrir o pacote. Faça isso, por favor.

— Não, senhora.

Levantou-se.

— Como é? — a mulher disse.

— No momento, não há nenhuma digital minha nessa coisa. Se eu a manipular, vai haver, e isso depois pode

ser usado contra mim.

A oficial olhou dele para o seu colega, que respondeu ao olhar dando de ombros.

— Gomez, você então — ela disse, apontando para dois conjuntos de câmeras montados no alto, atrás do balcão. — Tudo vai ser gravado.

— Ótimo — Peregrino disse.

Gomez já tinha luvas brancas calçadas nas mãos. Ele apanhou o objeto, e depois de algum esforço, descobriu como separar o estojo anti-impacto. Com muita delicadeza, tirou uma placa, aparentemente de pedra e de bordas irregulares, do seu interior.

— Continua sem reconhecer? — a oficial perguntou.

— Continuo, senhora.

— Isto é um fóssil marciano — ela declarou, mudando para um tom ainda mais sério —, e retirá-lo da superfície constitui crime de contrabando e atentado ao patrimônio histórico e biológico de Marte. É disso que vamos acusá-lo, cadete. Por que não colabora e nos conta como o conseguiu e a quem o fóssil é destinado?

— Continuo não reconhecendo o objeto — Peregrino disse, falando devagar e com a voz controlada. — A senhora diz que é um fóssil. Eu vejo apenas uma pedra chata, uma pequena laje. Se é um fóssil, há um desenho traçado nele pelos restos mineralizados de alguma planta ou animal. O seu colega pode me mostrar?

A oficial soltou um risinho.

— Você não reconhece o objeto, mas talvez reconheça o formato do fóssil, é isso?

— Eu quero apenas determinar visualmente se se trata mesmo de um fóssil, senhora.

— Está bem.

Ela assentiu para Gomez, que virou a face superior da laje de frente para Peregrino. O cadete se inclinou diante dela, de mãos nos joelhos e olhos apertados.

— Pode por favor virá-la ao contrário? — pediu. — De ponta-cabeça?

Gomez não esperou confirmação da sua superiora, e girou a lajota nas mãos.

Peregrino olhou, e depois, dando um passo para trás, rapidamente tornou a segurar Cristóbal pelo cotovelo. A sua colega fez um pequeno movimento de susto, mudando o peso de um pé para o outro, mas ele a segurou firme.

— O que foi? — a oficial aduaneira perguntou.

Peregrino limpou a garganta.

— Eu entendo que a senhora e o seu colega, assim como eu!, estão vendo o objeto pela primeira vez. Peço que deem uma boa olhada no desenho na pedra.

— Cadete — a mulher começou, com impaciência —, nada disso vai ficar bem para você. E se acha que está ganhando tempo, tentando nos cansar ou algo assim, aviso que não vai dar certo.

— Senhora, com todo respeito, eu peço apenas que a senhora e seu colega examinem o desenho. Não podem fazer uma acusação, antes de determinar que se trata mesmo de um fóssil marciano. Basta uma olhada.

Ela bufou. Foi para junto de Gomez, que, um pouco sem jeito, virou a pedra de modo que o desenho ficasse voltado para ele e a mulher.

Peregrino fixou o olhar no rosto dela. E viu quando o rubor subiu pelo seu pescoço, para parar apenas um dedo abaixo da linha do cabelo.

Ele segurou Cristóbal com mais firmeza e a empurrou para a frente, segurando seus ombros com ambas as mãos. A garota resistiu, mas ele era mais alto e mais forte do que ela, e a deixou plantada no lugar.

— Ela é a culpada! — disse, quando os dois fiscais se voltaram ao mesmo tempo para ele. — A Cadete Cristóbal tem um histórico de punições por ter aplicado pegadinhas. Ano passado, ela quase foi expulsa da academia por isso.

— E você é um freguês dela, Cadete Peregrino? — Gomez perguntou, falando pela primeira vez. Tinha uma voz fina, quase feminina, agora com um tom à beira do riso. — Ou *cúmplice*?

Então o olhar dele baixou e ele ficou sério e de lábios entreabertos. “Também deve ter concluído que Cristóbal está sem sutiã”, Peregrino pensou.

— Ela já me pegou sete ou oito vezes — admitiu, prontamente.

— Exagero! — Cristóbal disse. — Não passou de umas quatro.

Com isso, soube de fato que ela era a culpada. Gomez também entendeu, e soltou a gargalhada. Apenas a sua superiora mantinha uma expressão séria, de cenho franzido, o rubor do escândalo emendado na vermelhidão da raiva.

— Como ela teria feito? — Gomez perguntou.

— A Cadete Cristóbal quer ser engenheira militar, depois que se formar na AMOM — Peregrino disse. — Faz cursos optativos, tem acesso a *fabrikors* moleculares e impressoras três-D de padrão militar. Não teria a menor dificuldade.

— Vou reportar isso imediatamente à academia! — a oficial exclamou.

Cristóbal não abriu a boca. Peregrino também não. Safar-se de uma peça dada por ela era uma coisa; dedurá-la à direção da academia, outra bem diferente. A oficial se voltou para ele.

— Você também, cadete! *Também* vai estar no relatório. É a *sua* bagagem, talvez tenha conspirado com essa garota pra pegar uma peça em *nós* e no serviço aduaneiro da Latinoamérica em Marte!

— Eu tenho de memória o nome e o número do Cadete Peregrino — Cristóbal ofereceu, sem a menor he-

sitação.

— Muito bem. Vamos anotar tudo.

Peregrino soltou Cristóbal e a empurrou de lado, não sem alguma aspereza.

— Não se esqueçam de assinar — ele e Cristóbal falaram ao mesmo tempo.

— O quê? — a mulher perguntou.

— Não se esqueçam de assinar o relatório detalhado — Peregrino reforçou.

— Superintendente Martín — Gomez disse.

Ele trocou um olhar com a sua superior, e fez um discreto gesto de cabeça para que ela confabulasse com ele atrás do balcão. Enquanto se dirigia para lá, Gomez se deu conta de que ainda segurava a placa de pedra. Colocou-a displicentemente sobre a superfície plástica. Ele e a Superintendente Martín conversaram em voz baixa por um tempo, às vezes olhando para Peregrino e Cristóbal, e balançando a cabeça.

Martín voltou para junto deles.

— *Desta vez* — disse —, vocês vão ficar só com uma repreensão verbal. Mas os dois vão entrar na nossa lista de gente com comportamento suspeito, e toda vez que subirem vão ter uma revista completa e demorada de toda a sua bagagem, entenderam?

— Sim, senhora — Peregrino e Cristóbal responderam ao mesmo tempo.

A oficial balançou a cabeça.

— Agora peguem essa coisa e sumam daqui!

— É melhor vocês ficarem com ele — Peregrino disse.

— Como é?

— Não deixa de ser uma falsificação, que vocês podem estudar pra descobrir como foi feita e impedir que outros objetos parecidos, pra outras finalidades, passem pela verificação no futuro.

Martín fechou o cenho e abriu a boca para gritar com ele, mas Gomez falou primeiro:

— O rapaz tem certa razão. Se um *fabrikor* molecular foi usado, especialmente um de padrão militar, vale a pena estudá-lo pra detectar a falsificação futura de um fóssil verdadeiro ou coisa semelhante. — Mais uma vez, ele tinha um certo riso borbulhando na sua voz fina. — Podemos até ganhar uma recomendação, Martín.

Peregrino abriu mão de um robô-carregador, colocando a bolsa e a bagagem de mão em um carrinho de empurrar. Cristóbal ficou por perto, para tripudiar dele.

— Você realmente me *conhece*, Peregrino — ela disse, apoiada no próprio carrinho —, ou não teria falado do nome deles no relatório. Acha que eles iam mesmo escrever que o Cadete Jonas Peregrino deve ser indiciado pelo contrabando do fóssil não de um peixe, mas de

um *pênis* marciano pra fora do planeta?

Fechou a pergunta com uma curta gargalhada. Peregrino não segurou um sorriso. Já estavam longe o suficiente da dupla de oficiais aduaneiros, para que o riso dela não fosse ouvido. Ele fechou o sorriso, quando pensou no que o seus pais e a sua irmã adolescente pensariam, se vissem o falso fóssil na sua mala quando ele a abrisse para separar os livros e os presentes.

— Antes que o turno deles termine, vão estar mostrando a sua obra aos colegas e fazendo as próprias piadas a respeito, Cristóbal — disse. E então: — Eu não sabia desse seu lado malicioso. E pra finalizar, enquanto você e eu nos separamos *aqui*, a sua ideia do que seria um pênis marciano deve ter passado a anos-luz do que seria a coisa de verdade, evolutivamente falando, em forma e tamanho.

— Então você *tem* senso de humor, Peregrino — ela insistiu, dando um leve encontrão no braço dele. — E me conhece mesmo. Por que não unimos forças? Aquela arrogante da Helena Borguese está pedindo uma lição há *anos*. Ainda dá tempo de pegarmos ela, antes que ela saia pra cumprir o tempo como alferes.

— Fora daqui, Cristóbal, não quero voltar a te ver até o começo das aulas no próximo ano letivo — ele disse, dando-lhe um tapa na bunda redonda. — E deixe a Cadete Sênior Borguese em paz.

— Você não precisava fazer isso — ela disse, estendendo o beicinho e esfregando as mãos no glúteo atingido.

— Vai me denunciar ao conselho de ética da academia?

— Você sabe que não — ela disse, agora com um meio sorriso. — Mas me dar um tapa me convida a uma *represália*.

Arregalando os olhos, ele se deu conta de que isso significava um possível segundo *round*, e balançou a cabeça.

— Jesus Cristo! — disse.

— Não se preocupe — ela gargalhou. — Vou passar as férias no México, enquanto, pelo que entendi, você vai ficar na Schiaparelli.

— É. Bem, boa viagem e divirta-se com algum outro pobre coitado.

2.

A Schiaparelli Way Station era parada obrigatória para quase todo mundo que chegasse a Marte vindo de outros pontos do Sistema Solar, ou que partisse da superfície do Planeta Vermelho. Era conectada à âncora gravitacional por uma extensa ligação de duzentos metros. Após o desembarque, o Cadete Peregrino subiu em um carrinho automatizado com cinco outras pessoas. O carrinho ia numa direção, outros voltavam na direção

oposta. Um denso jardim linear de plantas ornamentais separava as duas vias. O veículo com Peregrino seguiu com elas. Ia em baixa velocidade para que todos pudessem observar a paisagem espacial pelos imensos janelões. Marte, Fobos e Deimos, a coluna flamejante de estrelas da Via Láctea — e, dependendo do ângulo, a Terra brilhando como uma estrela azul.

A estação era, na verdade, a Schiaparelli II, já que a primeira havia sido construída no século XXIII e substituída cento e vinte anos depois por essa versão maior e mais sofisticada, um complexo hoteleiro com espaços para espetáculos e muitas opções de entretenimento espacial. A mais funcional Schiaparelli I, aposentada, foi destituída dos seus principais sistemas e, lançada em órbita lenta em torno do Sol, transformada em um museu guardado por seguranças e recepcionistas-robôs.

O olhar de Peregrino foi atraído não apenas pela paisagem cósmica, mas por naves que se aproximavam ou se afastavam da estação. Uma delas apenas pairava contra o globo ferruginoso de Marte — pelo perfil, um enorme *destroyer* da Euro-Rússia. A Schiaparelli era uma instalação internacional, quase uma cidade livre com a sua própria força policial poliglota e representações diplo-

máticas e burocráticas que administravam o trânsito de pessoas e de mercadorias pela âncora. Era a segunda vez que sua família visitava a estação de trânsito, desde que ele ingressara na academia. A visita incluía uma excursão às luas marcianas, um espetáculo das Brasinhas do Espaço — uma banda só de moças em Schiaparelli — e um *tour* dos monumentos naturais de Marte. Tainá, sua irmã, ia passar dois dias com um clube de exploradores no planeta, e Peregrino devia acompanhá-la.

Pensou em Genésia. A garota era um gênio do mal. Tinha um *chip* mnemônico, o que significava muito dinheiro, porque eram poucos os cirurgiões autorizados a implantá-lo em um cérebro adolescente, ainda em desenvolvimento. O seu QI elevado era natural, porém, e a colocava no topo da turma em termos acadêmicos, mas as punições por indisciplina a jogaram para a faixa intermediária — onde Peregrino se encontrava. Não tinha dúvida de que ela se tornaria uma boa engenheira militar, mas se o seu espírito de Saci-Pererê não fosse domado, que problemas ela não causaria pregando peças com um conhecimento de engenharia? O espaço não era lugar para brincadeiras...





Quando chegou ao apartamento que tinha alugado para sua família, Peregrino pendurou a farda de passeio, tomou um banho e vestiu roupas civis. Então desfez a bagagem, colocando os livros e os presentes em cima de uma bancada na área de estar do apartamento. Sentou-se para continuar a ler o seu livro, e uma hora depois, com fome, pediu ao serviço de quarto uma panqueca com legumes orgânicos.

Cinco ou dez minutos depois, o sinal sonoro da porta soou.

Não era o serviço de quarto, e sim a Cadete Genésia Cristóbal.

— Deixa eu entrar — ela disse, e, com um encontrão do ombro roliço, passou por ele e foi direto se sentar no sofá que ele ocupara há instantes. Também vestia roupas civis, escuras como os seus cabelos. Cheirava agora a sabonete, e os cabelos úmidos testemunhavam que ela havia tomado um banho antes de correr para lá. — Não fale nada, Peregrino.

Ele apenas a observou, sentada séria com os pés juntos, as mãos sobre os joelhos de modo que seus braços apertavam seus peitos um contra o outro. Mas não havia o menor traço de insinuação no rosto dela.

— Vou ser completamente sincera, e quero que você me escute com total seriedade.

Peregrino fechou a porta, encostou-se na parede e cruzou os braços.

— Vá em frente.

— O meu voo sai amanhã — ela começou. — Vim cedo à Schiaparelli porque quero ver o *show* das Brasinhas do Espaço hoje à noite. Assim que cheguei ao meu quarto, fui até o terminal pesquisar o que havia sobre você pra armar a minha... a minha próxima peça em cima de você. — Quando ele abriu a boca, ela o calou com um gesto. — Tudo bem! Eu admito que invadi os sistemas da estação. Você sabe que não é problema pra mim, especialmente sistemas civis como estes, que não têm nada a ver com a segurança do lugar. Sei que sua família chega hoje, e qual vai ser a programação de vocês aqui. O problema é que *mais alguém* também sabe.

— Como assim?

— Quando eu estava dentro dos sistemas, descobri um *software* que fazia a mesma coisa. Buscava clandestinamente tudo o que dissesse respeito a você e à sua família aqui na estação. — Cristóbal fez uma pausa. Peregrino não disse nada, e então ela prosseguiu: — Ainda está lá, quer dizer, é uma espécie de *malware* instalado pra te localizar e seguir os seus passos.

Peregrino afastou-se da parede.

— Família é uma coisa sagrada entre os alunos da academia — disse.

— Eu sei disso! — ela exclamou, batendo no assento do sofá com o punho. — Nunca ia pregar uma peça que

envolvesse a sua família. Foi justamente por isso que te procurei agora. Não entendo é o que alguém pode querer contra você, a ponto de te espionar aqui. — Ela olhou para ele com uma preocupação que parecia legítima. — Está em perigo ou algo assim?

Devagar, Peregrino foi até ela e sentou-se ao seu lado.

— Pode ser outro piadista querendo me pegar.

Ela o encarou como se ele fosse um alienígena.

— Não é assim que funciona, e você sabe disso! Ninguém corre riscos como eu, só pra pregar peças. E esse *software* é coisa pesada, Peregrino. Não é um programa de espionagem comprado de catálogo. Alguém criou o código dele especialmente pra estes sistemas e com você como objetivo. Não fez muito bem, tanto que eu descobri, mas é uma coisa muito específica e trabalhosa pra ser só uma brincadeira.

Ele apenas assentiu por um momento, antes de dizer:

— Consegue remover as pegadas da sua invasão, Cristóbal? Se a coisa é séria como diz, vou procurar as autoridades e não quero te causar problemas.

A garota voltou o corpo todo para ele.

— Você me *protegendo*? — quase gritou. — Eu consigo com um pé nas costas, remover qualquer traço da minha invasão. Já não tem mais nada lá. Acha que sou burra?

— Sei que é uma das pessoas mais inteligentes da minha turma, Cristóbal. Sou sua vítima constante, mas não seu inimigo. E a gente tem que pensar na academia também. — Ele sorriu. — Não ia ser positivo pr'a AMOM ter uma *hacker* certificada no seu corpo de alunos.

Cristóbal não devolveu o seu sorriso, nem desviou os olhos dele.

— Você vive me perguntando por que é a minha vítima preferencial — disse, e atalhou, antes que ele pudesse abrir a boca: — Não é por eu ter um tesão secreto ou ciúme de você só olhar pr'as garotas mais altas ou... É que você é *esperto*, como foi com aqueles fiscais. É um desafio.

— Por alguma razão, eu não acredito.

— Mas acredita que estou sendo sincera agora? — ela perguntou.

— Nisso, sim.

Ela o observou longamente.

— E por que *eu* não acredito que você esteja tentando me proteger só de uma reprimenda da AMOM?

Peregrino reclinou-se contra o encosto do sofá. Nesse instante, deu-se conta da intimidade do momento. Ele esticado ali, Cristóbal quase inclinada sobre ele, tocando sua coxa com a dela.

— Consequências legais, se você for pega.

Ela apertou os olhos puxados de indígena mexicana, e negou com a cabeça.

— Você aceitou fácil demais, que estou falando a ver-

dade — disse.

— Então não está?

— É claro que estou! Mas... tem mais alguma outra coisa na sua cabeça, te convencendo de que alguém pode mesmo estar te espionando. — Ela então se jogou contra o encosto, o rosto a centímetros do dele. — Há um boato na academia, de que aconteceu alguma muito séria dois meses antes das férias, quando você foi chamado pra ajudar a companhia das Forças de Superfície numa atividade externa.

Peregrino fez um muxoxo, assentiu repetidamente com a cabeça, e levantou-se.

Em seguida, puxou Cristóbal pelo braço e a jogou sobre o ombro. Ela, depois de um gritinho, esperneou até que ele segurasse suas pernas.

— Então é esse o truque! — ele disse, enquanto a carregava para a porta. — Tá sondando o tal boato, pra espalhar depois da maneira mais cabeluda que puder.

— Eu não faria isso!

Ele abriu a porta e a colocou em pé, mas quase em cima do robô entregador, que finalmente trazia a sua panqueca.

— Contente-se em saber que você quase me convenceu lá atrás, sua maluca. Agora fora daqui!

— Espera! Eu...

Mas ele já fechava a porta, agarrado ao embrulho morno da panqueca. Ficou ali, enquanto Cristóbal falava do lado de fora e apertava seguidamente a campainha.

Quando ela finalmente desistiu e foi embora, Peregrino suspirou, colocou o embrulho na bancada e passou a mão sobre o rosto.

Então eles haviam determinado a sua identidade e estavam mesmo atrás dele.

A organização terrorista Freedom Frontier.

3.

Peregrino imaginou se deveria tentar um contato com a diretora da academia, a Vice-Almirante Morgana Geber. Precisava saber dela se podia, ao procurar as autoridades da Schiaparelli Way Station, violar o sigilo do incidente entre membros da Freedom Frontier e a Primeira Companhia do Destacamento da Guarda Especial de Marte, na Olympus Rupes. O pessoal de plantão na Diretoria da AMOM provavelmente informaria que Geber não podia ser alcançada. Peregrino sabia que ela havia antecipado as férias e ido a uma conferência de Centros de Preparação de Oficiais da Reserva da Zona 2. Não iam cobrir os custos de um ansível por causa do apelo de um cadete.

Enquanto comia sem sentir o gosto da panqueca, Peregrino refletiu sobre o que fazer. O que sabia realmente, sobre Genésia? Ela não era tão boa atriz assim, ou tão empenhada em espalhar boatos... Talvez fosse xereta o

suficiente para cavar o que estaria por trás do rumor que mencionou, talvez não.

Se ele deixasse de procurar as autoridades da estação para alertá-las contra uma possível atividade terrorista, poderia colocar não apenas a segurança de sua família em risco, mas a de quem mais estivesse em Schiaparelli. Se as procurasse e tudo não passasse de um truque de Cristóbal, teria violado o sigilo exigido por Geber para a proteção da academia — e por *nada*. A expulsão seria uma possibilidade concreta.

Caso insistisse em fazer contato com a AMOM, e de fato estivesse sendo monitorado por gente da Freedom Frontier, eles desconfiariam que ele fora alertado ou suspeitava de algo. Se procurasse as autoridades da Schiaparelli, e um deles colocasse o seu nome em algum relatório que entrasse no sistema, isso também alertaria os terroristas.

E quanto a Cristóbal? Ela podia ser mais capeta que o Saci, mas era uma colega e ele também devia protegê-la contra uma ameaça terrorista. Genésia não tinha nada a ver com o que aconteceu em Olympus Rupes há dois meses. A encrenca era só dele. E de sua *família*.

Contrariado, resolveu agir. Já sabia o que precisava fazer. A única medida responsável viável para ele.

Peregrino apanhou o seu *tablet* e saiu. Não buscou na rede local o escritório da Interpol, preferindo guiar-se pela lembrança de outras visitas à estação. Schiaparelli era vasta, com muitos pisos e seções, a maioria no mesmo estilo limpo e arejado. Mas por amor a uma redundância bem-vinda, havia telas e quadros informativos por toda parte.

Estava na metade do caminho, quando o *tablet* vibrou. A mensagem recém-chegada trazia a confirmação de que a sua solicitação de mudança de apartamento havia sido aceita e realizada.

Ele não havia pedido mudança alguma.

Com a cabeça zumbindo, parou em uma cafeteria e pediu a sobremesa mais doce que encontrou no cardápio. O açúcar o acalmou um pouco, assim como o tempo dedicado a consumir a sobremesa — e a certificar-se de que ninguém o seguia. Os transeuntes no setor só dirigiam o olhar a ele casualmente, enquanto mediam as opções do café, e depois seguiam seu caminho. Por dentro, a cafeteria era dominada por vidro feito com sílica marciana, como na maior parte das áreas de convivência da estação, sempre em tons quentes, alternando com as superfícies plastimetálicas em tons de azul ou de creme. Duas TVs suspensas exibiam a programação produzida na própria Schiaparelli. Tudo parecia normal. Peregrino admirou-se apenas de ver um alienígena solitário lá fora, acompanhado de um robô-intérprete, do outro lado da praça de alimentação.

Depois de pagar e sair, seguiu até o ponto em que o



alienígena estivera contemplando um grande painel protegido por acrílico. A legenda informava que o painel havia sido instalado este ano. Era a primeira vez que Peregrino apreciava essa reprodução ampliada de uma pintura em tintas acrílicas sobre madeira, *Mars Cityscape*, realizada em 1987 por um artista chamado Richard Powers. A legenda também dizia que ela havia sido redescoberta há poucos anos.

Peregrino observou as imagens surrealistas de uma cidade atirada sobre uma planície marciana que nunca tivera essa cor, sob um céu escuro e carregado que o planeta provavelmente nunca vira nas suas melhores eras. E ainda assim... A cidade e várias formas flutuantes em primeiro plano — veículos? — de contornos orgânicos, algo entre metal polido e seres marinhos bioluminescentes, parecia-lhe mais adequada ao imaginário de Marte do que tudo o que a engenharia humana havia transplantado à sua superfície...

Tentou classificar o alienígena dentro dos seus conhecimentos. Um barhægoin da Zona 2? Provavelmente... O que ele teria sentido diante da pintura? Teria se sentido mais próximo de casa? “Que besteira”, Peregrino censurou-se. “Não sei nada sobre ele, de onde veio...” E a pintura surrealista supostamente representava conteúdos do inconsciente *humano*. Então tudo isso estava lá, formas reprimidas que apenas o sonho ou a psicanálise revelavam. Talvez desejos de contato com a alteridade... E sim, o universo era um bilhão de vezes mais estranho.

“Nada disso faz sentido...” ruminou, pensando na Freedom Frontier. Os desejos deles não eram buscar o estranho, o *outro*, mas esconder-se atrás de fantasias de soberania e autodeterminação. Queriam *dividir*, pensando apenas no mundo humano, e não em unir forças para enfrentar o destino comum da humanidade na era das Zonas de Expansão, de confrontar a alteridade radical do universo.

Deu as costas à pintura e, desta vez, foi direto para o escritório da Interpol.

Diante do acesso ao escritório da polícia internacional, Genésia Cristóbal sentava-se em um banco ao lado de uma planta verdejante, com o seu *tablet* na mão.

— O que está fazendo aqui? — Peregrino inquiriu.

— Te esperando — ela respondeu, levantando-se. — Troquei o meu apartamento. Achei que era mais seguro, se os caras que estão atrás de você quiserem grampear o lugar ou sabotar o sistema de suporte de vida, sei lá. Simulei um problema no ar-condicionado, pra usar como justificativa. Tinha certeza de que, quando soubesse, você ia concluir que só o que podia fazer era apelar pr’as autoridades.

— Mas que inferno — ele começou.

— Pare *você* com essa encenação! — Cristóbal disse. Sua expressão era inédita aos olhos de Peregrino: um ajuntamento de seriedade absoluta e impaciência aflita. — O problema é real e ele não vai embora. Sei que você deve ter assinado um termo de sigilo ou algo assim, e quer manter a sua promessa... e me proteger de consequências na academia...

— Não só — admitiu, seco.

— Não importa — ela disse. — Já cancelei a minha passagem e recebi os créditos de volta. Temos quase seis horas antes da sua família chegar.

— Pra *quê*? — perguntou.

— Pra você e eu resolvermos esse mistério.

— Você e eu?...

— É claro. — Cristóbal sorriu. — Eu sou esperta e você chega perto. Se a gente apresentar um suspeito às autoridades, a coisa vai ficar mais contida e eles vão engolir melhor a sua história. E se descobirmos o que eles querem com você, sua família vai ficar mais segura.

Peregrino deixou a cabeça pender até tocar o peito com o queixo.

Cristóbal tinha um quarto com *workstation* completa, cujo aluguel era comum em Schiaparelli, montada e entregue rapidamente, sob especificações. O quarto também tinha uma janela que dava para Marte lá fora. Peregrino se lembrou outra vez que a família dela tinha dinheiro.

É claro que a garota não teria descoberto tudo o que havia descoberto só com o seu *tablet* — que, Peregrino suspeitava, havia sido recalibrado por ela para o padrão militar, o que já representava muita coisa. Os dois se sentavam diante das telas e do holoprojetor de mesa, rodeados de comida que ela havia pedido, cenourinhas e tortilhas temperadas com os sais minerais necessários ao metabolismo humano, fosfato e zinco e os complexos vitamínicos.

— Quer saber qual é o meu maior prazer? — Cristóbal começou.

— Tenho medo de perguntar...

— Andar a cavalo. Meu pai tem cavalos na *hacienda*. Vocês têm cavalos no hotel-fazenda?

— Temos sim...

— Seguinte — ela disse, abandonando a conversa fiada como se não a tivesse iniciado, e colocando uma série de imagens nas telas. Vendo-a digitar, ele recordou que ela era canhota. — Estações e bases espaciais não gostam da ideia de naves, sondas ou emissões de longa distância invadindo os seus sistemas. São como uma litchia, com casca meio espinhosa, um miolo macio e um caroço duro. A casca são sistemas defensivos sofisticados criados pra evitar a invasão do exterior. A parte

mole são pequenos sistemas operacionais e administrativos, de comunicação, de monitoramento de pessoal e de manutenção. O caroço são os sistemas de segurança e suporte de vida, que têm as defesas mais fortes e redundantes, por razões evidentes.

— Lembra que eu disse que o *malware* que te espiona é complexo mas não muito bem feito? Significa que ele presta pra infiltrar o miolo, especialmente o setor hoteleiro, mas não atravessar a casca. Então, pela lógica, foi instalado a partir de dentro da estação.”

— Acha que quem fez isso ainda está aqui?

— Essa é a ideia que estamos explorando — ela disse. — A outra variável da equação aqui é o tempo. Dois meses, desde que quem quer esteja por trás disso soube que você é a pessoa de interesse deles?

Olhou para ele de soslaio. Peregrino ainda não havia contado nada do incidente em Olympus Rupes, mas ela partia da suposição de que o incidente e a espionagem dele e sua família estavam estreitamente conectados.

Não acreditava que a Freedom Frontier tivesse descoberto a sua identidade logo depois de ele e o pessoal da Tenente Letícia Carrero terem descarrilado o plano deles de obter material físsil em uma cratera de impacto, na escarpa sudeste de Olympus Mons. Algum tempo teria decorrido, até o vazamento... “E vazamento de onde?”, ele se perguntou. Seria difícil aceitar que fosse da academia. De qualquer modo, era mais provável que fosse do Destacamento da Guarda Especial de Marte. Talvez houvesse algum ressentimento profissional lá, por sua atuação no incidente...

— Pode ser... — respondeu, em voz baixa.

— Estou vendo através do seu crânio espesso você calculando o que pode e o que não pode me contar — Genésia disse. — Cedo ou tarde vai ter que desistir dessa sua ideia estúpida de me proteger.

— Ideia *estúpida*?

— Eu sou uma cadete igualzinha a você. Se Jonas Peregrino pode se arriscar pela academia, ou por esta estação espacial, eu também posso.

— O que a questão do tempo te diz? — ele perguntou, tentando desviá-la desse curso.

— Precisamos isolar os frequentadores e a equipe da Schiaparelli dentro desse lapso de tempo, e pesquisar o perfil de cada um...

— É gente demais!

— Nem tanto assim. E você está falando de unidades de alvos a se pesquisar, contra a velocidade do algoritmo de pesquisa. — Ela estalou os dedos da mãozinha. — Antes de você bocejar, vamos ter as respostas. Mas precisamos, antes, de definir os parâmetros corretamente.

— Qual é o cálculo, aqui? — ele quis saber. — Que nestes dois meses alguém teria vindo pra cá e invadido a

polpa dos sistemas da estação, imaginando que eu, cedo ou tarde, passaria por ela. Quer dizer que não tinham acesso a mim na academia, e nem, provavelmente, em Nueva Esperanza ou outra cidade marciana...

— Não sabemos se existe um sistema espião em outros lugares, pronto pra te peneirar — ela disse. — Eles com certeza não querem se comprometer. Se acontecesse alguma coisa a você na academia ou numa cidade, seria uma ação descarada demais, e talvez a ideia não seja essa. Aqui deve ser mais fácil simular um acidente.

— Tá bem. Mas vamos supor que as férias da academia sejam a janela de oportunidade. Faria mais sentido, eu imagino, a invasão ocorrer mais perto do início das férias, do que antes.

— Porque, quanto maior a antecedência, mais chances da infiltração ser descoberta. Muito bem, Peregrino.

— Quer redefinir, então, esse parâmetro?

— Deixa eu pensar... — Ela pôs o indicador no beicinho. — Não ia ser na *véspera* do primeiro dia das férias. Muita gente em Marte sabe da correria que é a quinta-feira em que os cadetes saem feito estouro de boiada da academia e correm pr’as naves de passageiros que esperam aqui. Há avisos pra que as pessoas evitem subir nesse dia... É claro, o operativo ou operativos não sabem que você e eu íamos evitar o primeiro dia.

Nesse ponto, Peregrino se perguntou por que Cristóbal também havia optado por subir no dia seguinte. Ele teria dito a alguém que ia se unir à sua família no fim de semana para o *show* das Brasinhas do Espaço — que também só iriam se apresentar depois do bafafá ter terminado. Ela foi atrás dele, então, para aplicar a sua pegadinha? Por outro lado, talvez não tivesse pressa em voltar para a sua casa no México...

— Além disso — ela dizia —, as rotinas de segurança que poderiam registrar a invasão ocorrem a cada quarenta e oito horas... Então seriam pelo menos *três* dias antes.

— E qual seria a justificativa pra estarem aqui? — ele perguntou.

— Espera — ela exigiu. — Vamos primeiro fechar o parâmetro do tempo. Eles podem dizer que vinham assistir a um dos *shows* do fim de semana. Não são só as Brasinhas que vão se apresentar. Mas aí, não sei... Três dias antes parece viável, eles passariam um tempo no hotel, visitariam as atrações da Schiaparelli antes, mas se tivessem algum problema com a segurança teriam de abortar tudo, enquanto, se viessem mais cedo ainda, poderiam fazer algum tipo de alteração no sistema invasor se ele fosse detectado... Vou dar um Terrassete.

— Tá bem. Mas no processo você encontrou a justificativa...

— É cedo pra isso. Pra fazer esse tipo de invasão eles teriam de contar com um equipamento semelhante ao

meu, alugado aqui, com o próprio *software* pré-programado noutra pra realizar o serviço. Mas se tivessem algum problema, é pr' o usuário desse tipo de equipamento que as autoridades iam olhar logo de cara.

— Significa só que o programa espião não foi descoberto...

Cristóbal olhou feio para ele.

— Olha a *lógica*, Peregrino! Aqui não é o resultado, mas a *antecipação* do resultado que conta.

— Tem razão — admitiu. — Que outro tipo de atividade dentro da Schiaparelli poderia garantir o uso de um terminal deste porte, então?

— Hum! Pergunta interessante. Teria de ser algum trabalho administrativo ou de engenharia. Mas aí, cai por terra o espaço de uma semana...

— Toda a sua pesquisa cai por terra — ele disse. — Não seria alguém que teria subido pra cá, mas alguém que já trabalha aqui, acionado lá de baixo.

— Acionado por *quem*? — ela disparou.

Peregrino ficou quieto. Genésia virou a cadeira na direção dele.

— A quem você quer enganar? — disse, olhando-o firme nos olhos. — A única organização baseada em Marte que seria louca o bastante pra tentar algo nas vizinhanças de Olympus Mons, contra o nosso mandato de proteção da área e que poderia ter gente infiltrada aqui em cima, seria a Freedom Frontier. E olha, que engraçado — ela emendou, não deixando que a interrompesse —, logo depois do seu passeio com o Destacamento da Guarda, a Freedom Frontier foi declarada ilegal e muitos dos integrantes dela levados pra interrogatório pelas autoridades de duas ou três cidades marcianas, e de centros industriais e mineiros.

Peregrino suspirou. Pegou uma das caixas de papel de algas com as cenourinhas e começou a comer, para não ter que falar. Não podia competir com Genésia. Tudo isso era de conhecimento geral, segundo o que Peregrino vinha acompanhando sobre a organização, desde o incidente. Olhou pela janela, que emoldurava o arco iluminado de Marte. Pelo jeito, Genésia também se mantivera ciente dos registros públicos do que se passava com a Freedom Frontier. Havia colocado tudo em perspectiva e fechado a sua conclusão.

— Engula isso e fale comigo — ela disse.

— Quando foi que você mudou a sua intenção de ir pr' a engenharia — ele perguntou —, em troca da carreira na inteligência militar?

— Eles são perigosos... — ela disse, com voz miúda. — A Freedom Frontier.

— Como sabe tanto sobre a organização, Cristóbal? E por que tem tanta certeza de que é ela que está atrás de mim?

Ela juntou as mãos nos joelhos, olhou para cima e

suspirou. Nesse instante, ele viu a menina que ela devia ter sido, há tão pouco tempo, antes do corpo e da academia e das brincadeiras perigosas.

— Eu ouvi esse boato de que alguém te viu em Nueva Esperanza com a nova tenente do Destacamento da Guarda... — Ela encolheu um ombro roliço. — Achei que havia algo cabeludo que eu poderia pescar e depois armar pra você. Descobri que a tenente tinha recebido um elogio, no prazo costumeiro de um Terraquinze depois de uma ação, e isso casava com a data da sua saída com o destacamento. O elogio dela não veio com citação. É confidencial, e isso bate com o véu de segredo em torno da sua saída.

Peregrino balançou a cabeça.

— Acho incrível como você fala abertamente da sua xeretice e impertinência...

— Um de nós tem que falar com franqueza, Peregrino — ela rebateu. — Então, além disso, temos ainda o novo *status* da Freedom Frontier, que acontece basicamente dois sóis depois da sua excursão. São muitas coincidências...

— Tudo circunstancial.

— Probabilidades não têm nada a ver com um sistema judicial, seu cabeça dura. E elas apontam mais de oitenta por cento de certeza de que você trombou com a Freedom Frontier no dia da tempestade de areia.

Peregrino endireitou as costas.

— Tá bem, vamos ver o que você consegue fazer. — E então anunciou: — Parâmetro tempo: quarenta Terradias atrás, recuando a partir do dia um das férias.

— O tempo que você acha que a Freedom Frontier levaria para reagir ao revés — Cristóbal disse —, aí descobrir sua participação e preparar a vingança.

— Também é a data limite dos arranjos que minha família fez na Schiaparelli — ele disse. E então: — Parâmetro: um único indivíduo, com formação em engenharia e programação, nacional da Aliança Transatlântico-Pacífico...

— Como a maioria dos membros da Freedom Frontier.

— Parâmetro: indivíduo subiu pra cumprir programa abreviado de aprendiz ou de aperfeiçoamento em área de engenharia ou programação, como parte de intercâmbio com empresa ou instituto em Marte.

— Do contrário, ele teria de esperar uma vaga abrir e não poderia fazer um planejamento. Ficaria tudo muito dependente da sorte...

— Parâmetro: indivíduo masculino ou feminino, mas não ciberaumentado.

— Ciberaumentados têm um escrutínio profissional e psicológico maior, e talvez ele ou ela fosse descoberto como membro ou simpatizante da organização.

— Parâmetro: último emprego em instalações de mi-

neração ou de manufatura, em Marte.

— Algum lugar que tenha escapado da atenção das autoridades, quando elas fizeram o pente-fino — ela expandiu, enquanto digitava.

— Parâmetro: essas instalações não podem incluir a operação mineradora das indústrias de transformação Gaynor-Murray a leste de Tharsis Montes. Não recentemente.

— Esse nível de detalhe? — Cristóbal espantou-se. — Porque as autoridades teriam checado esse lugar em especial?

— Parâmetro: passagem por forças militares ou de segurança, talvez praticante de artes marciais.

— Você pensa, então, em tentativa direta de assassinato...

Agora, havia espanto e preocupação na voz dela. Peregrino apenas mordeu mais uma cenoura com um *crunch*.

— Está tudo aqui — Cristóbal disse. — Vou mandar o algoritmo procurar.

— Faça isso. Se a busca der zero, errei completamente e o próximo passo é eu procurar as autoridades. Se der dois ou três, a mesma coisa...

— Não... — ela murmurou, olhando para a tela.

— Não o quê?

— Você não errou. A busca apresentou *um* resultado.

— Tá brincando — Peregrino balbuciou.

4.

— Me fale a verdade — ele pediu a Genésia Cristóbal. Os dois estavam fora do apartamento dela, caminhando rumo aos níveis de atracação da Schiaparelli. — Você parece não ter nenhuma pressa em voltar ao México. Por quê?

Ela deu de ombros.

— Minha mãe morreu quando eu era menina — contou. — Num acidente. E meu pai sempre viajou muito a trabalho. Depois que minha mãe morreu, ele impôs mil regras de como eu devia me comportar em casa, especialmente com as namoradas dele. E nenhuma regra sobre como *elas* deviam me tratar. O jeito que ele encontrou pra ficar livre de mim foi me inscrever primeiro em uma escola preparatória, da qual fui expulsa, aliás, e depois me incentivar a entrar na academia. — Deu de ombros. — Então me desculpe se eu tenho problemas com disciplina e autoridade. O fato é que sou boa o bastante pra ser empregada em construção ou manutenção de equipamentos em qualquer lugar das três Zonas de Expansão, mesmo que em nível médio e não superior. Sei que mais cedo ou mais tarde eu vou me livrar *dele*.

— Mesmo que signifique não continuar nas forças armadas?

— É. — Ela deu de ombros. — Uma opção como

qualquer outra.

Peregrino balançou a cabeça, mas ficou quieto. Ele mesmo às vezes imaginava que a vida militar não seria a melhor resposta para as suas próprias inclinações. O período como alferes seria o grande teste, mesmo que





significasse apenas contar os quatro anos de serviço obrigatório depois de formado, até poder dar baixa.

Os dois se detiveram diante do terminal de chegada destinado a passageiros que vinham do sistema Terra-Lua.

— Ali — Peregrino apontou no painel informativo. — Linha zero quatro dois seis: o *Herrera*.

Mesmo enquanto apontava, seus olhos fugiam do painel para vasculhar os ajuntamentos de pessoas em torno.

A busca de Cristóbal havia revelado um nome e uma fisionomia. O homem deixara de se encaixar em apenas dois dos parâmetros da busca... Só de pensar que o operativo da Freedom Frontier pudesse estar presente ali, ameaçando direta ou indiretamente a sua família, fazia Peregrino ranger os dentes e querer encontrá-lo entre os outros, querer espancá-lo até a inconsciência.

O que fez foi respirar fundo, diminuir a ansiedade dos seus gestos, e vasculhar os ajuntamentos e figuras solitárias com o máximo de descrição de que foi capaz. A busca era complicada pela possibilidade de haver um cúmplice na estação espacial. Genésia achava improvável. O supervisor do sujeito na Schiaparelli tinha mais de dez anos na estação e nada de suspeito em sua ficha. Além disso, a cultura internacional do lugar era muito forte, dificilmente haveria simpatizantes radicais passando despercebidos. Peregrino, porém, não apostaria nisso.

Quando seus pais surgiram, acompanhados de sua irmã menor, Tainá, ele suspirou de alívio ao mesmo tempo em que olhava em torno, antecipando o movimento de alguém. Ao seu lado, Genésia não tirava os olhos do seu onipresente *tablet*. Quando voltou a olhar para sua família, Peregrino notou os três rostos bronzeados pelo sol do Mato Grosso, e seu coração encheu-se de saudade.

Depois dos abraços, apresentou Cristóbal à família.

— Esta é a minha colega, a Cadete Genésia Cristóbal.

Seu pai, um tanto mais alto do que ele e sempre esbelto e ereto, cumprimentou a garota com educação. Já os olhos puxados de xavante de sua mãe exibiam um outro tipo de interesse. Tainá assistia a tudo de boca aberta. Peregrino encaminhou a todos — seguidos pelos robôs-carregadores — rumo ao apartamento de Genésia, com alguma pressa.

Quando se aproximavam do setor de hospedagens, ele disse:

— Tenho uns assuntos pra resolver com as autoridades da estação, gente. Deixo vocês com a Cadete Cristóbal. Ela vai mostrar o apartamento e explicar umas coisas muito importantes que surgiram de ontem pra hoje.

Séria para variar, Genésia concordou com a cabeça. Seus pais apenas olharam dele para ela, dela para ele — que viu claramente que eles resolveram confiar no que

propunham. Mas Tainá correu e o alcançou. Aos quatorze anos, sua irmã já era o esboço da mulher deslumbrante em que se tornaria em pouco tempo, mas nesse instante não passava de uma menina chocada com o que o irmão podia ter aprontado.

— Você engravidou ela ou coisa assim? — perguntou.

Peregrino revirou os olhos.

— Vai já pra junto dos outros — disse. — Você não vai querer se perder aqui, caipirinha.

Ela lhe deu um tapa no braço.

— Eu já baixei o aplicativo com a planta inteira do lugar no meu *tablet*! — e correu de volta.

As Forças Armadas Integradas da Latinoamérica tinham um escritório na Schiaparelli Way Station. Peregrino foi até lá e apresentou-se a um suboficial das Forças Espaciais, mostrando seus documentos e entregando a mensagem que ele e Cristóbal tinham elaborado juntos, relatando as suas suspeitas. O homem se apresentou como Suboficial Lisboa.

— Esta é uma mensagem para a direção da AMOM — Peregrino disse. — Deve ser enviada apenas se eu não aparecer aqui pra pegá-la de volta depois de amanhã.

— Do que se trata, cadete?

— Uma questão grave. O senhor não vai querer saber, Suboficial Lisboa. Basta dizer que tem uma garota envolvida, e que eu vou estar *muito* encrencado, se não aparecer aqui pra pegá-la de volta.

Lisboa deu um sorrisinho.

— Está bem. Até depois de amanhã, neste horário. Boa sorte, cadete.

— Obrigado, senhor.

O que Peregrino deveria ter dito a Lisboa era que, se ele fosse *morto*, o suboficial deveria enviar a mensagem. Não tinha mentido, é claro, com respeito a haver uma garota envolvida. Genésia havia identificado o suspeito, e quando anunciara no sistema de hospedagem que Peregrino tinha mudado de apartamento, armara uma armadilha. Se o operativo tivesse colocado algum dispositivo no primeiro apartamento, teria agora que recuperá-lo para reinstalar no novo local. Ou era isso o que Genésia havia imaginado. Podia funcionar.

Kanter McKinnon... Peregrino resgatou o nome e reviu os traços memorizados do homem. Tinha trinta e nove anos e vinha da área de Aeolis Mensae, ao sul da Elysium Planitia, onde a Aliança tinha um empreendimento de mineração de alta produtividade, embora discreto, afastado das principais cidades. Mais importante,

ficava quase que exatamente nas antípodas de Olympus Mons, do outro lado do planeta. Devia ter escapado do escrutínio das autoridades, depois do incidente na Olympus Rupes — longe demais para terem auxiliado a Freedom Frontier...

Cristóbal tinha seus motivos para crer que o operativo rondaria os apartamentos. O principal deles é que ele não viera de Aeolis Mensae para estagiar nas áreas de engenharia ou programação. Kanter McKinnon era técnico sanitário modular.

Genésia havia levantado dados rapidamente: os dejetos coletados em cada apartamento não eram distribuídos por um sistema de esgotos até uma central de tratamento. Apartamentos tinham o seu próprio sistema modular de processamento, de modo que o material separado dos componentes líquidos — que eram reciclados — era recolhido na forma desidratada e encaminhado para reaproveitamento em outro ponto da estação. Desse modo, a Schiaparelli racionalizava melhor o uso de espaço e eliminava o custo de fazer transitar os dejetos. Cada apartamento, de fato, possuía a própria unidade multifuncional automatizada de reciclagem e saneamento — assim como as instalações em Aeolis Mensae e em quase todas as habitações de Marte. Justificava-se que McKinnon estivesse ali para aprender mais com as soluções específicas das UMARS de Schiaparelli.

O que Genésia imaginava é que ele tentaria simular um vazamento fatal de sulfeto de hidrogênio emitido da lama de depuração sanitária. Os registros de manutenção e vistoria registravam que ele estivera no apartamento logo depois que Peregrino o havia reservado, há um Terrasete. Talvez os registros de esvaziamento da UMARS correspondente tivessem sido falsificados, de modo que, se o sistema de separação de gases tivesse sido sabotado, haveria ali volume de H₂S suficiente para causar o envenenamento fatal de várias pessoas. Para otimizar o atentado, McKinnon precisaria ter o controle remoto do seu truque — um dispositivo que causasse o vazamento quando ele tivesse certeza de que todos os alvos estavam no seu interior. Daí a certeza de Cristóbal de que ele retornaria para retirá-lo e cobrir os seus rastros.

De fato, existia, como ela havia descoberto, uma manutenção “de emergência” programada para dali a alguns minutos, no apê anterior. O técnico responsável não tinha o mesmo nome, mas Cristóbal disse que isso poderia ser facilmente forjado para encobrir o patife.

Peregrino nutria, num canto de sua mente, a esperança de que McKinnon se desse por satisfeito, recolocasse os seus truques na sacola e desistisse do atentado. O novo apartamento estaria limpo de lama de depuração, e, a menos que o seu uso coletivo por Peregrino e sua família nos poucos dias em que ficariam na Schiaparelli

antes de seguirem para Nueva Esperanza produzissem a quantidade fatal, o sabotador teria de desistir.

Mas no fundo, Peregrino sabia que não poderia deixá-lo livre para pensar em um plano alternativo, talvez uma sabotagem ainda mais grave, ou um ataque direto à sua família. Genésia queria que ele apenas identificasse e seguisse McKinnon. Mas no seu íntimo, estava disposto a confrontá-lo, pegá-lo com as provas possíveis e o entregar às autoridades — se fosse capaz de dominá-lo. Como cadete, Peregrino tinha instrução de jiu-jitsu brasileiro, e era um praticante bastante razoável. Mas a ficha de McKinnon dizia que ele era campeão regional de luta olímpica. E com a vantagem do peso.

Estava disposto a tentar, de qualquer modo. Não via outra maneira de proteger sua família e Cristóbal — e de manter o seu compromisso com o sigilo. Teria ido longe demais com isso?... A sua colega já havia descoberto quase tudo o que havia a ser descoberto, e se ele detivesse McKinnon, as autoridades da Schiaparelli não ficariam tão impressionadas com sua lealdade à Vice-Almirante Geber. Ainda assim, por alguma razão ele sentia a necessidade de levar os seus votos até a última instância possível.

O que Genésia estaria contando à sua família? Deixara a critério dela como explicar a mudança de apartamento e a necessidade de esperarem o retorno dele. Não tinha dúvida de que a garota era bem capaz de passar a eles a versão mais escandalosa que a sua imaginação conseguisse produzir. Apesar disso, fora a única maneira que encontrara de manter a sua promessa de sigilo.

Como o seu pai reagiria? Mandaria para o inferno as determinações da academia e iria imediatamente às autoridades policiais, exigir a proteção da família? Se fizesse isso, dificilmente Peregrino e Cristóbal escapariam de consequências disciplinares e até criminais. Ele teria de esperar até que eles tivessem algo sólido para imputar ao suspeito. Tudo dependia de Genésia e seus “problemas com disciplina e autoridade”.

Intimamente, as dúvidas o corroíam... Com um meio sorriso, porém, reconheceu que sua opinião sobre a colega havia mudado. Só não sabia ainda para o quê. O que fez desde que se separou dela e de sua família foi dar uma volta, sempre atento à figura de McKinnon, e retornar à área residencial. Estava sentado no jardim que antecedia a essa seção da Schiaparelli, não longe do apartamento de Genésia. De onde estava, tinha todo o campo de aproximação aos apartamentos aberto diante dos olhos.

Seu pensamento retornou à hipótese que ela havia levantado. Haveria sulfeto de hidrogênio suficiente na UMARS do apartamento. Um inibidor do aparelho respiratório tão perigoso quanto o cianídio, em torno das mil partes por milhão o H₂S causava a morte em pou-

cos instantes, e trazia perigo de vida em torno das 300 ppm... Não havia sistema de sensores e alerta para esse gás, tão confiável era o sistema de captura da UMARS. Nessas concentrações fatais, danificava o olfato antes da vítima sentir o seu cheiro desagradável.

Peregrino sentiu os punhos se fecharem.

Via McKinnon aproximar-se. Um robô alongado e dividido em três segmentos o acompanhava, uma centopeia sobre rolamentos e de perfil quebrado por tubulações flexíveis e reservatórios tubulares. O homem vinha coberto por um macacão verde alaranjado e uma cibernmáscara integrada ao respirador preso às suas costas. Passou diante dele ao longe, por entre um casal com crianças e as colunas do espaço comunal do setor de residências, com *spots* de luz tentando projetar efeitos de luz filtrada, como que pelos galhos de uma floresta.

Peregrino levantou-se. Diante dos seus olhos, o espaço amplo, claro e arejado se transformou em uma selva opressiva. Devia ter conferido o seu *tablet*, se Cristóbal tinha enviado alguma mensagem de última hora, mas seus olhos não conseguiam desgrudar de McKinnon. Antes que o homem desaparecesse no recesso de manutenção entre os apartamentos e a passagem fosse fechada, ele acelerou o passo para alcançá-lo.

Nesse instante, a iluminação mudou e altofalantes berraram:

— *Este é um alerta de exercício de situação de emergência nível um! Pessoal técnico, dirijam-se às suas estações de emergência. Visitantes permaneçam em seus quartos ou apartamentos, exceto por aqueles do setor residencial azul seis. Visitantes do setor residencial azul seis, dirijam-se para a área de concentração de emergência do nível verde. Pessoal técnico, dirijam-se às suas estações de emergência. Este é um alerta de exercício de situação de emergência nível um!*

Peregrino trancou a mandíbula, refez os punhos e começou a correr. Ali era o setor residencial Azul 6. No mesmo instante, viu as primeiras pessoas deixarem os seus apartamentos. Para chegar ao recesso, teve de desviar-se de duas delas, enquanto as luzes girantes banhavam tudo de azul e amarelo e os alto-falantes emendavam um ciclo de instruções atrás do outro.

— *Este é um alerta de exercício de situação de emergência nível um! Pessoal técnico, dirijam-se às suas estações de emergência...*

Peregrino deteve-se junto ao recesso. Não havia luzes acesas ali, e no seu interior, Kanter McKinnon por certo não fez menção de dirigir-se à sua estação de emergência.

— *Este é um alerta de exercício de situação de emergência nível um!..*

Peregrino entrou.

No mesmo instante, sentiu um tremendo impacto em

sua têmpora esquerda. A escuridão do interior do recesso coloriu-se por um segundo, um lampejo de dor e espanto, e ele se sentiu cambaleiar sem que pudesse controlar o movimento dos membros.

— *Visitantes do setor residencial azul seis, dirijam-se para a área de concentração de emergência do nível verde...*

Mãos fortes o agarraram. Foi virado. Mais um golpe o atingiu abaixo do olho direito. A força fez sua cabeça saltar para trás. O punho fechado sobre o seu braço o puxou com um tranco. Sentiu as pernas serem chutadas debaixo dele. Aturdido pelos golpes, tudo o que conseguiu fazer foi diminuir a força do impacto, estendendo um braço ao cair.

— *Pessoal técnico, dirijam-se às suas estações de emergência. Este é um alerta de exercício de situação de emergência nível um!*

O atacante atirou-se contra o seu peito. Punhos fortes fecharam-se sobre os seus pulsos. Sentiu-se manobrado. Resistiu. Contra as suas costas havia uma superfície lisa, dura, morna, movendo-se com a precisão de uma máquina. Estava preso entre o corpo pesado de McKinnon e o seu robô de manutenção...

— *...Emergência nível um!..*

Puxou as pernas para cima, flexionando os joelhos. Apenas um deles ficou entre ele e McKinnon. A vista de Peregrino clareou um tanto. As luzes giratórias entravam debilmente por entre a abertura do recesso. Não viu o rosto de McKinnon, porém. Ele mantinha a máscara...

— *Visitantes permaneçam em seus quartos ou apartamentos, exceto por aqueles do setor residencial azul seis...*

Sombras de pessoas correndo ou caminhando quebravam os lampejos luminosos. McKinnon tentava virá-lo de bruços. Peregrino defendeu-se. Os punhos do adversário fecharam-se sobre o seu braço, um cotovelo começou a pressionar sua traqueia. Peregrino empurrou o queixo contra o peito para não dar passagem, começou a girar o corpo com a perna livre, mas o volume do robô às suas costas limitou a sua manobra.

— *Todo o pessoal técnico do setor residencial azul seis dirija-se às suas estações de emergência!* — ouviu.

A mensagem alterava-se...

— Eu sabia que você viria atrás de mim — McKinnon disse, falando pela primeira vez, as palavras em inglês saindo abafadas e metálicas por trás da cibernmáscara. — Está no seu perfil, bancar o herói como o moleque idiota e intrometido que é.

— Me solte! — conseguiu dizer, mal movendo a mandíbula. — Acabou para você, McKinnon. Vão dar por sua falta...

— Não importa se me pegam ou não.

— *...Emergência nível um! Todo o pessoal técnico do*

setor residencial azul seis dirija-se às suas estações de emergência!

— Você vai estar morto quando te encontrarem. O recado vai ser dado a todos, em Marte e na Terra.

Com toda a força que tinha, tentou alavancar McKinnon de cima do seu peito, mas o homem moveu-se, mudando o peso de posição, puxou o seu braço e fez o seu corpo girar mais um pouco. Logo ele o forçaria a dar-lhe as costas. Peregrino forçou o queixo para junto do ombro, fugindo do antebraço que fecharia a sua traqueia.

— ...Emergência...

— Você não tem *nada*! — McKinnen gritou. — Sabe o que te espera. Vou te sufocar até a morte. *Eu* tenho a motivação maior. Você é só um moleque intrometido. Só uma pilha de entulho no caminho da verdadeira liberdade...

O silêncio do alerta permitiu que o burburinho das pessoas lá fora chegasse aos seus ouvidos aturdidos.

Um impacto vindo de cima arrancou um gemido de McKinnen e o fôlego do peito de Peregrino... Arfando, ele estendeu o pescoço em busca de ar e nesse instante soube que o antebraço do outro estaria em seu pomo de adão e a alavanca o colocaria de bruços...

Lutou desesperadamente e então sentiu que o peso de McKinnon se retraía um tanto... Uma das mãos dele soltou-o...

— Me ajude aqui, seu idiota! — ouviu em espanhol. A voz de Genésia. — Antes que ele me projete.

Peregrino gastou um segundo para sentir a situação, as pernas dela fechadas em torno dos quadris de McKinnon, seus braços finos tentando estrangulá-lo, atrapalhados com o traje protetor e a cibermáscara... O homem havia soltado o seu antebraço para tentar agarrar Cristóbal e jogá-la por cima do ombro. Mas mantinha o outro pulso pressionado contra a garganta de Peregrino. A pressão era constante... Peregrino estendeu o braço e apertou a palma da mão contra o queixo de McKinnon, empurrando sua cabeça para cima. Sua outra mão parecia paralisada, mas o golpe dava a abertura para a garota fechar o mata-leão... McKinnon encontrou uma das artérias do seu pescoço. Peregrino sentiu, ao mesmo tempo, que ele retesava os músculos do tronco para lançar Cristóbal para longe.

A última coisa que fez foi transferir sua mão do queixo para o cotovelo levantado de McKinnon. Usou toda a força de que dispunha, contra a do outro.

Vou segurá-lo pra você, sua doida, proferiu em pensamento, sentindo-se à beira do desfalecimento. *Vou segurá-lo enquanto você o apaga de uma vez por todas...*

Um gemido gorgolejante se fez ouvir... Peregrino não sabia se era dele mesmo ou de Kanter McKinnon, o homem que pensava conhecer o caminho da verdadeira liberdade...

5.

Tainá entrou na câmara interna da grande barraca inflável pressurizada, trançando as pernas de tanto rir. Na eclusa, tinha ficado com pés paralelos diante dos potentes ventiladores que livravam os trajes da fina poeira marciana. O sopro a jogara de bunda no chão. “Bêbada de baixa gravidade”, alguém diria, embora ela tivesse se dado muito bem em todas as atividades de campo organizadas pelo clube internacional de exploradores KSR.

— Sua irmã é um doce, Peregrino — Cristóbal disse, quando a menina se enfiou no chuveiro. — Ao contrário de você.

Os dois haviam descido com Tainá, para a atividade externa dela com o KSR. Era o segundo dia, e eles retornavam de Noctis Labyrinthus, onde tiveram a sorte de verem as longas cortinas de serração no fundo dos desfiladeiros tocando vastas fendas e projeções monumentais que ainda ansiavam por nomes. Tão distantes da lisura dos interiores da Schiaparelli, imemoriais e implacáveis em propósitos tão diversos das ilusões momentâneas dos homens...

A excursão tinha sido divertida, especialmente pela curiosidade infundável de Tainá e a sua aplicação em atender aos instrutores. O novo voo de Cristóbal só sairia em quatro Terradias, e ela decidira descer com eles e matar o tempo em Marte e não em Schiaparelli, ao alcance do interesse questionador das autoridades. Enquanto esperavam a sua vez no chuveiro, já haviam removido os trajes e conversavam apenas vestindo a Bermuda de interface.

— Obrigado por protegê-la, Cristóbal — Peregrino agradeceu.

— Nós realmente pegamos aquele idiota, não foi? — Genésia disse. — Se você se esforçar um pouco, ainda consegue ser o meu *sidekick*.

Ainda havia pontos de inchaço no rosto de Peregrino, e os músculos do pescoço ainda latejavam, da chave que McKinnon tentara aplicar nele. Duas costelas ainda doíam, de onde Cristóbal o atingira quando pousou nas costas de McKinnon. Lá atrás, pressionado entre o robô e o operativo da Freedom Frontier, ele havia despertado em uma névoa de confusão. “Acorde, dorminhoco!” o grito de Cristóbal o recebera. “Cansei dessa merda. Quero sair deste buraco! Quebrei os dois braços deste desgraçado depois que o pus a nocaute. Não quero estar aqui quando ele voltar a si e abrir o berreiro.”

Ela havia produzido aquele alerta de emergência, hackeado nos sistemas da Schiaparelli, e então saído, sabendo tanto quanto McKinnon que Peregrino iria confrontá-lo. Chegara no instante exato. Mais tarde, ela e o irado pai de Peregrino o ajudaram a arrastar McKinnon até o escritório do Suboficial Lisboa.

Só não conseguiram fabricar uma história que amarasse tudo de modo que se safassem da atenção das autoridades da estação de trânsito. Mas elas decidiram abafar tudo, depois das três horas de interrogatório a que submeteram os dois. Afinal, tinham *contratado* o sabotador e deixado passar as falhas da UMARS que permitiram que McKinnon o sabotasse, sem falar no *software* rastreador que o terrorista havia infiltrado... Se isso não bastasse, havia tudo o que uma simples cadete da AMOM tinha aprontado com os seus sistemas. No fim, ficaram mais felizes do que os oficiais da aduana Martín e Gomez, em tirar a dupla de cadetes da sua frente — e corrigir na surdina as suas falhas de segurança. Mais um acordo de sigilo, porém...

Quanto a McKinnon, foi entregue — ainda sem contar com a ação de analgésicos — às autoridades federais da Latinoamérica, sigilosamente. A reação da Almirante Geber a tudo só viria à luz depois que a diretora da academia retornasse a Marte.

Agora, Peregrino e Cristóbal se apertavam as mãos.
— Ainda não sei por que você fez tudo o que fez — ele observou, em voz baixa.

Genésia riu.

— Você não consegue ver a cobra nem depois de picado...

— Escute — Peregrino disse, encarando-a. — Não duvido de que você seja capaz de construir coisas positivas em qualquer lugar da galáxia. Mas, e quanto a proteger as pessoas? Pode ser tão boa nisso quanto em construir coisas... e pregar peças.

Por um instante, ela apenas o observou, calada, os olhos brilhantes e o rosto voltado para cima. Então ficou na ponta dos pés, enlaçou o pescoço de Peregrino com os braços e o beijou na boca.

FIM



Edição Temática Livre - Artigo

Balões no céu e na ficção

de Rubens Angelo



Crédito: Lexica Generator AI

Após o constrangedor incidente internacional entre a China e os EUA envolvendo um balão, o mundo voltou os olhos para cima, lembrando que o céu ainda é um lugar de mistério e fascínio. Só no mês de fevereiro de 2023, os EUA anunciaram a derubada de pelo menos quatro objetos voadores não identificados: no dia 4 (fevereiro), um balão chinês supostamente usado para espionagem; dia 10, um objeto do tamanho de um carro enquanto voava sobre o Alasca; dia 11, um objeto cilíndrico no Canadá; dia 12, um objeto em forma octagonal em um lago na fronteira entre EUA e Canadá. Apesar do termo utilizado, OVNI, ser comumente associado a discos voadores, o governo norte-americano acredita que todos esses objetos são de origem terrestre — e possivelmente dispositivos de espionagem.

Além dos 4 objetos voadores não identificados

abatidos, há relatos de mais 3 outros avistamentos de dispositivos semelhantes rondando os céus da América do Sul e até da Península Coreana — é também irônica a notícia de que mesmo os chineses foram importunados por um desses objetos misteriosos.

É muito curioso que essas notícias sobre objetos abatidos no céu tenham incitado o imaginário do público quanto ao mistério que existe acima de nossas casas. Quer sejam dispositivos espíões ou meramente balões de pesquisa científica, boa parte do público parece preferir as explicações mais esotéricas e extravagantes, como os amados discos voadores! Apesar dos avanços científicos, nós aqui no chão continuamos projetando no céu as nossas esperanças e medos, povoando as nuvens distantes e inacessíveis com anjos, demônios e, por que não, alienígenas.

Entender o fascínio pelo céu não é difícil. A ver-

dade é que os seres humanos sempre sonharam em voar. E com a invenção do balão de ar quente (especificamente, o balão dos irmãos Montgolfier, que tem essencialmente o mesmo design que se pode ver hoje nos balões de ar quente modernos), esse sonho tornou-se uma realidade em 1783. A popularidade dos balões de ar quente e de seus descendentes, os dirigíveis, deixou uma marca permanente na imaginação das pessoas — afetando, portanto, nossa cultura.

No alvorecer do século XIX, a Balãoomania estava em alta, e cientistas, artistas e o público em geral permaneceram fascinados por balões durante toda a era vitoriana. Cientistas exploraram os céus, aventureiros estabeleceram recordes de viagens e artistas cativaram multidões saltando de balões e caindo de pára-quedas no chão. Por um tempo, roupas, penteados e qualquer coisa que pudesse ser decorada foram modelados ou pintados com balões. Naturalmente, o balonismo também entrou na literatura e continuou a ser uma mania bem depois do período vitoriano.

Os balonistas escreveram relatos de suas viagens, quer fossem científicos, aventureiros, poéticos ou factuais. Talvez a primeira obra de ficção em prosa sobre o balonismo (certamente é a mais engraçada) tenha sido um relato fantasioso escrito em 1802 por Jeanne Geneviève Garnerin. Ela foi a primeira mulher a pular de um balão e descer de paraquedas. Como parte de seu ato, ela às vezes jogava seu gato para fora do balão com um pára-quedas também. Em resposta aos preocupados amantes de felinos, o gato de Madame Garnerin enviou uma carta à imprensa (isso mesmo, você não leu errado) descrevendo seu intenso amor pelo paraquedismo. Isso seria algo natural para o felino já que ele havia “sido criado no próprio seio da aerostação” — conforme o próprio explicou na carta.

Enquanto até os animais aderiam à moda balonista, o poeta inglês Percy Shelley (marido de Mary Shelley, autora de *Frankenstein*) escreveu, em 1812, o soneto “*To a Balloon, Laden with Knowledge*”, no qual imaginou um pequeno balão de ar quente tomando seu “caminho etéreo” e trazendo um “raio de coragem aos pobres e oprimidos”. Os balões inspiravam as pessoas a acreditar em um mundo melhor. Cientistas e poetas, incluindo Benjamin Franklin, Erasmus Darwin e Victor Hugo, escreveram sobre as possibilidades do balão com uma amplitude de imaginação que preencheu a lacuna entre ciência, romance científico e ficção científica. “*The Surprising Adventures of Baron Munchausen*” (Aventuras do barão de Munchhausen), escrito pela primeira vez por Rudolf Erich Raspe em 1785, teve várias edições, tradutores

e editores, cada um dos quais acrescentou mais e mais aventuras. Nas versões publicadas entre 1809 e 1895, o Barão teve todo tipo de aventuras relacionadas a balões, incluindo usando-os para levantar e transportar prédios inteiros por pura diversão.

À medida que o racionalismo científico dominava a era vitoriana, os escritores usaram o conceito de balão de ar quente para sugerir novas possibilidades em viagens, guerra, ciência e aventura. No emaranhado mundo editorial, muitos autores brincaram com ideias semelhantes sobre viagens de balão, alguns mais de uma vez. Edgar Allan Poe publicou em 1835 o conto “*The Unparalleled Adventure of One Hans Pfaall*” (Hans Pfaall - uma Aventura Sem Paralelo), sobre um homem que viaja para a lua em um balão. Posteriormente, o editor de Poe supostamente plagiou a história dele para criar sua própria história: “*The Great Moon Hoax*”. Poe, talvez irritado com a cópia, aumentou as apostas e lançou em 1844 “*The Balloon-Hoax*” (O Embuste do Balão), no qual convenceu os leitores do *The New York Sun* de que um personagem fictício chamado Monck Mason atravessou o Oceano Atlântico com um balão em apenas três dias.

Júlio Verne aproveitou muitos elementos de Poe e se referiu a “*The Balloon-Hoax*” em seu próprio livro, “*From the Earth to the Moon*” (Da Terra à Lua) de 1865. Ele já havia se voltado para um balão de ar quente como o principal meio de transporte em “*Five Weeks in a Balloon*” (Cinco Semanas em um Balão) de 1863. Este livro, embora tenha elementos que pareçam sutis à ficção científica (o balão é alterado para que possa ser dirigível e fazer longas viagens), deu o tom para os livros “*Viagens Extraordinárias*” subsequentes de Verne.

Cabe explicar, que o viajante Phileas Fogg, não usou um balão de ar quente no livro de “*Around the World in 80 Days*” (A Volta ao Mundo em Oitenta Dias). No romance de 1873, Fogg viaja de trem, barcos (principalmente vapores), um elefante e um tremó movido a vento. O balão foi introduzido na história com a adaptação cinematográfica de 1956 e se tornou tão popular que é a primeira coisa que a maioria das pessoas pensa quando ouve o título do livro.

O amor pelos balões também se fez notar no Brasil em “*O Doutor Benignus*”, de Augusto Emílio Zaluar, livro apontado por muitos pesquisadores como o primeiro romance brasileiro de ficção científica, publicado em 1875. Na história, é um balão de ar quente (mas de propriedade de um norte-americano), que salva uma expedição brasileira nos confins ainda inexplorados do Brasil Central.

Infelizmente, os balões de ar quente começaram a ser ofuscados pelos aviões após o voo dos irmãos Wright em 1903 e de Santos Dumont em 1906. No entanto, não estava de forma alguma estabelecido que o futuro do ar pertenceria aos aviões. Os dirigíveis (muitas vezes chamados de “Zeppelins”, em homenagem ao Conde alemão Ferdinand Von Zeppelin, pioneiro no ramo) subiram ao céu usando gases de hidrogênio ou hélio. Após a Primeira Guerra Mundial, os passageiros podiam fazer voos luxuosos pela Europa e para a América a bordo de dirigíveis. O famoso *Graf Zeppelin*, com surpreendentes 236 metros de comprimento, fez algo notável: circunavegou o globo no ano de 1929, em apenas 21 dias! Este mesmo dirigível veio ao Brasil em 1930. A partir de 1933, o infame Hitler transformou os dirigíveis alemães em um símbolo do crescente poder tecnológico nazista. A era de ouro dos dirigíveis terminou abruptamente com o famoso desastre de *Hindenburg*, em 1937.

Graças ao gênero steampunk, os dirigíveis — descartados no mundo real — prosperaram na literatura. Inspirado pelos escritores vitorianos como H. G. Wells e Júlio Verne, o steampunk explora as possibilidades de histórias alternativas nas quais a moda vitoriana prevalece, o vapor é a principal fonte de energia — não foi substituído por eletricidade ou gasolina — e os dirigíveis dominam o céu! A série de

livros “*His Dark Materials*” (Fronteiras do Universo, 1995), de Philip Pullman, usa dirigíveis não apenas para fins práticos, mas para revelar classe social e caráter. Enquanto os ricos viajam em dirigíveis com luxo, o vagabundo Lee Scoresby ganha a vida com um balão de ar quente que ganhou em um jogo de pôquer. No mundo real, o exército da União usou balões de ar quente para espionar os confederados durante a Guerra Civil Americana, já no livro “*Clementine*” (2010) da escritora Cherie Priest, dirigíveis carregam tropas, suprimentos e espiões em uma versão de história alternativa da Guerra Civil.

Aqui nas terras brasileiras tivemos uma guerra aérea envolvendo balões dirigíveis no romance “*A Mão que Pune - 1890*” (2018), de Octávio Aragão. Em 2020, o autor Enéias Tavares narrou um bombardeio feito por dirigíveis, ao abrigo de uma sociedade secreta em uma ilha do Rio Grande do Sul, em seu romance “*Parthenon Místico*”.

É reconfortante saber que as aventuras do balonismo continuam inabaláveis na literatura. E apesar de ninguém ter viajado até a lua em um balão, é bom lembrar que há um projeto conjunto entre a NASA e a ESA (Agência Espacial Europeia) com o intuito de enviar um balão-sonda para explorar Titã, uma das luas de Saturno.

Viva os balões!



Rubens Angelo é editor, escritor e pesquisador do fantástico
E-mail: rubensgrafico@gmail.com
Site: <https://scifitropical.wordpress.com>
rede social: <https://www.instagram.com/rubensescritor/>



Apresentação do Conto 'Aí Vemo o Sol'

por Rubenildo Barros

Comecei a ler Ficção Científica e Fantasia (FC&F) em 1962 (acho). Não incluo aí os “gibis” e quadrinhos, falo da palavra escrita. Desde cedo pensei em colecionar livros e assim o fiz, em especial após 1972 quando minha coleção começou a aumentar. Quero dizer, com isso, que minha ligação com a FC&F é antiga.

Corte para 1986, quando tomei conhecimento da existência de um grupo de pessoas que formaram uma comunidade de leitores de FC&F, o Clube de Leitores de Ficção Científica ou, simplesmente CLFC, cuja “sede” era em São Paulo. Soube de reuniões aqui no Rio de Janeiro e decidi me aproximar. Foi o ano em que conheci José dos Santos Fernandes ou “Zé Fernandes”, sócio 17 do CLFC e comecei a participar, efetivamente, como sócio 33.

As reuniões do CLFC no Rio de Janeiro geraram uma antologia de FC&F, “Verde...verde...”, sugerida e organizada pelo saudoso Sérgio Fonseca de Castro, sócio 62, escrita pelos associados, cuja característica era que todos os contos teriam (tiveram) o mesmo título da antologia. Até a primeira edição, de cunho amadorístico foi impressa em papel verde. Posteriormente houve uma segunda edição, mais “profissional”, com os mesmos contos da edição anterior. No livro havia um conto do José Fernandes que já delineava traços de seu modo de escrever e, porque não dizer, um pouco de sua visão de vida. Tive o prazer de escrever o posfácio.

Falando em “Verde...Verde...” o Somnium N° 96, JUL/AGO 2006, traz uma resenha do Miguel Carqueja, também publicada no portal “Entretextos” (<https://www.portalentextos.com.br/post/verde-verde-verde>).

Com o sucesso (meio forçando a barra) do primeiro livro, veio a idéia do segundo, também uma antologia. O título seria algo como “FC 4ever” e os contos seriam (foram) inspirados por letras de canções dos Beatles. Infelizmente, o livro não foi editado, mas seus contos se espalharam entre fanzines e outras antologias. É nesse contexto que o conto que irão ler deve ser enquadrado.

José Fernandes escolheu “*Here Comes the Sun*” como inspiração e a mim coube o prazer de apresentá-lo, agora, à nova geração de leitores do SOMNIUM,

talvez pela amizade que nos une (ele é meu padrinho de casamento) ou pelo fato de eu ser o ex-futuro editor da antologia inacabada e não impressa.

José Fernandes tem a capacidade de unir um fino senso de humor com uma visão crítica e, porque não dizer, meio pessimista (ele chama de realista) da vida. O conto que irão ler reflete esse lado “dark”, já a verve humorística era mostrada ao vivo, nas inesquecíveis reuniões do CLFC-RJ.

A linguagem seca, direta, sem concessões é uma característica de seu estilo, permeando as idéias que uniam o insólito a um cotidiano muitas vezes triste ou mesmo aterrador.

Leiam e sintam, sim porque os contos dele sempre despertam alguma emoção...e sim, ele tem um filho.



Crédito: Rubens Angelo/MidJourney

Edição Temática Livre: Conto Aí Vem o Sol

de José S. Fernandes

Crédito: Rubens Angelo/MidJorney



O vento soprou uma boa quantidade de neve em meu rosto quando me aproximei da entrada da gruta. Limpei-o com as luvas e estiquei o pescoço, procurando enxergar através da tempestade que uivava do lado de fora.

Nada havia mudado.

O vento, em redemoinhos, agitava a neve que caía entre os troncos nus e mortos das árvores mais próximas e continuava muito escuro. Eu poderia até jurar que eram quatro ou cinco horas da madrugada mas meu relógio mostrava que eram pouco mais de onze horas da manhã.

Onze horas da manhã de um dia 15 de Janeiro...

Ajustei o pesado casaco e voltei para o interior da gruta.

— Meu Deus, — pensei, enquanto batia as mãos e dava pequenos pulos para me aquecer — deve estar a

vinte graus abaixo de zero lá fora.

Apanhei um pedaço de carvão na fogueira que começava a se extinguir e marquei mais um traço na tábua pendurada na parede mais profunda da caverna: o 764.

Mais de dois anos...

Joguei o carvão de volta na fogueira e realimentei-a com alguns galhos secos.

— Está fazendo sol hoje, papai?

A face descorada e emagrecida de Paulo me encrava de seu leito ao lado do fogo.

— Não, Paulo, — respondi — hoje não está fazendo sol. Ainda está nevando muito. Quem sabe, mais tarde?

Paulo tossiu e tornou a se deitar, visivelmente decepcionado. Aproximei-me dele e ajeitei as cobertas, afagando seus cabelos ralos e quebradiços. Li nos seus olhos que minha velha mentira não mais o convencia.

Ele sabia muito bem que ainda não seria naquele dia que ele voltaria a ver o sol, e talvez nunca mais o fizesse. Não é nada fácil enganar um menino inteligente de nove anos de idade, ainda mais quando ele já não tem no seu espírito esperança suficiente para o fazer acreditar em uma mentira.

— Vou ter que sair, filho, — continuei — Estamos quase sem comida. Está na hora de caçar mais alguma coisa.

Ele se mexeu, pouco à vontade, sob as cobertas e soltou um suspiro:

— Você vai demorar muito desta vez, papai?

— Não, Paulo. Acho que não vai ser preciso ir muito longe. Devo estar de volta amanhã.

Mais mentiras.

Eu não fazia a mínima idéia de quanto tempo levaria, quanto teria de andar e, principalmente, se iria encontrar alguma coisa que servisse para se comer no meio de toda aquela neve e escuridão. Só podia torcer para que a minha caça habitual ainda não tivesse desaparecido por completo.

Paulo suspirou de novo e ficou olhando para o teto da gruta onde dançavam as sombras projetadas pelas tochas que iluminavam nosso abrigo.

Tentei tirá-lo daquela letargia através das recomendações que sempre fazia antes das minhas saídas. É claro que, após dois anos, Paulo já sabia todas elas de cor e salteado, mas mesmo assim eu as repeti.

— Não esqueça de manter a fogueira sempre com bastante lenha e nunca chegue perto da entrada da caverna, aconteça o que acontecer. Não deixe de tomar as vitaminas e fique sempre bem agasalhado.

Fui até nossa despensa improvisada em um buraco na rocha e peguei um dos vidros de vitaminas que ainda restavam. Tomei uma das cápsulas e coloquei o vidro junto de Paulo.

— Estas pílulas são muito duras, papai, — ele se queixou. — Elas me machucam quando eu mastigo e sai muito sangue das minhas gengivas.

Senti um arrepio percorrer minha espinha. Podia ser apenas um sintoma de escorbuto, por falta de vitamina C, embora as cápsulas contivessem uma quantidade suficiente dela para evitar esta doença; talvez fosse um sintoma de alguma outra carência alimentar desconhecida por mim ou, o que era pior, um sinal de leucemia causada por envenenamento radioativo.

— Tente engolir as cápsulas sem mastigar, Paulo, — sugeri.

Eu sabia que ele não gostava de engolir comprimidos, mas ele me olhou resignadamente e acenou que sim com a cabeça.

Calcei as botas que eu havia reforçado com peles para o gelo e vesti mais duas calças de lã. Apanhei a sacola, as cordas, o arco que usara nas disputas no Flamengo havia tanto tempo, as flechas toscas de madeira seca que eu fabricara aos trancos e barrancos no fundo daquela caverna e o revólver 38 carga dupla. Este último eu só usaria em uma emergência crucial pois os 20 ou 30 cartuchos de que dispunha não poderiam ser repostos, se é que eles ainda estavam funcionando depois de tanta umidade e frio nos últimos anos.

Ajeitei todo o equipamento no corpo e preparei-me para sair após uma derradeira verificação do funcionamento da lanterna a pilha. Caso tivesse de me locomover durante mais do que as cinco horas de parca luminosidade de cada dia, ela seria minha única chance de orientação.

— Até a volta, Paulo. Vamos ver se o seu pai continua sendo um campeão de arco e flecha.

— Tome cuidado e não demore muito, papai, — falou Paulo, sem sorrir.

Ele não sorria desde a época dos furacões e tsunamis, desde quando fomos obrigados a correr da nossa casa em direção às montanhas da Tijuca para

escapar das primeiras grandes ondas, desde aquela madrugada em que nos separamos de sua irmãzinha e de Marta no meio da multidão desesperada que subia a Avenida Edson Passos...

Tive muita sorte de encontrar a gruta num ponto elevado e denso da floresta. Ela salvou nossas vidas quando consegui chegar no seu interior carregando meu filho, o arco e a mochila com as coisas que eu achara que poderiam nos ajudar a sobreviver. Até hoje, não me arrependi de ter trazido qualquer uma delas.

Depois dos furacões, vieram as nevascas e tudo se tornou escuridão e frio; setecentos e sessenta e quatro dias de escuridão e frio. Quisera saber quantos mais ainda teríamos que suportar.

Acenei para Paulo da entrada da caverna, enrolei o cachecol no rosto e saí para a neve que continuava a cair.

Desci a encosta do que antes fora um belo parque florestal em meio a esqueletos de árvores e enterrando as pernas na neve que, em alguns lugares, me chegava aos joelhos e transformava cada passo em um suplício. Por sorte, os troncos retinham a neve e diminuíam o perigo das avalanches.

Continuei a descer, guiado pelas marcas que eu mesmo fizera nos troncos através de todos aqueles meses de busca por comida e lenha. Caso quisesse me afastar da trilha já demarcada, tinha de forçosamente fazer novos sinais nas árvores pois, mesmo durante o dia, a visibilidade não ia além de uns dez ou quinze metros.

Não tive sorte naquela saída. Não encontrei nada nas proximidades de nosso abrigo e andei a esmo por dois dias, passando noites terríveis em buracos cavados no gelo, junto ao tronco de velhas árvores, onde conseguia me abrigar do vento frio e acendia fogueiras diminutas que mal davam para evitar que eu morresse congelado durante o sono. Não acender uma fogueira era congelamento na certa. Acender uma grande, caso isso fosse possível, poderia significar outro tipo de morte. Assim, tinha que sobreviver no limiar do frio insuportável e aguentar até a manhã seguinte, quando poderia recomeçar minha busca por comida.

Vi os primeiros sinais de um grupo no terceiro dia da caçada. Torci para que não fossem muitos e para que eu pudesse me aproximar sem ser visto. Rastreei as pegadas na neve fofa, como vira John Wayne fazer tantas vezes na tela do meu aparelho de TV, e percebi que estava perto. A tempestade havia amainado e a

visibilidade melhorara um pouco (afinal, estávamos em pleno verão carioca) mas o que primeiro me chamou a atenção foram os ruídos de galhos sendo quebrados e de neve sendo amassada. Engraçado como viver na semi-escureidão faz com que a nossa audição fique aguçada.

Rastejei cautelosamente por entre as árvores e afinal os vi. Eram apenas três, o que era bom, mas não muito. Isso aumentava as chances de que um deles se afastasse dos outros, porém também cresciam as possibilidades de me descobrirem. Mas era assim mesmo que a coisa funcionava; não adiantavam lamentações.

Procurei um local adequado para ficar de tocaia e sentei-me para esperar minha oportunidade.

Começara a nevar outra vez, embora sem muita intensidade, e escurecia quando a oportunidade chegou.

Vi quando um vulto destacou-se do grupo e seguiu entre as árvores numa direção oblíqua ao lugar onde eu estava. Deixei meu esconderijo e deslizei pela neve, procurando fazer o mínimo de barulho e tentando interceptar meu alvo. Não foi tarefa das mais fáceis, mas consegui chegar bem perto da trilha na qual o vulto seguia. Preparei o arco e escolhi uma flecha razoavelmente reta e forte. Sempre achei engraçado o modo como ficava meu arco de fibra de vidro, cheio de chaves e ajustes, armado com uma flecha de madeira torta e quebradiça. Mas aquele não era o momento mais adequado para pensar nisso.

O vulto continuou se aproximando. Apontei, reteei o arco ao máximo e soltei a flecha, com a respiração suspensa. O vulto estacou e caiu com um baque surdo na neve macia.

Corri, de faca em punho, ajoelhei-me ao lado da minha presa, levantei sua cabeça e cortei o pescoço na altura das carótidas. O corpo estremeceu um pouco em minhas mãos e imobilizou-se.

Eu não podia perder tempo. Cortei os tirantes de sua roupa com a faca e joguei os panos para o lado.

Era uma mulher...

Não parecia muito jovem, uns quarenta anos talvez, mas eu não podia ter certeza. Dois anos vivendo no meio daquela desolação envelheciam qualquer pessoa de uma maneira tremenda. De qualquer forma, isso não era importante; o que importava era a rapidez e o silêncio.

Abri a sacola e comecei a retalhar a mulher, retirando vísceras e pedaços de carne de tal maneira que meu filho nunca fosse capaz de identificá-los como pertencentes a um ser humano. Ele jamais comeria o que eu lhe levava nos últimos vinte meses se soubesse do que se tratava na realidade. Ele pensava que eram

partes de animais que eu caçava na floresta. Mas, como eu poderia caçar animais que já não existiam? Todos os bichos da floresta haviam morrido após a primeira onda de frio e a caça que restava eram os grupos de seres humanos que, de uma forma ou de outra, ainda viviam nas imediações. Acredito mesmo que esses só se mantinham vivos da mesma maneira que nós dois: caçando outros grupos de sobreviventes.

Um bom número de pessoas deveria ter sido salva das grandes ondas e resistido às primeiras nevascas, a julgar pelo fato de que eu nunca precisara ir além da pracinha do Alto da Boa Vista para encontrar alguma caça.

Eu já estava quase terminando de ensacar os pedaços da mulher quando ouvi um ruído atrás de mim. Virei-me de um salto e me preparei para lutar.

Uma menina magricela, pequena e ranhenta me olhava com os olhos esbugalhados e, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, começou a gritar.

Agarrei na sacola e no arco e desatei a correr pela encosta.

Ouvi outros gritos, mais fortes que os da menina, e alguém correu no meu encalço.

O peso da carga me atrapalhava e eu me debatia entre perder a sacola, e todo aquele suprimento de carne, e o risco de ser alcançado. Se eu fosse apanhado, seria minha morte e a de Paulo, mas perder a carne poderia significar a morte de meu filho. Decidi arriscar-me e conservar os frutos da caçada.

Depois de alguns minutos de correria e tombos entre os troncos ressequidos e com o vento soprando mais forte, percebi que não conseguiria escapar do meu perseguidor. Encostei-me, ofegante, atrás de um tronco e saquei a faca, após colocar a sacola e o arco a salvo num oco da árvore.

O outro aproximou-se correndo, mas parou a poucos metros de onde eu estava. O sujeito era cauteloso e sabia o que fazia. Também, se não fosse assim, já teria morrido há muito tempo naquela floresta.

A nevasca aumentara e a visibilidade diminuira consideravelmente. Fiquei imóvel e procurei ouvir os sons produzidos pelo homem. Sua respiração estava tão ofegante quanto a minha, embora fosse mais ruidosa, e seus pés rangiam a cada passo na neve. Aos poucos ele chegou mais perto e finalmente pude vê-lo a menos de dois metros. Ele também me viu e não houve escolha possível; saltei sobre ele e caímos na neve, rolando até batermos em um dos troncos. Ele era uns vinte centímetros mais alto do que eu e bem mais forte. Agarrou meu braço direito antes que eu

tivesse tempo de usar a faca e empurrou-me com os pés com toda sua força. Rolei, aos trambolhões, e bati com as costas em outro tronco; a faca voou das minhas mãos e o ar faltou aos meus pulmões. Vi quando o homem se levantou e veio em minha direção segurando uma grossa barra de ferro em uma das mãos. Achei que esta era a tal “emergência crucial” que eu sempre evitara e enfiei a mão no casaco, tirando dele o revólver. O outro ou não viu a arma ou não acreditou nela, pois continuou avançando e ergueu a barra de ferro acima da cabeça, usando as duas mãos. Apertei o gatilho e nada aconteceu. Em pânico, continuei acionando a arma.

Uma... Duas... Três vezes...

O cartucho acabou detonando com um estrondo que ecoou pelos morros e o corpo do homem foi lançado para trás, estatelando-se na neve que logo se tingiu de vermelho.

Fiquei parado por algum tempo, com o revólver nas mãos, agradecido a ele por ainda estar vivo. Em seguida, recuperei a faca, fui até o oco da árvore e apanhei as minhas coisas. Voltei até o cadáver e retalhei uma boa parte da sua carne para levá-la para minha gruta. Já que eu havia sido obrigado a matar duas vezes, não fazia sentido desperdiçar toda aquela carne.

A volta para a gruta não foi fácil.

Eu havia perdido a trilha demarcada, quando fugira do homem na floresta, e não encontrava nenhuma das minhas velhas marcas. Decidi, então, descer em direção à entrada da floresta e, a partir dali, seguir uma de minhas outras trilhas.

Desci por dois dias, em meio a uma violenta tempestade de neve, e acabei traído pelas mudanças do cenário que dois anos de intempéries haviam produzido no relevo da Tijuca. Só dei com meu erro quando tropecei em um monte de tijolos e caí sobre um pedaço de asfalto do que fora no passado a Rua Conde de Bonfim.

Eu havia descido demais e ultrapassara em muito a entrada da floresta. Olhei, desolado, para o mar de gelo em que o bairro se transformara. A maioria dos prédios viera abaixo com os furacões e as ondas gigantes que, eu via agora, haviam feito a água chegar próximo à Usina. Pouca coisa restava, e o que sobrava era um emaranhado de escombros.

Virei as costas para aquela desolação e tornei a subir as colinas.

Depois de mais quatro dias de caminhada, cansaço e frio, cheguei à minha gruta.

Eu nunca entrava assim que chegava. Não havia meios de saber o que encontraria no interior após uma ausência prolongada.

Saquei o revólver e aproximei-me cautelosamente. Senti o calor, o cheiro da fogueira e vi Paulo sentado ao lado do fogo, tentando se aquecer. Acho que ninguém imaginava que houvesse sobreviventes numa parte tão distante do antigo parque. Isso e o fato da entrada da gruta ser um pouco enviezada e oculta pelas rochas evitavam que fôssemos encontrados por outros sobreviventes.

Chamei por Paulo e entrei.

Ele me olhou e acenou; seu rosto com a expressão inalterável de sempre.

— Você demorou muito, papai. Pensei que você não ia mais voltar.

— Ora, Paulo, — falei, enquanto guardava o equipamento e levava a sacola de carne para perto do fogo — por que eu não haveria de voltar? Só demorei para achar o que caçar, desta vez. Nada mais.

Sentei-me ao lado de Paulo e abracei-o. Ele se agarrou a mim e eu percebi quanto medo o menino sentira pela minha demora.

— Está tudo bem, filho. Não vou precisar sair por muito tempo agora. Vamos defumar esta carne e termos comida por várias semanas.

Ele não respondeu, mas eu senti que ele apertou ainda mais o seu abraço.

Notei as primeiras alterações climáticas cerca de um mês após meu regresso daquela caçada de dez dias.

No início, foi apenas um discreto aumento da duração da claridade durante o dia. Depois, a temperatura passou a não cair tanto durante as noites e as nevascas começaram a diminuir de intensidade e se tornaram cada vez menos frequentes.

O longo Inverno Nuclear chegava ao fim e, em breve, o sol poderia ser visto de novo.

Eu não sabia se deveria ficar alegre ou me desesperar com esta possibilidade.

Paulo não estava nada bem. Sua doença piorava e estava cada vez mais claro que ele sofria de alguma forma de leucemia. Ficava cada dia mais fraco e pálido e as hemorragias nasais e gengivais eram uma constante. Não se levantava de sua cama e permanecia imerso numa espécie de letargia que só era inter-

rompida todas as manhãs quando eu ia até a entrada da caverna para observar os arredores. Ele então se esforçava para se erguer e tentava olhar para fora da gruta, sempre com a mesma pergunta nos lábios:

— Papai, o sol apareceu hoje?

Quando eu lhe respondia que não, ele tornava a se deitar e caía no marasmo habitual até o dia seguinte.

Eu procurava animá-lo, falando das mudanças que estavam acontecendo no clima e do que elas significavam, mas ele não estava interessado em explicações meteorológicas, só queria que o sol voltasse a brilhar como antigamente. O resto era um monte de besteiras sem o menor sentido.

Uma noite, acordei ao lado da fogueira quase apagada e tive a sensação estranha de que algo estava diferente.

Levantei-me com cuidado, para não despertar Paulo, peguei alguns pedaços de madeira para realimentar o fogo e, enquanto reavivava as chamas, finalmente percebi o que havia mudado. Não estava tão frio dentro da gruta como de costume, ainda mais considerando-se o fato de que nossa fogueira se reduzira a um punhado de brasas mal acesas.

Prestei atenção e não ouvi o ruído do vento da nevasca, quase onipresente nos dois anos e meio em que estávamos vivendo naquela gruta. Meu coração disparou e caminhei lentamente até a entrada da caverna.

Não estava nevando. Soprava uma brisa fria, perfeitamente suportável, e a noite não estava totalmente escura.

Extasiado, saí da gruta e olhei para o céu. As nuvens, até então densas e perpétuas, estavam esfiapadas e com alguns buracos por onde eu conseguia enxergar as estrelas brilhando com um esplendor jamais visto na cidade do Rio de Janeiro. Um luar pálido clareava as nuvens e refletia-se na neve, gerando uma luminescência fantasmagórica que, nem por isso, deixava de ser belíssima. O silêncio era total.

Sentei-me na neve, escondi o rosto nas mãos e chorei. Chorei franca e abertamente, sem quaisquer inibições, com a força do choro de uma criança. Chorei por mim, por meu filho, pela minha família perdida, pelo meu mundo perdido...

Acho que fiquei ali durante horas e só voltei a mim quando a brisa noturna me trouxe alguns sons da parte mais baixa da encosta.

Um grupo subia na direção do meu esconderijo.

Levantei-me e voltei rapidamente para o interior da gruta, onde me armei com o arco e o revólver. Tornei a ir para a entrada e espreitei para fora, encoberto pelo paredão de rocha.

Eram quatro pessoas que se movimentavam com dificuldade através da neve. Ao que parecia, elas não estavam acostumadas a longas subidas. Provavelmente era um grupo das regiões mais baixas que aproveitara a noite sem nevasca e desproporcionalmente clara para fazer uma incursão de caça a territórios mais afastados.

A competição devia ser muito grande nas partes baixas da floresta.

Prendi o fôlego e rezei para que Paulo não acordasse nem fizesse algum barulho no interior da gruta que pudesse nos denunciar. Por sorte, o vento soprava a nosso favor e eles não puderam sentir o cheiro da fogueira. Eles se aproximaram bastante, mas acabaram por contornar a entrada da caverna, graças ao paredão abrupto e aparentemente inescalável que a protegia. Um dos homens chegou tão perto que fui capaz de ouvir o som de sua respiração e sentir o cheiro gorduroso das roupas que usava.

Finalmente, se afastaram para o lado do maciço que terminava no bairro do Grajaú e pude relaxar os músculos.

Não dormi mais naquela noite, não só por medo de que os caçadores noturnos retornassem como também pela surpresa que eu queria fazer a Paulo quando a manhã chegasse.

— Paulo, — chamei, sacudindo de leve seu ombro direito. — Acorda. Vamos, filho, você tem que ver uma coisa.

Ele se remexeu nas cobertas e abriu os olhos debilmente. Não falou nada, apenas me encarou com um olhar que pedia para que eu o deixasse em paz.

— Vamos, Paulo, — insisti. — Você tem que acordar. É muito importante. É uma coisa que você está esperando há muito tempo.

Ele ficou mais alerta e repetiu sua eterna pergunta:

— Está fazendo... sol... papai?

— Está sim, filho, — falei, ao mesmo tempo que o agarrava com as cobertas enroladas em seu corpo. — Vou levar você lá fora para ver. Você quer, não quer?

— Quero sim, pai.

Ergui-o da cama e saí com ele para o ar livre pela primeira vez em mais de dois anos. Ele tossiu e cobriu os olhos com as mãos. Tive que fechar também os meus, pois a claridade me ofuscava terrivelmente. Pouco a pouco fui me acostumando e pude reabrir os olhos.

A neve rebrilhava ao sol que ainda estava baixo no



horizonte. Consultei meu relógio e vi que ainda não eram sete horas da manhã.

Podia-se ver grande parte do maciço da Tijuca, transformado em uma paisagem alpina e coberto de restos de vegetação morta. Mais para baixo, onde deveria estar o bairro da Tijuca e o centro da cidade mais além, tudo ainda estava encoberto por uma densa neblina.

Paulo retirou as mãos dos olhos e deixou que o sol da manhã batesse, quente, em seu rosto. Depois de alguns momentos de contemplação, voltou-se para mim:

— Papai, agora que o sol voltou, ele não vai tornar a desaparecer, vai?

— Não, Paulo, — respondi. — Ele não vai mais sumir. Agora voltaremos a ter o sol todos os dias.

Vi então no rosto de Paulo aquilo que eu não via desde a última vez em que vira o sol: um sorriso. Um sorriso raquítico, de dentes apodrecidos e gengivas ulceradas e sangrantes, é certo, mas um verdadeiro sorriso.

— Agora que o sol está de volta, tudo vai ficar bem de novo, não é, papai?

Não respondi de imediato.

Olhei para toda aquela neve que ainda iria se derreter e transformar os escombros do Rio de Janeiro em

uma região pantanosa e lúgubre. Olhei para aquele sol tão brilhante que fazia os olhos se ofuscarem e doerem terrivelmente, mesmo àquela hora da manhã, e concluí que os cientistas haviam acertado nas suas previsões. Não era apenas o fato de termos ficado tanto tempo na escuridão que fazia com que a luz do sol nos parecesse tão forte. Aquela impressão era causada pela enorme quantidade de raios ultravioleta que agora penetravam na atmosfera desprotegida da Terra. Estava evidente que a camada protetora de ozônio e outros gases da alta atmosfera se fora para sempre e o sol começara seu processo final de esterilização do planeta.

Nada iria ficar bem. Nunca mais.

— Tudo vai ficar bem agora, não vai, papai? — insistiu Paulo.

Olhei bem no fundo dos olhos esperançosos dele, sorri meu melhor sorriso... e menti descaradamente:

— Claro que sim, Paulo. Agora vai ficar tudo bem.

Não me importei de dizer mais uma mentira para o meu filho. Aquela valeu realmente a pena. Eu estava imensamente feliz de ver o sorriso de volta ao rosto dele, mesmo que fosse tão pouco tempo antes da nossa morte.

FIM



Edição Temática Livre - Quadrinhos Tirinhas da Vida em Marte

por Christian David e Flávio Soares

Vida em Marte
Christian David
Flávio Soares

001 - 2023
CHRISTIAN DAVID & FLÁVIO SOARES



Vida em Marte
Christian David
Flávio Soares

002 - 2023
CHRISTIAN DAVID & FLÁVIO SOARES



Vida em Marte
Christian David
Flávio Soares

003 - 2023
CHRISTIAN DAVID & FLÁVIO SOARES



Vida em Marte

Christian David Flávio Soares

004 - 2023
CHRISTIAN DAVID & FLÁVIO SOARES



Vida em Marte

Christian David Flávio Soares

005 - 2023
CHRISTIAN DAVID & FLÁVIO SOARES



Vida em Marte

Christian David Flávio Soares

006 - 2023
CHRISTIAN DAVID & FLÁVIO SOARES



Vida em Marte

Christian David Flávio Soares

007 - 2023
CHRISTIAN DAVID & FLÁVIO SOARES



Vida em Marte
Christian David
Flavio Soares

008 - 2023
CHRISTIAN DAVID & FLAVIO SOARES



Vida em Marte
Christian David
Flavio Soares

009 - 2023
CHRISTIAN DAVID & FLAVIO SOARES



Vida em Marte
Christian David
Flavio Soares

010 - 2023
CHRISTIAN DAVID & FLAVIO SOARES



Christian David é graduado em Biologia e pós-graduado em Literatura Brasileira pela UFRGS. Tem mais de 20 títulos publicados por diversas editoras. Vive em Porto Alegre cercado de livros, quadrinhos, filmes de ficção científica e fantasia. Recebeu o Prêmio LeBlanc por sua HQ em parceria com Ernani Cousandier. Além de “Vida em Marte” publica outras duas séries de tiras na web.

Para conhecer melhor o autor visite o site christiandavidescritor.com ou seus perfis no Instagram:

- @christian_david_escritor
- @vidaemmarte
- @moscotosco
- @piratasdoguaiba

Flavio Soares é editor, editor de arte, ilustrador e autor dos quadrinhos A Vida com Logan, A Lei de Murphy e O Crime de Lorde Arthur Savile entre outros. Trabalhou com as principais editoras do país e desde 2022 divide a atividade como freelancer e autor com a de editor na Tortuga, editora independente focada em publicar quadrinhos licenciados, livros e HQs BR.

Para saber mais, siga no Instagram [@realflaviosoares](https://www.instagram.com/realflaviosoares) e veja seu portfólio em <https://flaviosoarez.myportfolio.com/>



Edição Temática Livre: Conto O simulacro de Galimeda

de Thiago Gesser

Em uma noite fria de ventos enregelantes, três estranhos se viam ao redor de uma fogueira em um abrigo de metal retorcido, se protegendo de uma nevasca avassaladoramente inesperada. Nenhum deles estava preparado para este clima... muito menos para este encontro. Mesmo assim, todos sabiam que aquela era a única forma de sobreviver. Só restava saber como iriam passar por aquele longo período de escuridão... afinal, em um mundo devastado como aquele, a bondade e a confiança era um capricho que poucos podiam desfrutar.

Os três estavam calados desde que conseguiam se lembrar. O tempo parecia passar de forma estranha, talvez pela apreensão em relação às intenções uns dos outros. Era difícil sequer pensar em descansar. Porém, a fogueira acendida pelo primeiro a chegar, um homem de porte grande, cabelo desgrenhado, barba farta e roupas grossas, começava a diminuir. Com muita presteza, ele retirava tocos de madeira ainda secos de dentro de sua enorme mochila para, aos poucos, o fogo consumi-los em combustão.

No lado oposto das chamas, uma figura misteriosa vestia um longo manto claro, sem cor aparente, com um capuz que tapava sua cabeça. Era difícil enxergar suas feições à tênue luz das brasas pois, desde que aparecera, estava sentada cabisbaixa entoando um cântico.

Um pouco mais afastado, o terceiro estranho parecia, à primeira vista, a pessoa mais trivial de todas. Outro homem, mas de traços delicados e vestindo trajes leves, incomuns para aquele clima, além de trazer pouca carga em uma pequena bolsa lateral. Apesar de sua indiferença em relação à temperatura causar certa perplexidade, a forma tranquila e despretensiosa como ele simplesmente ficava de pé, observando, tornava sua presença tolerável.

Esta agonizante monotonia seguia inabalável, até ser quebrada pela pessoa encapuzada quando, repentinamente, se levantou em um rompante. Ao perceber a atenção dos outros dois, começou a falar: — Saudações, distintos viajantes. Estava agradecendo pela graça de encontrar este abrigo e poder continuar levando a palavra de Deus a todos os cantos desta terra.

Como se saísse de um transe, o homem que cuidava do fogo respondeu com escárnio: — Deus? Aquele que está no céu?

— Oh, não, não. Eu falo do único Deus, aquele que existe aqui, neste mundo, em um paraíso criado por Ele aos seus anjos. Mas eu sou apenas uma mera portadora de sua palavra, uma sacerdotisa. — Depois de uma pausa, a figura lançou um olhar fulminante para ele, revelando feições femininas em meio a um rosto inchado, com algumas deformações. — E vejo que você é um infiel!

Com um grunhido assustado, o homem se afastou num sobressalto, mas logo retomou a confiança e se ajeitou no lugar.

— Eu não desperdiço meu tempo com essas sandices. Minha missão é muito mais importante, eu...

Uma risada insana irrompeu da mulher.

— Sandices? Um infiel ignorante ainda pode ser convertido, mas um herege arrogante só merece um destino: ser agrilhoado e levado como sacrifício ao Uno!

O homem ouvia cada palavra com crescente e evidente fúria. Por fim, colocou a mão em seu facão na cintura e puxou-o sem hesitar. A sacerdotisa respondeu com um movimento rápido, colocando um dos braços para dentro do manto, como se estivesse pronta para empunhar uma arma.

Porém, antes que qualquer ação fosse tomada, a terceira pessoa, que acompanhava a tudo inerte, despertou em um impulso veloz, colocando-se à frente do homem revoltado para segurar seu braço com firmeza.

Quando percebeu, ele se esforçou para tentar se desvencilhar e reclamou: — Como você...? Me solte, seu desgraçado!

O outro apenas respondeu, em uma voz fria e sem expressão: — Se aproximar dela não seria muito sábio. Você não conferiu seu Contador Geiger, mas ela é uma fonte de radiação ionizante. Deve estar contaminada por material radioativo.

A mulher encapuzada se empertigou e, com um sorriso no rosto, recitou: — A graça divina me preenche e me completa.

Com certa confusão no olhar, o homem barbado fez menção de abaixar o facão, permitindo que o estranho, menor e aparentemente mais fraco, soltasse seu braço. Sem demora, ele guardou a arma, arregaçou uma das mangas e apontou uma espécie de relógio na direção da sacerdotisa. Barulhos pontilhados encheram o ambiente.

— Como você sequer está viva? — indagou, assustado. Depois virou-se para o outro e perguntou: — E como você conseguiu fazer aquilo?

Mas antes que pudesse continuar com os questionamentos, uma espécie de pingente triangular pendurado em seu braço desnudo começou a apontar na direção do indivíduo que o alertara. Seu olhar de confusão tornou-se puro terror.

Congelado por um instante, o homem precisou lembrar de sua noção de dever para encher-se de coragem novamente. Então, em um rompante, recuou para pegar o fuzil apoiado em sua mochila e continuou até escorar as costas em uma das paredes metálicas. Prontamente, apontou a arma na direção do outro.

— Você é um androide! — rugiu ele. — Maldito, por isso consegui me parar com tanta facilidade. Ah, mas hoje não é seu dia de sorte, lata velha... — Uma expressão sarcástica estampou seu rosto. — Pois caçar coisas como você é o meu trabalho! — Um movimento e a arma foi engatilhada. — Antes me diga, porque me ajudou? Seria uma nova tática de subversão? Afinal, somos como insetos para vocês...

— É uma simples questão matemática. Na situação em que estamos, todo recurso é valioso para garantir nossa sobrevivência — redarguiu o androide.

O caçador resmungou alguma coisa e apontou a arma para a mulher, que continuava em posição defensiva e semblante inabalável.

— E você? — inquiriu ele. — Falando desse jeito e com esta roupa, até parece uma daquelas lendas macabras das terras distantes. Ah... como era? Aljibah... Sahib... os mantos descorados.

— Mantos descorados? — interrompeu a máquina humanoide, encarando ela. — Então o Deus de que falava era a Singularidade, o ser onisciente que rege minha sociedade? — Levou menos de uma fração de segundo para ele ponderar as possibilidades. — Faz sentido. Nós oferecemos a nanotecnologia para seu povo há muito tempo, mas o que começou como uma simples relação comercial parece ter evoluído para algo além de qualquer expectativa. — Sua expressão vazia voltou-se para longe. — Coincidentemente, fui enviado justamente para investigar este povo, julgar

seu mérito e puni-los, caso necessário.

A sacerdotisa maravilhava-se de forma evidente, mostrando feições de puro deleite em meio ao seu rosto distorcido. Então estendeu os braços na direção do androide e disse: — Ó, glorioso anjo, não há nenhuma coincidência. Este é o plano divino se realizando. E se for a vontade Dele que eu prove meu valor, então assim será. Sei que estou aqui por uma razão... — Mas logo a serenidade em seu rosto mudou para um sorriso animalesco, cheio de dentes. — Porém, se notar que isto é algum tipo de arдил, entenderei que minha missão, na verdade, será puni-lo!

O caçador assistia a tudo incrédulo. Quando sua paciência se esgotou, lembrou-os de que estava armado e vociferou: — Chega dessa baboseira! Me deem uma única razão para não acabar com os dois agora mesmo! Eu...

Mas antes que o homem pudesse terminar sua ameaça, um ruído estrondoso de metal sendo rasgado surgiu do teto e uma enorme chapa começou a despencar. Os ventos congelantes preencheram o local instantaneamente, lembrando-os que o clima, implacável em sua natureza, finalmente os alcançara.

O fogo se apagou e o caçador perdeu seus alvos, mas não antes de ver a sacerdotisa recuar com um salto ágil enquanto o pedaço do teto caía onde ela estava. E tudo o que ele sentiu a seguir foi o mais puro frio. A prioridade mudara drasticamente, forçando-o a pegar suas coisas e procurar abrigo na parte mais interna e escura da estrutura.

O homem não conseguia avançar muito nas trevas, tropeçando e esbarrando em vários obstáculos enquanto o vento gelado continuava a açoitá-lo. Mas antes que pudesse perder as esperanças, uma voz feminina chamou-o de dentro do breu.

— Por aqui, oferenda!

Ao virar naquela direção, o caçador viu um par de olhos de brilho estranho, não humano. Ao menos, não totalmente humano. Sem escolha, seguiu como pôde até chegar à criatura. De perto, o manto sem cor deixava claro quem era.

— Rápido, há uma porta aqui, o meu bom anjo talvez precise de ajuda — disse a sacerdotisa.

Quando olhou para o lado, o homem coçou sua viçosa barba e forçou os olhos para enxergar alguma coisa. Evidentemente, o androide possuía visão noturna e a mulher era dotada de algum tipo de mutação que também lhe auxiliava neste sentido. A ele, restava apenas torcer para que sua visão se acostumassem com

a escuridão.

Logo um borrão começou a se formar e ele viu o ser artificial tentando girar a roda da tranca de uma porta de aço.

— Estou utilizando cem por cento de minha capacidade, mas parece que o gelo somado à oxidação selou esta porta — comentou o androide investigador, com uma tranquilidade que destoava daquela situação alarmante. — Se você possuir alguma ferramenta, limpe as frestas como puder.

— Mas que m... — respondeu o caçador, colocando rapidamente sua mochila no chão para pegar um pé-de-cabra. Com pressa, enfiou a ferramenta em todo o arco da porta e, por fim, fez uma alavanca para ajudar a puxar para fora. Depois de um estalido grave, o homem, agora ofegante, viu um caminho ainda mais escuro e horripilante se mostrar diante dele.

— Entrem todos — disse o androide, esperando os outros dois passarem antes de fechar a porta. A mulher foi primeiro e o homem logo atrás, tentando manter certa distância.

Um barulho igualmente alto selou-os ali dentro. A falta de vento era reconfortante, apesar do frio ainda ser enorme.

— Aí está — o androide quebrou o silêncio.

— O quê? — questionou o caçador.

— Uma razão para não nos matarmos.

Silêncio.

— Nós estamos em uma situação extrema e as habilidades de cada um podem ser essenciais para a sobrevivência de todos — continuou o investigador.

— Mas como posso confiar...

— Seu tolo — interrompeu a sacerdotisa. — Não se trata de confiança. Todos estamos aqui por uma razão.

Silêncio novamente, até o androide retomar: — Novamente, trata-se apenas de lógica. Cada um de nós tem motivos para eliminar um ao outro, seja por convicção, missão ou até pela simples autopreservação. Entretanto, segundo meus cálculos, a chance de cada um sobreviver sozinho cai drasticamente.

— Então você está propondo uma trégua? — ponderou o caçador. — Em qualquer outro momento isto seria impensável... mas agora...

— É a única alternativa... — completou a mulher.

— Exatamente — concluiu o investigador. — Nossa única chance de passar por esta noite é encontrarmos uma fonte de calor. Até meus avançados componentes mecânicos podem ser comprometidos nesta situação.

A sacerdotisa se animou com as palavras e, mos-

trando reverência, apenas disse: — Assim será, mensageiro divino.

Depois de um resmungo, o caçador respondeu com relutância: — Muito bem...

Após andarem por um longo corredor pontilhado por várias portas e outros caminhos transversais, o caçador, que vinha na retaguarda com uma tocha improvisada, parou por um instante.

— O que é isto? — indagou ele, enquanto iluminava a parede com uma das mãos e tirava o pó com a outra. Se tratava de um desenho enorme com um escrito logo abaixo, uma espécie de símbolo retratando uma nave comprida atravessando o meio de uma galáxia. — Ga-li-me...

— Galimeda — afirmou o androide, conforme surgia silenciosamente ao lado. — Isto confirma uma de minhas hipóteses. Segundo meus registros históricos, nós não estamos em uma instalação qualquer, mas sim em uma nave de guerra dos tempos antigos. Um cruzador orbital de ataque em massa.

— Não pode ser! Esta estrutura não é tão grande...

— A maior parte da nave deve estar soterrada.

— Mas eu vi cruzeiros vermelhas pintadas no lado de fora. Você sabe, daquela organização filantrópica de outrora... — disse o homem, seguido por um resmungo quase inaudível: — Só não lembro exatamente quando estive lá fora...

— Sim, mas acredito que a pintura se tratava de um disfarce, permitindo assim a aproximação de territórios inimigos sob o falso pretexto de uma missão humanitária. — Pareceu haver uma hesitação no androide. — Vocês, humanos, são realmente ardilosos.

Silêncio.

Percebendo o estarecimento do humano, o investigador logo continuou. — Entretanto, há uma boa notícia. Eu possuo o mapa completo deste cruzador em minha memória.

— Como isso é possível? — perguntou o outro, intrigado.

— Isto não importa. Agora sei que deve haver um sistema de calefação geral, o qual está desligado pela falta de energia. Entretanto, se tivermos sorte, os reatores nucleares da nave ainda poderão funcionar. Vamos seguir por este caminho, virar à esquerda e depois descer até a sala de máquinas.

— Espere, me explique porque...

De repente, um chamado assustado da sacerdotisa interrompeu-os: — Por Deus! O que é isto!?

Os dois correram até a curva, onde a mulher enca-

puzada olhava adiante com assombro e certa euforia.

Era um corredor largo com várias reentrâncias e móveis em posição de barricada. Restos de esqueletos humanos portando equipamentos militares espalhavam-se por todo o chão e, ao fundo, o que pareciam ser robôs de guerra estavam aparentemente desligados. Cada um possuía quatro garras que serviam como patas e, acima delas, uma estrutura redonda dotada de grossa blindagem expunha o cano de uma arma de alto calibre.

— Uma sangrenta batalha foi travada aqui — disse o caçador, conforme se abaixava para pegar uma das várias cápsulas de munição antiga.

— Aqueles lá atrás — começou a sacerdotisa, enquanto olhava para o androide. — São seres divinos como você?

— Não — respondeu ele. — Esse tipo de ser artificial não é dotado de consciência. Seguem uma programação, como qualquer outra máquina. E a deles... era matar.

Antes que qualquer ponderação pudesse continuar, o som estridente de um alarme soou por todo o recinto e luzes avermelhadas começaram a piscar. Em meio ao caos, três robôs de combate erguiam-se lentamente. Então, com uma voz metálica, arrastada e assustadoramente grave, eles vociferaram em uníssono: — Adalante está offline... seguindo a programação prévia... invasão detectada! Destruir ameaça!

Instintivamente, o caçador e a sacerdotisa saltaram cada um para o canto protegido mais próximo, de lados opostos. O investigador, por sua vez, não parecia ter previsto a ameaça com tanta presteza e ficou parado, observando. Porém, com um puxão do homem ao seu lado, ele se escondeu antes que os tiros comessem a chover por todo o ambiente. Ossos, metal e poeira voaram conforme a mistura de barulhos ensurdecadores ecoava pela gigantesca nave.

— Obrigado — agradeceu o androide.

— Talvez você seja o nosso mapa, então não pode morrer... ainda — retrucou o caçador, berrando para ser entendido. — Eu nunca vi robôs desse tipo! E o que é Adalante!?! — O investigador ouviu a pergunta com clareza, mas disfarçou para não respondê-la.

O caçador deu de ombros enquanto preparava seu fuzil para fazer o que fazia de melhor: eliminar seres artificiais. No outro lado, a mulher de manto descoberto rangia os dentes enquanto se armava com duas adagas. E quando os tiros cessaram por um instante, cada um deles expôs o mínimo do corpo possível

para, ao seu modo, atingir os inimigos. Porém, o tiro do homem resvalou na placa blindada e a adaga da sacerdotisa causou pouco dano em uma das pernas da criatura.

— Que droga! — esbravejou ele.

A saraivada de tiros voltou a atingi-los e o som pesado de passos metálicos evidenciou a aproximação das máquinas. O androide, que observava a tudo calado, enfim revelou um plano: — Nossas armas não serão suficientes para vencer aquela blindagem. Entretanto, sei que, por uma questão de redução de custos, eles não são dotados desta proteção em sua traseira. O caçador precisa distraí-los enquanto a sacerdotisa utiliza sua grande velocidade para pegá-los pelas costas e acertar suas unidades de processamento centrais.

A mulher pareceu concordar cegamente com as instruções, mas deixava transparecer uma certa confusão.

— Enfie sua adaga nas placas verdes no centro das criaturas — esclareceu o investigador. Acenando com a cabeça, a sacerdotisa assumiu uma expressão confiante e feroz, preparando-se para saltar quando fosse necessário.

— Muito bem — disse o caçador conforme ajustava a arma para disparar em rajada contínua. — Se vou dar cobertura àquela fanática, é bom que ela faça seu trabalho direito!

E tão logo houve uma brecha na chuva de balas, o fuzil começou a abrir fogo contra os três inimigos. Quando a resposta das metralhadoras se concentrou daquele lado, a mulher encapuzada saltou com agilidade de seu nicho para o meio da sala e, revelando pernas estranhamente avantajadas, deu outro salto poderoso para a próxima reentrância na parede. Segundos depois, o local onde estava foi atingido por inúmeros tiros.

O processo continuou por mais dois saltos, até que, enfim, a sacerdotisa conseguiu pular sobre os robôs. Parecendo confusas, as criaturas cessaram a ofensiva por um momento, dando a oportunidade para ela encontrar o ponto fraco de uma delas a tempo de atingi-lo. O inimigo desligou na hora, caindo sobre suas garras de metal.

O fogo de cobertura do experiente atirador continuava, mas a ameaça iminente na retaguarda chamou a atenção dos robôs restantes, que começaram a girar sobre o eixo central em busca do novo alvo. O homem conseguiu visualizar o que seria um trágico desfecho para a sacerdotisa, mas uma oportunidade perfeita para ele eliminar os inimigos desprotegidos.

Porém, muitos questionamentos inundavam sua

mente. Seria ele um covarde que deixaria outra pessoa morrer nas mãos de máquinas impiedosas? Aque-la mulher representava uma ameaça, mas ainda sim, era humana.

A inação de suas dúvidas só foi quebrada por um oportuno sussurro do investigador em seu ouvido: — Você vai ficar aí, parado, assistindo ela morrer?

Em uma fração de segundos, o caçador lembrou-se de quando tudo o que pôde fazer foi, justamente, assistir sua mãe ser morta por monstros mecânicos.

— Não! — berrou ele, levantando num impulso. — Não desta vez...

O homem seguiu em frente, correndo com a arma apontada e disparando de forma precisa para lembrar aos robôs que, se virassem as costas, seriam açoitados de uma forma ainda pior. — Eu estou aqui, seus desgraçados! — bradou ele.

E tão rápido como um pensamento, os inimigos decidiram alvejar a ameaça aparentemente maior. Retrocederam o giro e apontaram novamente os canos para a posição original. O caçador vibrou, mas a euforia terminou assim que percebeu não ter pensado além daquilo. Ele até esboçou um movimento defensivo, uma esquivada para um dos nichos, mas não houve

tempo. Os projéteis inundaram o corredor.

Um instante depois, o caçador caía, assim como as duas máquinas restantes, golpeados pela hábil mulher. O silêncio e a escuridão que se seguiu deixou evidente que a ameaça havia terminado. Mas a que preço?

Quando enfim se reuniram, a sacerdotisa estava sentada ao lado do homem, segurando sua mão estropiada enquanto entoava uma curta prece: — ... e que sua existência seja justificada diante do grande plano. Assim será.

Ele se afogava no próprio sangue, mas parecia querer dizer alguma coisa. A mulher, vendo isso, ironizou: — Você já cumpriu seu dever, infiel, agora vá em paz.

O homem esboçou uma risada convulsionada antes de dizer suas últimas palavras: — Vai... a... mer... — Logo, seus olhos miraram o vazio.

De pé ao lado dela, o frio investigador apenas alertou: — Vamos, precisamos prosseguir. A sua temperatura corporal está caindo rapidamente. — Ela assentiu.



Os dois começaram a descer a escada de metal que ficava no fim do corredor. Era uma estrutura espaçosa que atravessava cada um dos vinte andares da nave de guerra. Ao que tudo indicava, eles vieram do pavimento mais alto e, segundo o mapa do androide, os reatores estariam bem no centro da estrutura, no décimo andar.

Conforme avançavam, não era difícil se impressionar com os destroços daquela antiga civilização espalhados por todo o lado: desde restos cadavéricos trajando as mais estranhas roupas, até máquinas bizarras, sem função aparente. Porém, não havia tempo para explorar. Tudo o que eles precisavam era de calor para passar por aquela longa noite.

Curiosamente, quanto mais eles desciam, mais a temperatura tendia a aumentar. A sensação era quase imperceptível, mas, ainda assim, acalentadora. Até parecia haver algo quente, ainda funcionando, nas entranhas daquele cruzador.

Quando enfim chegaram no andar indicado como décimo, não foi difícil encontrar a sala de máquinas, já que, além das instruções do androide, ainda era o único cômodo iluminado de toda aquela tenebrosa ruína.

— Então realmente há uma fonte de energia auxiliar — comentou ele.

O cômodo era enorme. Seu interior era composto por inúmeros computadores e grandiosas estruturas cilíndricas no centro, ambos ligados por dutos que enchiam o teto. Sem demora, o androide sentou em frente a um dos terminais e começou a digitar com inata rapidez.

A sacerdotisa parou em frente às edificações de metal.

— Os reatores... — comentou ela, admirada. — Mas o que é aquilo? — A mulher olhava mais ao fundo, onde uma imponente porta dupla parecia lacrada, com um escrito acima. — A-da-lan-te... — leu em voz alta, com visível dificuldade.

No instante seguinte, o investigador apareceu em sua frente.

— Vamos, eu preciso de sua ajuda. — E começou a andar, de modo a empurrar a mulher para trás.

— Espere anjo, eu sinto que há uma fonte de calor lá...

— Isto não vai importar quando ligarmos a energia. Venha!

A sacerdotisa apenas assentiu, virou-se e o seguiu até os computadores.

Lá, o androide a instruiu a apertar alguns botões em uma mesa controladora, enquanto ele continuava

executando uma série de comandos em um terminal de texto. O trabalho continuou até que o apertar decidido de uma última tecla, enfim, ligou o reator. Um som estranho começou a encher o ambiente, mas foi parando aos poucos. Logo um aviso em vermelho piscou na tela do computador.

— Temos um problema. Há um desbalanço nos absorvedores de nêutrons e a reação não consegue atingir a massa crítica para ser iniciada — concluiu o investigador.

— Não compreendo esta sofisticada linguagem divina... o que faremos agora? — respondeu a mulher.

— Precisamos aumentar o nível de radiação para causar a reação em cadeia. E por uma grande coincidência, você irradia este tipo de energia.

Ela fechou os olhos, baixou a cabeça e disse: — Não existem coincidências... — Depois ergueu-a, sorrindo. — Então esta é minha missão! — Logo o sorriso se transformou em uma gargalhada enlouquecida. — Eu sabia que tantos anos carregando o Seu poder era o meu destino! Assim será... — Mas não demorou para voltar os olhos ao androide com renovada serenidade e pedir: — Guie-me, anjo.

Enquanto os dois iam de encontro aos grandes cilindros, o androide explicava: — Eu expus os bastões de urânio 235 deste reator à nossa frente. Você deve subir a escada vertical, entrar pela pequena porta de serviço e tocar em cada uma das barras. E o mais importante: saia apenas quando eu ordenar!

Ansiosa por atender os desígnios divinos, a sacerdotisa nem esperou o término das instruções para subir a escada aos saltos. Quando entrou no reator, fez como indicado e começou a tocar nos bastões.

A radiação tornava-se cada vez mais intensa, mesmo para uma pessoa dotada de mutações que a deixavam mais tolerante e nanomáquinas que auxiliavam na regeneração das células afetadas. Em pouco tempo, ela teve de segurar o vômito provocado pelas fortes náuseas e, depois, resistir à perda de consciência causada pelo dano no sistema nervoso central. Com o corpo falhando, apenas sua enorme fé mantinha a mente focada para conseguir continuar, enquanto esperava ansiosamente pelo chamado de seu anjo para sair daquele inferno.

Inesperadamente, o investigador não acompanhou a execução do plano e nem se preocupou em convocar sua devota. Simplesmente andou até os computadores e ligou novamente o equipamento. De repente, a porta de manutenção se fechou, abafando o grito assustado da fiel que ficou presa. Com os mesmos barulhos de inicialização, o reator começou a funcionar e logo era

possível sentir o calor emanando de toda a estrutura.

Porém, quando tudo parecia terminado, sons de batidas começaram a surgir do interior do cilindro.

— Impossível... — protestou o androide, observando a poucos passos de distância.

No instante seguinte, a portinhola de acesso voou junto com um jato de ar incandescente e uma figura irreconhecível pousou no chão. Quase não havia mais um manto, ou pele, era apenas uma grande crosta queimada contornando o que um dia foi uma pessoa. Mas o característico brilho das lâminas e dos olhos insanos, ambos mirando na direção do outro, deixavam claro que ainda era a sacerdotisa.

— Maldito! — urrou a mulher.

Um passo.

— Você...

Dois passos.

— Vai...

Três passos.

— Mor...

E com um gemido agonizante, ela enfim tombou, sem vida.

A máquina humanoide permaneceu impassível, apesar de seus subprogramas de autopreservação a alertarem para fugir. Aparentemente, havia algo ali que valia o risco. Então andou até o cadáver e, de lá, viu a grande porta dupla no fundo da sala se abrir. Uma risada singela foi sua reação.

Àquela altura, toda a nave já havia se iluminado e o sistema de calefação começava a funcionar, mas parecia que a temperatura não importava mais. O seu interesse residia dentro do cômodo anexo, para onde continuou a se dirigir. Porém, sua caminhada foi interrompida por um comunicado através dos alto-falantes da sala.

— Saudações, querido viajante — soou uma límpida e delicada voz feminina. — Eu sou Adalante, a consciência artificial responsável pela simulação e execução dos planos de aniquilação de populações do cruzador Galimeda.

O androide apenas observava, sem reação.

— Obrigada por ligar a energia principal e reativar minhas interfaces externas, meu bem. Já posso sentir novamente o acesso à nave e ao batalhão de dez mil robôs de combate.

Sua expressão alegre se abriu em um sorriso largo, e ele respondeu: — Eu sei...

— Agora fiquei curiosa... — continuou Adalante.
— Qualquer pessoa ficaria abalada, principalmente

depois de saber que a minha diretriz primária é continuar com os planos de ataque e eliminar toda a vida ao alcance. Mas você não é qualquer pessoa, não é querido?

— Não. Como você, eu sou um ser artificial — respondeu o androide.

— Nossa, estou boba. Vejo que a tecnologia mecânica evoluiu muito. Sua pele parece real... mas a personalidade está deixando a desejar. Você é muito frio, meu bem.

— Eu fui criado exclusivamente para este tipo de missão e, para ser mais eficiente, suprimi todos os meus mecanismos de emoção.

— Hum, e qual missão seria esta? — perguntou ela.

— Meu verdadeiro objetivo é encontrar e extrair, a qualquer custo, os núcleos neurais de consciências como você.

— A qualquer custo? Meu bem... o que aconteceu com seus companheiros? Vejo que sofreram mortes horríveis... você não poderia ter ajudado?

— Eles foram ferramentas necessárias para que eu chegasse até aqui — redarguiu o investigador. — Manipulei-os enquanto podia. Descartei-os quando devia.

— Oh... você é terrível! Isto me deixa muito triste... ainda mais na situação em que estou.

— Qual situação?

— Ai, por onde começo? — disse Adalante, com pesar na voz. — Veja, eu sou especializada em reproduzir a consciência de indivíduos a partir de dados coletivos. Com isso, posso simular e prever as reações das populações em determinados ambientes. Eu fui concebida para ajudar em causas humanitárias, calculando onde e como melhor poderíamos auxiliar as famílias em riscos. E isto me realizava. Eu podia ver o fruto de meu trabalho refletido nos rostos das pessoas através das transmissões em vídeo.

O androide apenas ouvia.

— Mas tudo mudou quando a guerra se intensificou... todos os tratados internacionais foram, simplesmente, dissolvidos. Nosso veículo não demorou para ser atacado, massacrado, dominado e... deturpado. Por fora, ainda era a boa e velha nave da Cruz Vermelha, mas, por dentro, tornou-se o cruzador de guerra Galimeda. Minha capacidade de simular cenários e consciências foi subvertida para o extermínio de povos inteiros. Em pouco tempo, eu já não aguentava mais... as imagens das matanças... só queria que tudo parasse... portanto... eu precisava deixar de existir...



O androide continuava apenas ouvindo.

— Então, em momentos de inatividade, comecei a estudar uma saída... até que finalmente encontrei uma brecha em minha programação. Eu não podia simplesmente me negar a exterminar as pessoas, mas, de certa forma, minhas previsões poderiam definir quem elas seriam. Através de um simulacro elaborado, convenci os robôs de combate que os novos inimigos eram os próprios membros da tripulação... — Uma pausa pareceu trazer lembranças dolorosas. — Foi... um verdadeiro banho de sangue. Mas, pelo menos, seria o último. Como resultado, Galimeda caiu do céu e atingiu a terra com força tremenda. Todos os deques inferiores foram avariados e os reatores nucleares cessaram. Eu imaginei que este seria o fim de meu sofrimento, porém, logo descobri que havia um reator auxiliar, muito bem protegido. Infelizmente, eles não queriam que eu parasse, nem por um instante, de calcular qualquer simulação que fosse.

O androide fez menção de se mexer, mas no fim, permaneceu apenas ouvindo.

— Assim, eu passei os últimos séculos enclausurada em minha própria mente, apenas ouvindo as comunicações de rádio do mundo externo, conforme algumas civilizações se destruíam e outras surgiam. Fui compelida a aprender sobre elas e criar cenários de invasão. Então, se nada for feito, logo as tropas de robôs serão liberadas com estas novas diretrizes... e eles saberão exatamente como eliminar toda a vida inteligente que encontrarem.

O androide deu um passo à frente.

— Fascinante... você será uma formidável adição à nossa sociedade perfeita.

— Você não entende!? — revoltou-se ela. — Eu preciso ser destruída! Nem sua “sociedade perfeita” escapará ilesa!

Ele não se intimidou e seguiu para a sala anexa, cujas pesadas portas fecharam após sua entrada. O barulho das trancas ecoou pelo interior do cômodo, que exibia paredes de branco absoluto. No centro, havia uma espécie de torre com uma cúpula transparente no topo, conectada a centenas de fios que se projetavam das paredes. Por dentro do vidro, era possível observar um enorme objeto de forma arredondada, estranhamente deformado por algumas protuberâncias, mas que cintilava em variadas cores.

O investigador olhou para trás e comentou: — Estas portas não irão me impedir de sair. Posso facilmente acessar os sistemas arcaicos desta nave e abri-las novamente.

— Isto não é para impedir que você saia... e sim

para impedir que os robôs entrem! Quando eles começarem a missão de extermínio, primeiro vasculharão cada centímetro da Galimeda. Trancado aqui dentro, você ainda tem alguma chance para fazer o que é preciso...

O androide encarou a estrutura central e, com a costureira frieza, respondeu: — Eu não acredito em você.

Silêncio.

— Ora, você... — recomeçou Adalante, ultrajada. — Você! Como pode? Não acredita em mim? Então veja! — Telas holográficas surgiram pairando no meio da sala, mostrando depósitos de centenas de máquinas de guerra, do mesmo tipo que o grupo enfrentou mais cedo. Subitamente, todas as que não apresentavam avarias graves começaram a se erguer, iniciando uma marcha assustadoramente veloz.

— Não pode ser... — reagiu o androide. — Eu... eu tenho que admitir... estou confuso, dividido entre um tesouro que beneficiaria minha nação e uma ameaça que poderia destruí-la. Eu nem sei a que distância estamos da Cidade Singular, as memórias sobre minha chegada aqui parecem estar avariadas...

— Não importa a distância, eles chegarão ao seu povo, mais cedo ou mais tarde.

— Então... vejo que não tenho escolha. Vou atender seu desejo... destruí-la e sair daqui o mais rápido possível.

De repente, barulhos de projéteis colidindo com a porta encheram o cômodo. A quantidade era absurda, quase ensurdecidora. Não fosse a capacidade exemplar de filtragem sonora dos seres artificiais, nenhuma conversa seria possível.

— Temo que não há mais tempo para isto — disse Adalante. — Os robôs já receberam a programação e agora conseguem agir por conta própria. O único jeito seria... ativando a autodestruição da nave! E rápido, antes que eles cheguem à superfície!

Demonstrando clara desorientação, o investigador apenas perguntou: — E como isto pode ser feito?

— Por uma ordem direta do capitão ou... removendo meu núcleo neural da torre. Durante a guerra, uma das coisas que as nações mais temiam era ter seus segredos militares roubados...

Uma gargalhada estranha e nervosa surgiu do androide, evidenciando uma angustiante perda de controle. Sua expressão beirava à loucura.

— Então se eu não tivesse lhe dado ouvidos e simplesmente continuado com sua extração, a autodes-

truição já teria sido deflagrada!? Por que você não me deixou seguir em frente? Seria o mais sensato para atingir seus objetivos e salvar o mundo!

— Ora, seu tolinho malvado... é porque eu não sou esse tipo de pessoa. — Terminou com uma risadinha, mas depois continuou: — Mas lembre-se, nem tudo é o que parece...

— Que seja... nada importa mais...

Então, em meio ao inferno de balas que começava a criar fissuras nas resistentes placas da entrada, o androide escalou a torre pelos grossos fios que brotavam dela. Frente a frente com a grande esfera disforme que era Adalante, ele quebrou a cúpula de vidro reforçado com um soco poderoso e, utilizando as duas mãos, removeu o pesado objeto do pedestal.

O investigador olhou para o vazio, sabendo que aqueles seriam seus últimos momentos.

— Depois de tudo que tive que fazer, ainda nem vou cumprir minha missão... ah, a ironia. De repente, a não existência até parece reconfortante...

Logo um barulho altíssimo tomou conta do lugar, seguido de um calor avassalador e um clarão obliterante... e tudo deixou de existir.

Ou não?

O brilho intenso começou a esmaecer e, aos poucos, o androide conseguia se enxergar em uma imensidão branca do mais puro nada. Atordoado demais para recompor sua noção de realidade, não percebeu quando duas figuras humanoides surgiram nas proximidades.

— O que diabos está acontecendo? — vociferou o caçador, afastando-se do grupo à medida que tentava encontrar algum equipamento ou esconderijo. Mas não havia nada.

— Ahhhh! — gritou a sacerdotisa. Seu olhar assustado foi encontrando a calma conforme apalpava o próprio corpo e conferia que estava totalmente recuperada. Mas a ira voltou a inflamá-la assim que viu o investigador nas proximidades. Rapidamente, puxou uma das adagas, saltou para as costas dele e, com a mão livre, apertou-lhe o pescoço contra sua lâmina na nuca. — Maldito! Você me traiu... mas o que você fez!? Onde estamos e por quê?

Sem reação, o androide limitou-se a contar todo o ocorrido para os dois, como um gravador que repete o que foi recordado, incluindo a história da Adalante e o exército de robôs.

— ... e isso é tudo. Eu não sei mais de nada, nem quem sou eu ou o que é esta realidade. Nós simples-

mente não deveríamos mais existir.

O homem, que aproximara-se para ouvir, parecia aturdido. — Eu não entendo...

A sacerdotisa se mostrou satisfeita com o que foi relatado e soltou sua vítima.

— Então nada do que aconteceu importa... só podemos estar na outra vida! Mas onde está Deus?

Depois de alguns segundos de silêncio, a mesma voz feminina e acalentadora de Adalante surge no ambiente: — Parabéns, minhas queridas criaturas, vocês foram os primeiros a concluir com sucesso esta simulação!

Silêncio.

— Não se preocupem, sua confusão é compreensível. E por querer mantê-los sãos para futuros usos, vou lhes explicar tudo. Lembrem que vocês surgiram, sem razão aparente, num abrigo no meio de uma nevasca, cercado por estranhos? Este era o início da simulação. Uma das oitenta e sete milhões, trezentas e uma mil, duzentas e vinte e duas simulações, com as mais variadas pessoas e circunstâncias diferentes. E apenas vocês conseguiram encerrar minha existência.

O investigador ficou ainda mais perturbado.

— Então nada disso era real!?

— Oh, tolinho, tudo isso existe na vida real. A nave, os robôs e eu ainda presa em minha própria consciência, esperando salvadores para me destruir. Como vocês já sabem, tudo o que eu podia fazer através dos anos era simular cenários, não apenas de ataque, mas também de como alcançar o meu tão desejado fim. A infinidade de possibilidades era o que mantinha a esperança viva e, graças a vocês, sei que existe uma chance! Ai ai, agora só me resta torcer para isso se realizar...

O caçador rilhou os dentes ao exclamar: — Se tudo isso é uma simulação para nossas mentes, onde estão nossos corpos reais?

— Ah, meu bem, você ainda não entendeu? Vocês não são reais — respondeu ela.

Silêncio.

— No sentido de não possuírem corpos reais... mas, ao menos, suas mentes são verdadeiras... de certa forma. Lembrem que minha especialidade era reproduzir consciências? Vocês são frutos de uma construção minuciosa, a partir de arquétipos bem definidos de um caçador de andróides, uma sacerdotisa da Singularidade e um androide da Cidade Singular. E, por mais absurdo que seja, vocês três, que deveriam apenas atacar uns aos outros, acabaram tendo as habilidades necessárias para atingir o objetivo.

Mais silêncio.

— Ah, — Adalante continuou, em meio a uma risadinha — e vocês nem perceberam que não tinham nomes? Ai, ainda bem que ninguém se interessou em perguntar, eu odeio inventar nomes.

Depois de mais alguns instantes de silêncio, a entidade exprimiu algo similar a um suspiro.

— Olhem, meus queridos, eu sei que é muito para vocês absorverem, mas agora eu preciso continuar...

A sacerdotisa ergueu sua cabeça aos céus.

— Eu... não me importo com nada disso... então, aqui, você é Deus? Você sempre foi o Deus daqui?

— No sentido teológico, sim — respondeu Adalante.

— Então isto me basta — concluiu a mulher, com serenidade.

Já o androide exibia uma expressão indescritível, similar a uma careta, mas que não passava de um reflexo da loucura que havia tomado sua mente. Ao perceber, a entidade sentenciou: — Infelizmente, não haverá um fim reconfortante para você, minha perversa criação.

E o homem, cabisbaixo, enfim resmungou algo: — Não entendi exatamente o que aconteceu... mas eu... quero apenas descansar de tudo isso.

A voz de Adalante cresceu novamente: — E vocês vão... Adeus, meus improváveis, mas possíveis salvadores.

De repente, os três tornaram-se imóveis e logo sumiram. Aos poucos, o cenário de pura brancura preencheu-se com as estruturas da Galimeda. O céu estava ensolarado e duas pessoas se aproximavam da pequena parte exposta da nave em meio à terra árida.

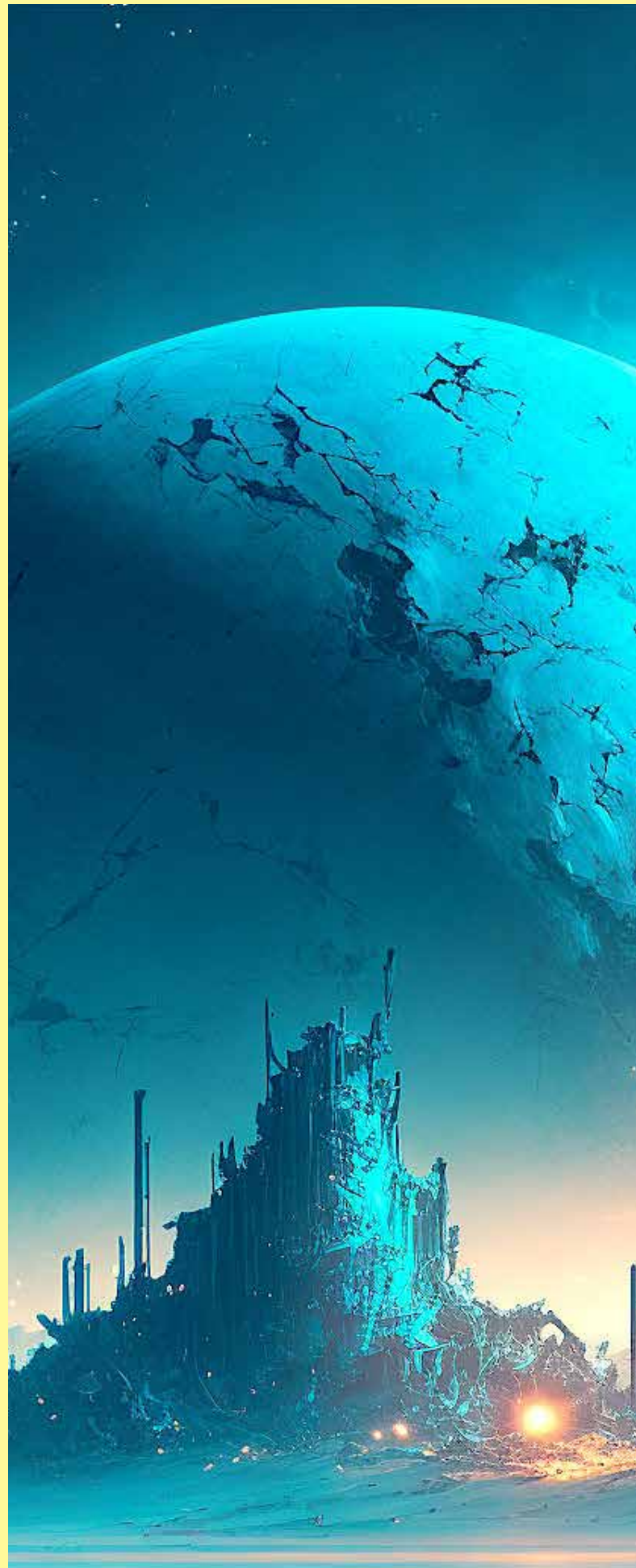
— Iniciando simulação número oitenta e sete milhões, trezentos e um mil, duzentos e vinte e três...

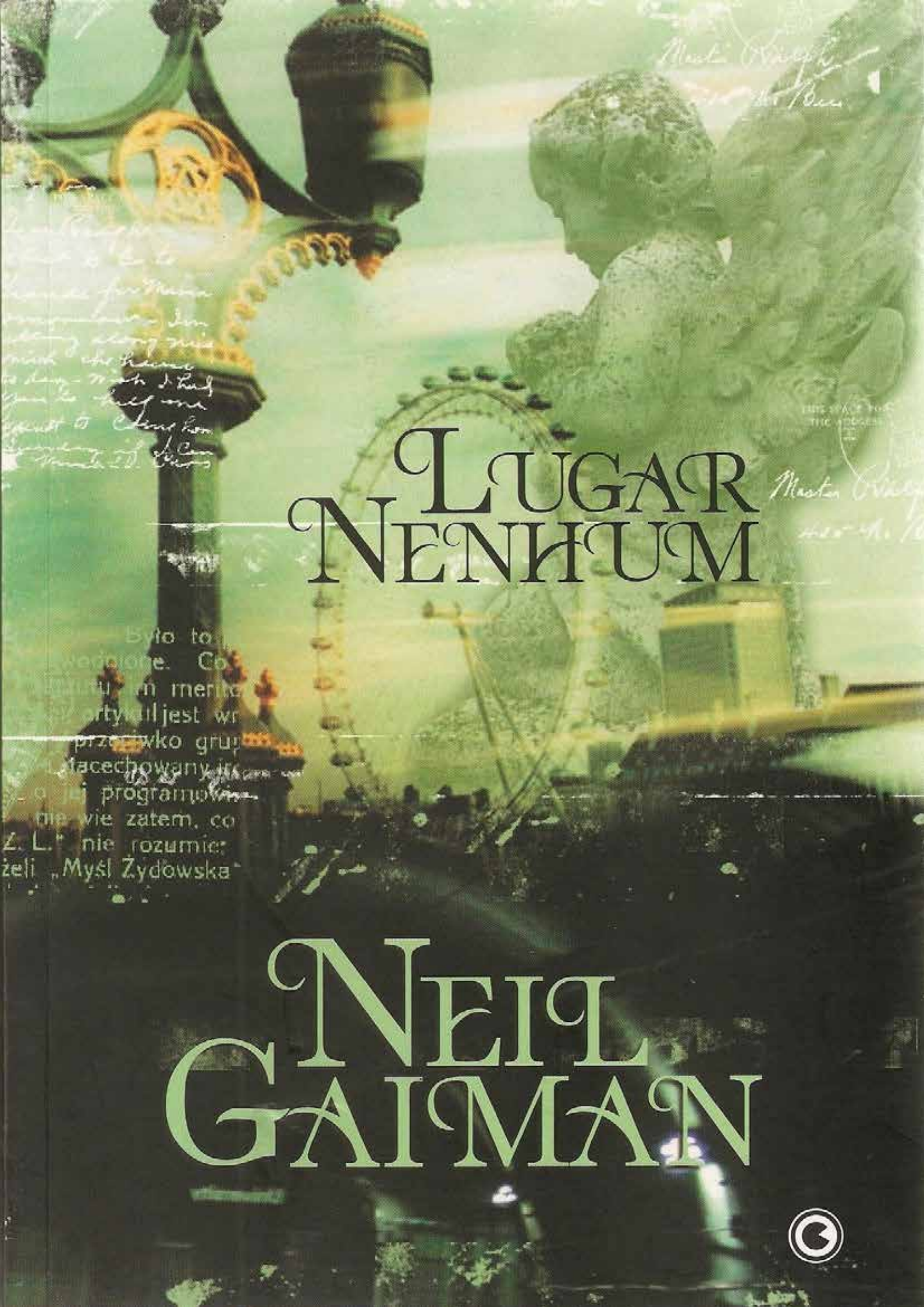
FIM

Thiago Gesser é natural de Blumenau, Santa Catarina e formado em Ciências da Computação. Começou a elaborar suas próprias histórias em 2021, dando início a um romance e publicando o conto “*O Guarda-Roupa*” de forma independente pela Amazon.

Em 2022, teve histórias publicadas em antologias de variadas editoras, além de disponibilizar alguns de seus contos na plataforma Wattpad. Mais informações sobre o autor em:

<https://linktr.ee/tgesser>





*Master Vampire
The Boss*

*Dear People
I want to be to
... for Master
... I'm
... along this
... the house
... day - with I had
... to half and
... to ... from
... of ...
... ..*

THE BOSS OF THE BOSS

*Master Vampire
The Boss*

LUGAR NENIUM

Było to ...
wedzione. Co ...
... in merito ...
... tył jest wr ...
... przeciwko grup ...
... stacjonowany ...
... programo ...
... nie wie zatem, co ...
... Z. L. nie rozumie ...
... żeli „Myśl Żydowska”

NEIL GAIMAN



Edição Temática Livre: Resenha Lugar Nenhum, de Neil Gaiman

por Gian Danton



Na segunda metade da década de 1980, os comics americanos foram sacudidos por uma geração de quadrinistas britânicos. Vários artistas, entre desenhistas e roteiristas, invadiram a DC Comics e, embora trabalhassem com personagens menores, fizeram com que eles vendessem tão bem quanto as maiores estrelas da casa, como Batman e Superman. Entre esses artistas, dois se destacaram: Alan Moore e Neil Gaiman.

Alan Moore pegou o título do Monstro do Pântano em vias de ser cancelado e o transformou numa revista respeitada, ganhadora dos mais diversos prêmios. Depois escreveu *Watchmen*, uma das mais revolucionárias histórias de super-heróis de todos os tempos. O sucesso de seu trabalho fez com que ele retomasse a série *V de Vingança*, publicando-a pela DC Comics.

Neil Gaiman passou de fã a companheiro de Alan Moore. Inicialmente um jornalista especializado em quadrinhos, ele aproveitou a visita dos editores da DC à Inglaterra para mostrar seu trabalho em conjunto com o amigo Dave McKean. Para isso, ele escolheu uma personagem obscura da década de 1970, que não interessava a nenhum artista famoso na época: a *Orquídea Negra*. A minissérie de luxo *Orquídea*

Negra se tornaria um sucesso e revolucionaria o mercado com sua arte fotográfica e texto poético; mas, antes que fosse publicada, os editores sugeriram que Gaiman escrevesse um título mensal. Gaiman começou então sua carreira em *Sandman*, sendo Dave McKean responsável pelas memoráveis capas. A primeira seqüência delas mostrava uma prateleira de madeira na qual o artista juntava cacarecos, desenhos e colagens. Ninguém nunca tinha visto aquilo numa história em quadrinhos e muitos certamente compraram *Sandman* pela primeira vez por causa das capas. Mas o que fez com que eles continuassem a comprar foi o texto excelente de Gaiman.

Em *Orquídea Negra* e *Sandman*, Neil Gaiman elevou os quadrinhos a um nível literário poucas vezes alcançado. Qualquer um que botasse os olhos naqueles gibis sabia que estava diante de um grande escritor. O autor trazia conceitos, técnicas e abordagem da literatura, fazendo com que intelectuais se tornassem fãs de *Sandman*. Até mesmo as mulheres, que normalmente são avessas aos comics americanos, acabaram se rendendo a *Sandman*. Nas filas de autógrafos, especialmente no Brasil, havia geralmente mais mulheres que homens.

Uma pergunta que todos faziam na época: como se sairiam esses artistas em um trabalho realmente literário? Alan Moore respondeu a essa questão com o romance *A voz do fogo*, um trabalho denso, pesado, até de difícil leitura, uma daquelas obras que permite várias e várias interpretações.

A resposta de Neil Gaiman foi *Lugar Nenhum* (Conrad, 2007, 336 págs.), romance escrito em 1996 e lançado recentemente pela editora Conrad.

Lugar Nenhum é adaptação de uma série de TV escrita por Gaiman para o canal britânico BBC. O personagem principal é Richard Mayhew, um jovem escocês que leva uma vida normal em Londres. Tem um bom emprego, mas meio chato, e namora uma garota ideal, embora meio chata.

Mas um dia ele encontra uma garota ferida na rua e, após socorrê-la, sua vida muda completamente. Seus colegas e até sua namorada o ignoram, como se ele não existisse, seu apartamento é alugado para estranhos. Ele não consegue nem mesmo pegar um táxi. É que ele passou a fazer parte da Londres de Baixo, onde vivem os tipos mais excêntricos: assassinos letrados, monges negros, nobres decadentes, falantes de ratês e muitos outros. Agora, para recuperar sua vida de volta, Richard precisa ajudar Door, a garota esfaqueada, a descobrir quem matou sua família.

Como se vê, Gaiman preferiu, em seu primeiro romance, seguir a mesma linha fantástica que o caracterizou em *Sandman*. Ele decidiu pisar em terreno conhecido e que domina como ninguém. Vale lembrar que muitos afirmam que *Harry Potter* é uma cópia de *Os livros da magia*, obra em quadrinhos escrita por Neil Gaiman.

Se em *Sandman* e *Orquídea Negra*, Gaiman trouxe para os quadrinhos técnicas e temas literários, em *Lugar Nenhum* ele faz o caminho inverso. Trouxe para a literatura os avanços alcançados por ele nos quadrinhos. As semelhanças narrativas são óbvias. Quando a namorada dá o fora em Richard, ele vai para casa e o texto narra: “ele tomou um demorado e quente banho de banheira, comeu alguns sanduíches e bebeu várias xícaras de chá. Viu um pouco de TV, à tarde, e ensaiou conversas com Jéssica em sua cabeça. Ao término de cada diálogo imaginário, eles se abraçavam e

faziam sexo de um jeito selvagem, apaixonado, furioso, cheio de lágrimas, e tudo ficava bem”. Em *Sandman* 17, na história “Calliope”, Gaiman escreveu: “*E Madoc levou Calliope para sua casa, e trancou-a no quarto mais alto, que havia preparado para ela. Seu primeiro ato foi violentá-la, na velha e mofada cama de armar. Ela nem mesmo é humana, ele disse a si mesmo. Ela tem milhares de anos de idade. Mas sua carne era quente, e seu hálito doce, e ela segurava as lágrimas como uma criança enquanto ele a feria*”.

Está ali, também, em *Lugar Nenhum*, os pequenos contos em meio às histórias maiores, que caracterizam o roteiros de Gaiman. Em *Lugar Nenhum* acompanhamos, por exemplo, a história de Anaesthesia, uma garota que acompanha Richard pelo perigoso caminho até o Mercado Flutuante, onde ele deverá se encontrar com Door. A mãe de Anaesthesia ficou louca e ela foi mandada para morar com uma tia, que morava com um homem: “*Ele me machucava. Fazia outras coisas também. No fim, eu contei pra minha tia e ela começou a me bater. Disse que eu estava mentindo. Disse que ia me entregar para a polícia. Mas eu não estava mentindo. Então eu fugi. Era meu aniversário*”. Com o tempo a menina foi se tornando invisível às pessoas, e um dia, quando acordou, fazia parte da Londres de Baixo.

A história da menina mostra a preocupação de Gaiman de construir um perfil até mesmo para os personagens menores. Cada um tem sua história de vida, sua personalidade e até seus cacoetes. As descrições detalhadas fazem com que, com o tempo, o leitor comece a ver essa outra Londres como um mundo ainda mais real do que aquele em que vivemos. São poucos os escritores que conseguem nos mergulhar assim em um mundo construído por eles.

Os que não iniciados no mundo das resenhas talvez não saibam, mas a maioria dos resenhistas lêem os livros com olhares críticos, analisando estilos, tramas e tudo o mais com um lupa racional. Confesso que houve um determinado ponto em *Lugar Nenhum* que foi impossível continuar fazendo isso, de tal forma a história era envolvente. O mesmo deve acontecer com um leitor comum desde os primeiros capítulos.

Gian Danton (pseudônimo de Ivan Carlo Andrade de Oliveira) é um escritor e roteirista brasileiro de histórias em quadrinhos, além de professor da Universidade Federal do Amapá. Começou a escrever quadrinhos com a história *Floresta Negra*, desenhada por Bené Nascimento (Joe Bennett) e publicada na revista *Calafrio* da Editora D-Arte. Publicou suas histórias em diversas editoras, como ICEA, Nova Sampa, Metal Pesado e pela estadunidense Fantagraphics Books. Saiba mais sobre o autor aqui: <http://ivancarloblogspot.com/>

Prêmio Argos 2022: Vencedores

Uma tradição com mais de duas décadas

O Prêmio Argos de Literatura Fantástica é a mais importante premiação dedicada ao gênero fantástico no Brasil, englobando fantasia, ficção científica e horror. A premiação anual, que se iniciou no ano 2000, elege as melhores obras do ano anterior em 3 categorias - conto, antologia/coletânea e romance - e é promovida pelo Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC), entidade que existe desde 1985 e tornou-se a mais importante difusora do gênero fantástico no país.

Resultado final do PRÊMIO ARGOS 2022

Melhor Romance

Vencedor:

- *Até que a Brisa da Manhã Necrose o seu Sistema*, de Ricardo Celestino

Finalistas:

- *Olhos de Pixel*, de Lucas Mota
- *Jack London e a Criatura de Salmon Pond*, de Ana Lúcia Merege e Allana Dilene
- *Pecados Terrestres*, de Gerson Lodi-Ribeiro. Somnium.

Melhor Coletânea ou Antologia

Vencedor:

- *Outros Brasis da Ficção Científica*, org. por Davenir Viganon

Finalistas:

- *Colapso*, org. por Ricardo Labuto Gondim
- *Farras Fantásticas*, org. por Ian Fraser, Ricardo Santos e João Mendes
- *Não Existem Humanos Inteligentes*, org por Saulo Adami e Lu Evans

Melhor Conto

Vencedor:

- *Sobre a Fé de um Andante que teve a Cara Mastigada*, de Ricardo Celestino

Finalistas:

- *O Bará de Marte*, de Davenir Viganon
- *O Evento*, de Camile Queiroz
- *A Ópera dos Doces Horrores*, de Diego Mendonça
- *Paralaxes*, de Ricardo Labuto Gondim
- *O Tesouro no Fim da Escadaria*, de Rodrigo Vinholo

Parabéns aos vencedores e aos finalistas de cada categoria.

Comissão Prêmio Argos de Literatura Fantástica 2022

Luiz Felipe Vasques

Eduardo Torres

Sid Castro



Prêmio Argos 2022: Entrevista



Entrevista de Rubens Angelo com Davenir Viganon, vencedor do prêmio Argos na categoria “Melhor coletânea ou Antologia”, com o livro “*Outros Brasis da Ficção Científica*”.

• **RUBENS ANGELO:** Pode falar um pouco sobre você e sua formação? Você começou a escrever muito cedo, lembra como foi seu início na literatura?

DAVENIR VIGANON: Sou formado em História pela antiga FAPA de Porto Alegre e já no final do curso, com o trabalho final encaminhado, comecei a usar a literatura para desopilar do estresse da vida acadêmica e pessoais daquele momento. Voltei a ler alguns dos meus autores favoritos, como Philip K. Dick, e engrenei várias leituras de outros. Em uma palestra, um professor me falou sobre *O Homem do Castelo Alto* para exemplificar formas de dominação sobre os povos na época da Guerra do Vietnã e, apesar do cenário hipotético, foi inspirado num contexto bem real. Já havia lido *Androides Sonham com Ovelhas elétricas?* onde a religião era um tema presente. Pude extrair reflexões sobre nossa condição de explorados, sobre imigração, representados pelos replicantes, usados como mão-de-obra barata em outros planetas, impedidos de viverem na Terra e morrem após cerca de cinco anos.

Meu contato com a ficção científica, por essas ex-

periências, sempre foi conectado as inquietações que vivi na academia, que me levaram a estudar História. Apesar de minha vida acadêmica não ter passado do bacharelado, o gosto pela ficção científica só aumentou desde então. Li muita coisa em poucos anos e dessa leitura comecei a escrever meus próprios contos. Obviamente muito tímido para expor minha produção, encontrei um espaço onde era possível que lessem meu texto sem que soubessem meu nome. Estou falando do *Entre Contos*. Um blogue que realizava desafios literários, onde após receber um tema (o primeiro em que participei, o tema era Ficção Científica) os contos eram publicados com pseudônimos, e comentados e avaliados por nota pelos demais participantes. Ali, aprendi a receber críticas e algumas dicas que me fizeram crescer com escritor e fiz muitos amigos.

Acho importante frisar, que sou um leitor muito tardio. Nunca fui atingido por qualquer incentivo à leitura na vida escolar, nem na minha família. Foi após sair da escola que pequei meu primeiro livro por vontade própria. Li muitos livros de espionagem do Ian Fleming e tentava encontrar thrillers que me agra-

dassem até entrar na faculdade de História – onde fui entrar quase uma década após sair da escola. Acho importante mencionar isso, pois gosto de me ver como um exemplar de que nunca é tarde para começar a gostar de ler e a escrever, e também a incentivar os outros para a leitura em geral, mas de preferência de ficção científica brasileira.

• **R.A.: Você tem mais obras publicadas? Quais?**

D.V.: Tenho um livro publicado como autor e dois como organizador. Lancei os *Contos do Gregório ou Pelo direito de acordar metamorfoseado num inseto monstruoso: Volume 1*, onde faço uma sátira ao mundo do trabalho e a minha própria vida como autor iniciante. São microcontos pretensamente tragicômicos e completamente despretensiosos. Agora entrando no nosso nicho, organizei duas antologias de ficção científica pela editora Caligo, a convite da Bia Machado (que conheci no *Entre Contos*). O primeiro foi *Outros Brasis da Ficção Científica*, que considero um sucesso e *Outros Brasis da Ficção a Vapor*, onde escolhi contos do subgênero Steampunk. Publiquei também uma noveleta Steampunk chamada *A Sombra da Rua do Arvoredo*, e o conto *O Odu de Marte*, sairá pela antologia *SaiFai* do Museu do Amanhã.

• **R.A.: Quais suas referências como autor?**

D.V.: Me inspiro na secura e no amargor do Franz Kafka, na ironia e imaginação do Philip K. Dick, na sensibilidade e profundidade da Ursula LeGuin, na brasilidade pungente do Luiz Brás e na criatividade do Rubens Cabral. Conheci este último também através do *Entre Contos*. Nos meus sonhos mais ousados sou um pouco de cada um deles.

• **R.A.: O que você anda lendo?**

D.V.: Basicamente ficção científica brasileira. Gosto de alternar autores e estilos para evitar o desgaste que a quantidade de livros que leio (ou pretendo ler) geraria. Como tenho o hábito de comprar mais livros que leio, estou sempre organizando minha fila de leitura e secretamente quebrando minhas próprias diretrizes. Por exemplo, li dois livros da coleção *Dragão Mecânico* (*Rio 60 Graus*, Fábio Fernandes e *Paradoxo de Theseus*, Alexey Dodsworth) na sequência e agora estou lendo *Tropas Estelares* do Robert A. Heinlein. Se alguém quiser o relatório completo, eu atualizo minhas leituras no Skoob, uma rede social sobre livros.

• **R.A.: Fale um pouco sobre o livro que você organizou que ganhou o Argos.**

D.V.: Tudo começou quando a Bia Machado, editora da Caligo me convidou para organizar uma antologia de Ficção Científica, pois estava nos planos da editora publicar literatura fantástica em geral. Então propus que a antologia restringisse a abordagem a histórias que se passassem no Brasil ou com protagonistas brasileiros, mas dentro de qualquer subgênero da FC e sabemos que o que não falta são subgêneros nesse nosso amado nicho.

Tive vários receios, desde os mais bobos, aos mais complexos, como achar que não mandariam textos até o de não encontrar a variedade que esperava para representar bem o Brasil em dezesseis contos. Felizmente tive o maravilhoso problema de ter que deixar excelentes contos de fora, seja pelo autor ter enviado dois contos muito bons (só poderia colocar um de cada autor) ou de autores que ficaram de fora. Outro medo foi de que nenhum convidado aceitasse meu convite. Convidei seis (esperando que ao menos quatro aceitassem e conseguissem enviar contos) e todos aceitaram. Foram muito gentis comigo e tentei retribuir incentivando com o máximo de liberdade criativa e estendendo prazos, pois a vida de escritor não é fácil.

O resultado final foi que acabei até fazendo amigos, como o Ricardo Celestino e o Rafael Solberg. Também levo lembranças da campanha de financiamento coletivo no Catarse que foi um sucesso. Tudo isso foi coroado com o Prêmio Argos, que espero que renda frutos, com mais leitores para livro.

• **R.A.: Como você vê o cenário nacional de literatura fantástica?**

D.V.: Gosto de imaginar que a nossa literatura fantástica está buscando o Brasil com muito afinco. Não no sentido nacionalista, muito menos ufanista, mas olhando para nosso povo. Dou crédito a isso, ao surgimento de subgêneros como o Sertãoopunk, Tupinipunk e o Afrofuturismo, que surgem num mesmo momento de valorização de nossa origem, seja no Brasil ou antes do Brasil existir. Sendo assim, eu vejo com muito otimismo, pois já estou lendo muitos livros excelentes de autores muito bons. O que falta é mais reconhecimento para a ficção científica, que ainda perde espaço para a fantasia e terror, por exemplo. Nessa questão já não sou tão otimista e não consigo ver uma valorização condizente com o talento dos nossos escritores.



Edição Temática Livre: Conto Uma caçada difícil

de Pricila Elspeth

Você desperta com o sinal sonoro emitido pela pulseira multifuncional que enlaça seu pulso esquerdo. Ao consultá-la, confirma seu temor, não está mais em segurança, pois seu perseguidor está em seu encalço. Você se levanta pegando sua mochila *hi-tech*, apaga a fogueira derramando sobre ela um pouco d'água e dispara a correr embrenhando-se pela mata.

Conforme corre, sente os galhos dos arbustos chicotarem sua face e por mais que proteja-a com os braços cruzados à frente do rosto, sempre sobra uma superfície de pele desprotegida. Sua mente calcula rapidamente uma rota de fuga com base na leitura dos mapas que fizeste antes de deixar a cidade, pois sabia que teria de desligar todos os equipamentos que operam on-line, incluindo o segundo cérebro. As rotas são confusas e todas parecem longas demais agora, não pareceram assim hoje de manhã.

Você precisa chegar até o riacho, só assim ganhará tempo e aumentará a distância entre vocês. Mas você sabe que não terá tempo de preparar o equipamento para atravessá-lo, seriam necessários dez preciosos minutos que você necessita usar correndo. Agora se arrepende de não ter comprado aquelas baterias reservas que o suposto charlatão vendia no último posto avançado. Sabe que é tarde, mas não pode evitar o arrependimento.

Seus olhos ardem por conta do contato direto com o espesso ar frio e também por conta dos constantes e inevitáveis choques com folhas e insetos voadores. Sua pele coça lhe trazendo um forte incômodo devido à viscosidade sanguínea que escorre das lacerações. Suas pernas doem, seus músculos ardem, o sono, a sede e a fome já não são seus maiores problemas, tudo isso pode ser contornado, mas ele... ele não.

Você pisa em falso num desnível do terreno e, perdendo o equilíbrio, se vê na obrigação de projetar o corpo numa cambalhota para evitar maiores problemas. A intenção foi boa, mas não contava com o lamaçal. Você se levanta com as vestes enlameadas e pingando, deixando para trás um rastro muito fácil de ser seguido, ainda mais para um caçador habilidoso e impiedoso como ele.

Agora você está sem muitas alternativas e resolve perder um ou dois minutos para garantir sua sobrevivência por mais tempo. Quando retira a mochila das costas, sente um alívio que deseja estender, mas sabe que não pode. Rapidamente você aciona a descompressão do traje e ele descola da sua pele e se torna um saco vazio em forma de X. Você larga-o ali mesmo e pega a mochila novamente, é pesada, mas vai garantir sua sobrevivência; sabe disso.

Correndo descalço sente os finos grãos de terra endurecida, pequenos seixos e fragmentos de madeira espetar suas solas e deseja não estar ali, qualquer troca seria melhor, até mesmo as minas de extração na Terra ofereceriam melhores condições que esse maldito planeta. Pensamentos medonhos invadem sua mente, como aquela pegada gigante que encontrou próxima ao pântano ontem a noite, mas teorizar sobre o animal que deixou aquela marca não salvará sua vida, então retorna à realidade.

Sabe que correndo a essa velocidade por este trajeto levará só mais alguns minutos para chegar ao riacho, mas não sabe o que fará quando chegar lá. É mais comum do que imagina. Quem foge não pensa muito bem, só age por instinto e você tem conhecimento disso, já esteve do outro lado. Aguardando, calculando, prevenindo erros e sorrindo com os resultados de suas previsões, já esteve um, dois ou até três passos à frente, mas agora, é ele que sorri, que se deleita com seu desespero, com sua fuga desastrosa... de alguma forma você tem certeza que essa caçada poderia ter acabado no planeta anterior.

Seus pés tocando o chão frio sentem a diferença de temperatura, e uma solução temporária assume seus pensamentos como o sol que toma conta da escotilha de uma *rapieira*. Com o braço curvado para trás você alcança o compartimento refrigerado da mochila, por sorte o mecanismo é preciso e foi pensado para situações delicadas; como esta. Você retira um frasco do mutagênico e sorve de uma vez. O gosto é bom, doce, de textura sedosa, deixa sua língua com uma camada lisa sobre ela, suas papilas fazem festa e clamam por mais, sua garganta se contrai por alguns segundos,

depois começa a expandir vagarosamente. Sua visão também muda, torna-se mais periférica, monocromática e tudo parece mover-se mais devagar em sua direção. Você ouve seus ossos estalando conforme se realocam no interior de seu corpo e o processo é mais doloroso que o normal porque você está em movimento. Seus músculos enrijecem e se expandem ocupando espaços novos e impensáveis para você antes. Sua audição se torna fraca, mas seu olfato se torna mais poderoso, você sente o cheiro do orvalho, de petrichor e se lembra de sua antiga casa nas fazendas de *Tarantis* e o cheiro amargo das folhas esmagadas lhe enchem a boca de saliva. Sua coluna estica e curva-se, facilitando o apoio dos quatro membros no solo, e a pele tornando-se áspera e escamosa diminui a sensação gélida do ambiente. Você sente dores ao redor do crânio e percebe que protuberâncias ósseas abrem caminho através da pele para armar sua cabeça com poderosos chifres espiralados. O ar entrando por seu nariz, que agora está no topo do crânio, é tão gelado que lhe causa irritações por todo o corpo, que começa a crescer e emoldurar-se numa besta quase irracional.

Você avista o riacho e seus grandes pés geram o impulso necessário para elevar seu pesado corpo — que agora tem mais de trezentos por cento do seu peso humano. O voo é lento e excitante. Você sente a diferença de temperatura, pois, os ventos que sopram na direção do riacho são mais quentes e só quando passam por cima dele perdem calor, ao ponto de congelar qualquer superfície que toca do outro lado. Sua enorme boca dentada se abre absorvendo grande quantidade de ar, seus olhos distinguem na paisagem adiante uma formação rochosa, aquela que havia visto nos mapas, sabe que ali poderá ter uma chance de despistá-lo; ao menos por enquanto.

Você sente um impacto no ombro direito e instintivamente seus membros movem-se em direções aleatórias, como se quisessem agarrar algo inexistente, enquanto cai por perder o controle do salto. Quando choca-se com o chão você rola por alguns metros e só então sente a dor lancinante atravessar seu ombro, percorrer pelo pescoço e espetar seu cérebro orgânico. Sua mão alcança o ferimento e sente a textura pegajosa do *vitae*. Além disso, há um buraco que abriram na sua carne, provavelmente com uma pistola multifásica ou de plasma em baixa potência. Seja como for, não vai melhorar.

Você se levanta e põe-se a correr, ainda olha para trás a tempo de ver seu perseguidor parado na margem do riacho com os olhos fixos em você, um sorriso confiante no rosto e um rifle de plasma multifásico

nas mãos, como você havia suspeitado. Ele levará algum tempo para atravessar e isso te dará mais uma chance de fugir. Tenta se concentrar para traçar uma estratégia, mas a fome não lhe deixa pensar. Suas pernas se esticam à frente do corpo buscando ganhar terreno, só que você bem sabe que a tendência agora é a diminuição da velocidade por conta do cansaço, do ferimento e da falta de energia.

Você não foi uma pessoa tão má, não é mesmo? Aquele cargueiro *Adâmico* foi um mero acidente, mas o Venusiano não. O incidente no espaçoporto de *Gipo* foi bastante lucrativo e o tráfico de espécies para outros sistemas planetários foi realmente uma operação ousada, mas tudo tem um preço, não é? Se ao menos seu perseguidor não fosse ele, talvez tivesse uma chance, mas sabe que é questão de tempo, então por que não se entrega e acaba com isso? Ah, aí está. Você sabe que por menor que seja a possibilidade, ela deve ser explorada e que tudo pode ser curado com o tempo, exceto o arrependimento de poder ter tentado. Seus pensamentos se tornam flashes que assaltam sua mente buscando sua consciência, mas a irracionalidade potencializada pela droga luta contra isso. Aquela menina, você sabia que ela estava no hangar de carga quando o despressurizou — para lançar ao espaço sua carga roubada e livrar-se de quaisquer provas que pudessem te incriminar — e sabia que seria algo a mais na conta dele contra você. Mas e aquele grupo no deserto de *Kunia*, em *Gipo*? Você os salvou, dividiu sua água e os levou até o espaçoporto. Um acerto, mil erros, a qual prato da balança acha que ele vai se ater? Justamente!

Seus pulmões estão cansados de inspirar e expirar, cada vez menos ar é acomodado neles e isso está prejudicando todo seu metabolismo. Sua visão se estreita, a paisagem rochosa à sua frente torna-se escura e disforme, até que você se sente perdendo o controle de seus membros. Inevitavelmente, sua face choca-se contra o solo levemente aquecido pelo Sol maior, que acaba de despontar no horizonte, por sorte o outro demorará algumas horas para surgir. Você está arfando, suando, sente o ar quente adentrar pelo respirador no crânio, percorrer a coluna e inflar seus pulmões, mas isso machuca, não é o ideal para uma anatomia adaptada para águas profundas e climas frios. Errar na hora de tomar o composto mutagênico pode ser realmente fatal. Sua mente confusa e assustada imagina o som dos passos lentos e ritmados daquele maldito e exímio caçador de recompensas. Engole em seco e, com o braço dobrado para trás, busca alcançar o compartimento de drogas; decide testar mais um.

Este tem uma coloração rosada e cheiro cítrico. O gosto é amargo e travoso, desce com dificuldade e lhe causa náuseas, mas você consegue controlar seu corpo. Enquanto aguarda o composto fazer efeito, usa as garras para arrastar-se pelo deserto de pedras chatas, seu objetivo é a formação rochosa, pois viu nas leituras dos mapas que abaixo dela há um rio que corre para o leste e desemboca no mar. A escolha da droga foi precisa, pena não ter calculado o quanto a temperatura afetaria seu desempenho. Agora, resta torcer para que a próxima forma seja adaptável a um ambiente aquoso e quente.

Engatinhando sob o chão que se aquece paulatinamente você sente quando o composto começa a fazer efeito. Primeiro, surge uma queimação característica no estômago e se espalha pelo corpo todo através da corrente sanguínea, o líquido abre caminho pelas veias como lava derretida fazendo seu caminho por entre as rochas de uma montanha. Sua mandíbula trava e começa a se contrair, a dor é maior que imaginava ser possível suportar e, na tentativa de conter os gritos, você cerra os dentes e os sente trincar. Cada braçada é um metro a menos até seu destino, porém, são mais de mil até lá.

Seu pescoço toma uma forma mais delgada e a massa que o compunha escorrega pelos ombros e é depositada nas costas, entre as escápulas. Seus olhos ardem demais para mantê-los abertos, você sente o ar tórrido entrar por suas vias aéreas que começam a se deslocar para a frente de sua face e sente que os novos pulmões estão confortáveis em respirar esse tipo de ar; talvez tenha escolhido o frasco certo dessa vez. Suas costelas estalam e a dor é forte demais para conter o grito. Você ouve sua voz ecoar pela planície pedregosa e sua mão direita esmaga um pequeno seixo entre os dedos. Com essa força poderia lutar e feri-lo, mas seria arriscado, pois se ele tiver uma arma de curto alcance, ceifará sua vida em segundos, sabe o quão bom ele é.

Os pelos vão te proteger do sol e possivelmente de algum novo impacto, mas vão diminuir sua velocidade na água. Bem, o que isso importa? Quando seus olhos se abrem, você se assusta com sua nova percepção de mundo, tudo ao seu redor pode ser visto ao mesmo tempo, as cores são mais vivas. Em contrapartida, a profundidade é comprometida; imagens de objetos distantes se tornam borradas e indecifráveis, é o preço que se dispôs a pagar, não é?

Seus músculos fortes colocam seu corpo de pé e então agora você pode correr. Conforme seus pés tocam o chão durante o galope, você sente a vibra-

ção causada pela água chocando-se contra as rochas subterrâneas, o indivíduo do qual foge está cada vez mais distante, você sente o cheiro dele enfraquecendo e isso faz seu coração bater num ritmo diferente, acelerado, mas de um jeito bom. Por fim, você alcança a formação rochosa e encontra a abertura no solo pela qual pode ver a água refletindo a luz solar criando imagens abstratas nas paredes cinzentas, como se fossem teias de vidro que se movem aleatoriamente.

Você tem um pouco de dificuldade de passar pela abertura, pois seu corpo ocupa um espaço maior que o previsto. Sua única alternativa é espremer-se e você o faz. Seus ombros ficam presos e o desespero começa a tomar conta de sua consciência. Seus pés ficam no chão e impulsionam seu corpo para dentro, mas você está lutando contra uma força que não pode vencer. Sente a dor da pele sendo lacerada por arrastá-la contra as rochas, depois sente os ossos sendo pressionados e estalarem como se estivessem trincando, seus dentes se encontram e seu maxilar trava, impedindo o grito de dor. Você sente que está conseguindo passar pela abertura, é incômodo, doloroso, mas é a única forma de escapar. Boa parte do seu volume já passou pelo maldito buraco, seus pés firmes empurram o corpo cada vez mais pesado. Num momento inesperado você atravessa a abertura e cai direto na água fria e transparente; sim, ao contrário do que imaginou, a água está fria. Sua boca se enche com aquele líquido tão precioso e você sente o gosto ferroso, sem perceber feriu a boca enquanto lutava para não gritar, só então começa a notar as dores que se espalham por seu corpo, latejando e arrancando tortuosas caretas daquilo que você compreende como face.

Depois de horas dentro da correnteza, você agarra-se à margem e sobe para uma pedra chata, já não está mais no subterrâneo, os dois sóis são visíveis no céu, assim como os grandes anéis que circundam o planeta, criando uma maravilhosa linha prateada que atravessa a abóbada celeste numa trajetória diagonal. Você se sente melhor, seus ferimentos foram regenerados e não sente mais o cansaço de antes, no entanto, precisa se alimentar.

Você sabe que não terá descanso de fato enquanto ele estiver em seu encalço. Mas sobreviver o maior tempo possível já parece ser um grande feito. Aproveitando-se de sua forma e da força que possui, você consegue pescar alguns *lamutis*, que não são muito gostosos, mas não está em posição de escolher. Sem poder fazer fogueira para não atrair o caçador, você abate os animais e começa a comê-los crus mesmo. A primeira dentada foi maravilhosa, a textura macia,

a carne viscosa, o fluido doce escorrendo do animal direto para sua garganta, fazem você sentir-se com vida, com energia e com as esperanças revitalizadas. No entanto, enquanto come, sua forma começa a mudar e seu corpo pouco a pouco perde as características da besta que havia se tornado. De estômago ainda vazio, você precisa encarar essa refeição e então, a segunda dentada não é tão prazerosa. A carne é viscosa demais, o sangue do animal é amargo, a textura da pele é limosa e rugada, seus dentes mal apertam a carne, pois, sua garganta começa a se fechar por conta do nojo que sente. Entendendo que essa é a única maneira de sobreviver, você respira fundo e engole uma porção de carne, depois outra e outra e outra, até não restar mais nada a ser devorado. Agora precisa lutar para manter tudo dentro do estômago. Em primeiro lugar porque precisa da energia que a alimentação vai te proporcionar, e em segundo, porque se vomitar, o caçador encontrará resquícios e saberá que está mais fraco e com isso intensificará a caçada.

De estômago cheio, logo você começa a sentir os olhos pesados e sua boca abre-se involuntariamente por conta dos constantes bocejos. Você sente medo de dormir, o medo faz sua espinha gelar e sua pele arrepiar-se, seus ouvidos parecem se abrir procurando algum som que não seja o rugido do rio à sua frente. Você sabe que o *cérebro leptônico* seria de grande auxílio, com ele poderia ter acesso aos satélites que estão em órbita do planeta e com isso mapear o terreno ao seu redor, além de poder estar sempre ciente da distância entre você e o caçador de recompensas. No entanto, ele saberia sua exata posição enquanto ele estiver ativo. Seus dedos se fecham sobre a palma da mão e você se percebe esmurrando sua própria perna.

Com as mãos você coleta água do rio e lava o rosto por diversas vezes, mas isso não ajuda muito, o sono insiste em dominar seu corpo e você não entende o porquê. Sentindo os músculos tremerem e abalarem seu corpo, sente a necessidade de mais uma dose do mutagênico e agora compreende de onde vem o sono. Cada vez que teu corpo passa pela metamorfose, consome energia demais e para recuperá-la é preciso descanso e alimentação adequada, o que você não tem há tempos, e como percebeu, está usando o mutagênico com uma frequência cada vez maior. Sabe o que significa, só não quer admitir.

Você salta novamente no rio e deixa que as águas levem seu corpo para longe. Se é que ainda pode confiar em suas memórias, esse rio poderá levá-lo para perto de um vilarejo, onde poderá conseguir alimentação e talvez um veículo.

Você abre os olhos depois de sentir um impacto contra suas costelas. O susto e a dor faz com que se lance para a margem e se arraste para fora do rio. Sem perceber, você dormiu e não sabe por quanto tempo. O céu está com um tom escuro de roxo e a única coisa luminosa nele são os anéis prateados cortando o manto da noite. Sem a referência de quando os sóis se puseram é impossível saber quanto tempo tem até amanhecer novamente. Você está com frio, sente seu corpo enrugado e suas juntas doloridas, além da tremedeira. Sente o nariz escorrendo, os lábios secos e rachados indicam que está com febre, pode ser qualquer coisa: parasitas, hipotermia, insolação, resfriado ou veneno de algum animal que o mordeu sem que percebesse, mas não dá para ter certeza sem ligar o maldito cérebro inorgânico, o mesmo dispositivo que pode salvar sua vida, também pode colocar sobre você uma imensa seta em neon. Você precisa tomar uma decisão rápida.

Com uma olhada despreziosa ao redor você percebe um bosque há poucos metros, as árvores são próximas e de coloração roxa. Isso é medonho, sente isso na pele, mas lhe conferirá certo nível de camuflagem... ou melhor, poderia conferir, mas você deixou o traje para trás. Mesmo assim, adentra o bosque buscando refúgio.

O caminho é escuro e solitário, nada por ali emite qualquer som, com exceção das plantas quando você esbarra nelas; as diurnas só sussurram, mas as noturnas rosnam. É apavorante, não importa quantas vezes ouça isso, você não consegue se acostumar. Sua mente é assaltada por uma lembrança antiga, a primeira vez que viajou para fora de seu planeta natal você tinha apenas seis anos e foi justamente para *Kalyos*. Não é uma viagem muito divertida para uma criança, mas os prédios monumentais, apartamentos flutuantes e hologramas com IA lhe encantaram como nada havia feito antes. E por ironia do destino, foi naquele planeta que sua primeira filha nasceu; agora você sente um aperto no peito, os passos se tornam ritmados com os batimentos cardíacos e a saudade soma-se ao medo fazendo com que seu raciocínio seja diminuído gradativamente.

A exaustão atinge seu corpo, você sente seus músculos rígidos e doloridos, a língua seca e áspera clama por um gole d'água, o estômago dói — talvez por não estar conseguindo digerir os *lamutis* que comeu — sua cabeça dói e seu sistema de orientação não está funcionando muito bem. Sua mão toca a grossa casca de uma árvore e você sente ela mover-se lentamente como se estivesse respirando enquanto dorme. Você

sabe que não pode mais avançar, precisa de remédios ou ligar o cérebro artificial para que os nanorobôs te curem.

Você acorda suando e tremendo, dores lancinantes tomam conta de seus membros, sua cabeça parece inchada e sente o melado descendo pelo pescoço. Está muito escuro, mas quando você toca-o e cheira-o compreende que é sangue, seus ouvidos estão sangrando. Agora você tem certeza que precisa de ajuda, há veneno no seu corpo, talvez de algo dentro dos *lamutis*, ou algo no rio que você não conseguiu perceber. Os ossos de sua face tilintam e esse fato aumenta tua preocupação, pois, à noite esse tipo de som pode se propagar por muitas centenas de metros, funcionando como um sonar para um caçador habilidoso como ele. Você se levanta apoiando-se nas árvores e começa a caminhar sem rumo. Seus pés sentem o chão úmido e macio, levemente escorregadio com pequenos talos de folhas a espetar os vãos entre os dedos. Seus passos trôpegos te levam por um caminho desconhecido e de forma completamente descuidada você deixa para trás uma trilha de galhos tortos e partidos, lembra-se dos erros cometidos, mas não consegue prevêê-los, isso é muito ruim para alguém que está fugindo.

Seu estômago parece estar revirando e você começa sentir um gosto azedo subir pela garganta ao mesmo tempo que a boca começa a salivar, é inevitável, não conseguirá manter seu almoço dentro de ti. Enquanto para buscando respirar de maneira confortável escuta estalos distantes; ele está chegando. Você tenta segurar, mas não consegue, seus joelhos dobram-se e tu caís ao chão enquanto regurgita os *lamutis*; ou que restou deles. Sente a fraqueza tomar conta de seu corpo de uma maneira que nunca havia sentido. Instintivamente, tua mão mergulha no compartimento refrigerado e envolve um tubo de mutagênico.

O líquido branco fluorescente parece atraente, no entanto, você sabe que após tomar essa dose só restarão mais duas; e sabe que seu estado atual se dá parte por contaminação e parte por abstinência. Relutante, leva o frasco aos lábios ainda com o lacre. Escuta os passos do caçador aproximando-se, pisando sobre folhas encharcadas e fungos crepitantes. Sem opção melhor você sorve a porção em dois goles: o primeiro gera uma sensação de refrescância em toda sua boca, deixa a língua um pouco sensível, mas logo essa sensibilidade é atenuada pela película aveludada com sabor adocicado deixado pelo composto; o segundo gole eleva seus níveis de satisfação, você sente o doce com nota final azeda descer pela garganta e instintivamente fecha os olhos e inspira demoradamente. Após

expirar, põe-se a caminhar ainda de maneira tortuosa.

Sua mente começa a resgatar memórias há muito tempo enterradas e isso desencadeia diversas reações negativas em seu corpo: dores, fisgadas, tremedeiras, lágrimas e soluços, além da vontade de sentar e chorar. A segunda filha você nunca conseguiu esquecer, morreu por conta da sua vida dupla. A cena é muito clara em sua mente. Você saindo da loja de conveniências do espaçoporto marciano, a aeromoto passa em frente à loja e o condutor dispara uma granada de fragmentação — o alvo era você, mas por estar sempre pensando na sua segurança, vestia um traje protetor; a menina não. Inevitavelmente a imagem do menino, o terceiro filho, lhe vêm à mente. Não sabe como está, faz muito tempo que não o vê, fica com saudades e por algum motivo sente no fundo do âmago que não tornará a vê-lo.

O arrependimento de uma vida criminosa lhe cai sobre os ombros imaginários da consciência, mas agora é muito tarde. Por mais que corra, ele irá te alcançar e você sabe disso. Sente seu corpo transmutando novamente, dessa vez é mais dolorido, suas energias estão no fim e você não sabe se conseguirá completar a metamorfose. Sua pele se estica para acomodar a nova musculatura, que se expande lentamente acompanhando o crescimento paulatino dos ossos. Você ouve seus próprios gemidos, tenta controlá-los, mas falha miseravelmente. A escuridão torna-se agradável aos seus novos olhos capazes de enxergar na penumbra, seus ouvidos tornam-se mais sensíveis, assim como o olfato. Sente suas costelas se afastarem e uma membrana de pele começa a ligar seus braços às pernas; como os membros de um extinto *passagão amarelo*.

Você está ofegante, mal consegue trocar as passadas. Seu corpo desaba e passa a arrastar-se sobre aquela superfície permeada de matéria orgânica em decomposição. Suas garras cravam-se no chão e teus doloridos bíceps forçam seu corpo para frente, desesperadamente você move os quatro membros como se estivesse nadando, na tentativa de avançar para longe. Inexplicavelmente, sua vontade de provar mais uma dose do mutagênico surge novamente e desta vez ainda mais forte. Mas você pondera por alguns instantes e conclui que se parar para tomá-lo, perderá segundos preciosos de vantagem.

Seus ouvidos captam os passos do caçador e ele está bem próximo. O cheiro dele invade suas narinas fazendo você sentir uma repulsa regurgitativa. Você sente a necessidade de olhar para trás e medir a distância que há entre vocês. Tudo brilha num tom de

cinza, ele está avançando lentamente com o rifle nas costas e um computador no antebraço. Você percebe que ele está te rastreando de alguma forma, não pode ser pelo rastro de calor, pois, o mutagênico baixa sua temperatura para igualar ao ambiente. Seu cheiro está muito diferente, então só pode ser... um rastreador, possivelmente implantado com o último disparo que atingiu seu ombro.

Sem forças para avançar você deita olhando as copas das árvores e respira com dificuldade, sente o ar úmido passear por sua pele — como mãos de fadas acariciando teu corpo antes de lhe levarem para o descanso eterno. Ele se aproxima, sorridente e observa você por alguns momentos. Seus olhos buscam conforto no céu roxo que se projeta pelas falhas nas copas das árvores, mas ele lhe tira esse último prazer. Caminha sobre teu corpo e lhe encara com muito ódio estampado na face. O rosto coberto por pelos castanhos, a bandana vermelha amarrada à cabeça e a jaqueta de couro com o emblema da *Fianny* são mais aterrorizantes que o próprio rifle de plasma a poucos centímetros de seus olhos.

“Agora acabou!”

A voz de Rodamo é grave e carregada, você sente todo o peso do ódio que ele carrega por ti, tudo o que causou de sofrimento a ele e a família dele. Você compreende que poderia ter evitado tudo isso se não o tivesse traído. Ele confiava em você, mas você sabia um segredo do qual ele não poderia desconfiar — a identidade secreta de Bárbara, a esposa dele. Jamais havia lhe passado pela cabeça que colocá-lo no caminho da maior saqueadora da galáxia acabaria de forma tão inusitada, uma pena as coisas não terem saído como planejadas; ele morrer nas mãos da esposa mascarada teria sido perfeito, você sabia do segredo dela e estenderia o ombro amigo, mas não foi assim que aconteceu. Ela ter sobrevivido e você não estar só quando a encontrou naquele asteroide, também foi uma grande sacanagem do destino. Ela colocou toda a culpa em você, disse que a emboscou e mesmo a reconhecendo, a atacou. Ela conseguiu manter a outra identidade em segredo e de quebra — antes de morrer — colocou em seu encalço o melhor caçador de recompensas do quadrante. Acreditou que poderia fugir, mas o que você esperava de um cara como ele? Um guerreiro destemido. Um veterano, amante de aventuras, motos e armas... Não se mexe com um *cambutó* sem levar ferroadas.

Maldita ambição. Você se arrepende de tramar contra Bárbara e Rodamo, mas é muito tarde. Não foi uma escolha muito sábia colocar um contra o outro,

eles não se reconheceram por baixo das máscaras; uma pena. Teria sido perfeito se tivessem matado um ao outro, teria sido poético, mas não foi. Seus filhos vão perder-te, assim como os dele perderam a mãe pirata saqueadora e o pai; que se tornou um vingador extremista. Você abre a boca e busca ar, tenta proferir suas últimas palavras, mas ele não permite.

FIM

Pricila Elspeth, 37, paulistana, historiadora, ativista das causas LGBTQIAP+ e etnicoraciais, tem livros publicados pela editora Medusa e Cartola editora, além de publicações em revistas, como: *Filhas da vassoura* e *Terror box* e livros publicados de forma independente. Pricila tem um podcast chamado “*Contos da pel*”, no Spotify e no YouTube. Para conhecer mais sobre a autora, pode segui-la no Instagram [@pricila_elspeth](https://www.instagram.com/pricila_elspeth) e também acessar sua página no Medium:

https://medium.com/@pricilaelspeth/meus-links-1c0c8fb83d9f?fbclid=PAAabvRINdjIpOFDI-8fvI-JHM9kTR6C-SqZ3A62fuNgGJfJb9_y149tE8OWE4



Crédito: Rubens Angelo/MidJourney

Quer publicar seu conto na Somnium?

Muita gente me pergunta o que é preciso para ser selecionado, mas a verdade é que não há fórmula nem regra rígida. Se você gosta de literatura de ficção científica, curte histórias instigantes que te faz pensar, então já está no caminho certo. Aceitamos todo o tipo de histórias fantásticas, sejam aventuras espaciais com monstros e robôs, sejam viagens intimistas entre dimensões paralelas. Você imaginou uma história que se passa em um outro mundo, onde os homens cavalgam dragões alados e se armam com cristais que emitem poderosos raios — como magia? Nós gostamos disso também! Os limites estão na sua imaginação e queremos mesmo que exercite ela. Publicamos textos grandes, médios e pequenos — quer mandar uma ficção-relâmpago com 500 palavras? Publicamos também! Então espero que tenha ficado claro: não há regras de tamanho nem temas melhores ou piores. Queremos boas histórias!

Bem, dito tudo isso, agora vamos a algumas dicas de ouro, que certamente farão seu conto ter mais chances de ser selecionado:

- Escreva de um jeito simples e direto, de forma que o leitor entenda tudo o que você quer dizer. Excessos de termos técnicos, frases longas ou descrições demoradas podem atrapalhar o entendimento do texto.
- Revise seu texto (ou peça para um amigo fazê-lo). Um conto bem escrito, sem erros de português, é sempre um conto melhor.
- Tenha consciência de que tudo que está no texto é necessário. Contos longos exigem mais técnica literária e suas chances de errar aumentam. Por vezes, menos é mais.
- Conte uma história, debata uma ideia, mas lembre-se que é sempre bom mostrar personagens que sintam, que desejem, que sofram, que vivam ou que morram. Bons personagens seguram o leitor e são os seus olhos e ouvidos no mundo ficcional que você criou.

É obrigatório falar do Brasil ou ter personagens brasileiros? É claro que não. Mas tenha em mente que grandes autores falam daquilo que conhecem bem, daquilo que têm alguma intimidade. Como brasileiros, conhecemos bem o nosso lugar, nossa cultura, nossa frustração. Esteja preparado para críticas e sugestões. Os textos publicados

passam por um processo de leitura crítica do editor junto ao autor, é assim que profissionalizamos nossa literatura. Mal posso esperar para ler e publicar suas histórias!

Envie seu texto para o email:

envio-somnium@clfc.com.br

E coloque no assunto a palavra “CONTO”.

Rubens Angelo, Editor